



**Universidade de São Paulo – USP**

**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH**

**Departamento de Geografia**

**Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana**

**Memorial de Qualificação  
Mestrado em Geografia Humana**

**Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Gênese e Desenvolvimento de Dois  
Centros Regionais do Interior do Nordeste Brasileiro**

Candidato: Paul Clívilan Santos Firmino  
Orientador: Prof. Dr. Armen Mamigonian

São Paulo, Março de 2014

**Paul Clívilan Santos Firmino**

**Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Gênese e Desenvolvimento de Dois Centros Regionais do Interior do Nordeste Brasileiro**

Memorial de Qualificação do Projeto de Mestrado “Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Gênese e Desenvolvimento de Dois Centros Regionais do Interior do Nordeste Brasileiro”, submetido ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH da Universidade de São Paulo – USP.

Linha de Pesquisa: Território, Economia e Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Armen Mamigonian.

São Paulo, Abril de 2014

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>03</b>
<b>PARTE I – Relatório das Atividades Acadêmicas.....</b>	<b>04</b>
1. Disciplinas Cursadas no Programa de Pós-Graduação de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH da Universidade de São Paulo/USP.....	05
1.1. Seminários de Disciplinas.....	21
2. Programa de Aperfeiçoamento de Ensino – PAE.....	23
3. Participação em Eventos Acadêmicos.....	25
4. Apresentações e Publicações de Trabalhos.....	39
5. Editais Concorridos de Bolsa de Pesquisa e Estágio.....	40
6. Atividades de Pesquisa.....	42
6.1. Bibliografia Levantada.....	42
6.2. Grupos de Estudos.....	51
6.3. Sites Consultados.....	53
6.4. Trabalho de Campo.....	53
6.5. Próximos Passos da Pesquisa.....	56
<b>PARTE II – Projeto de Pesquisa.....</b>	<b>57</b>
1. Introdução e Justificativa.....	58
2. Objetivos.....	63
2.1. Objetivo Geral.....	63
2.2. Objetivos Específicos.....	63
3. Hipótese.....	64
4. Problematização.....	64
5. Fundamentação Teórico-Metodológica.....	73
6. Cronograma.....	76
<b>PARTE III – Avanços Realizados na Dissertação.....</b>	<b>77</b>
1. Plano de Redação.....	78
2. Proposta de Sumário da Dissertação de Mestrado.....	80
3. Capítulo 1 – Gênese e Evolução: os alicerces do desenvolvimento econômico no agreste nordestino.....	82
4. Esboço para o Tópico 2.2. do Capítulo 2 – Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: a propósito da formação socioespacial de dois centros regionais do agreste nordestino.....	137
5. Referências.....	148

## **APRESENTAÇÃO**

O presente relatório de qualificação refere-se as atividades acadêmicas que foram desenvolvidas durante o caminho trilhado no Mestrado em Geografia Humana do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana/PPGH, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, da Universidade de São Paulo/USP. O mesmo diz respeito ao período que se estende do mês de agosto de 2012 a meados de fevereiro de 2014.

No que se refere a pesquisa, esta está sendo desenvolvida no LABOPLAN, com a orientação do Professor Dr. Armen Mamigonian e conta com uma bolsa de mestrado financiada desde agosto de 2013 pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP, com previsão de término para o mês de julho de 2015, perfazendo-se um período de 24 meses. O conteúdo do relatório abrange desde as disciplinas cursadas e seus respectivos seminários, participação em palestras, minicursos, eventos, grupos de discussão no Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental/LABOPLAN, até o estado atual do desenvolvimento da pesquisa, com uma estruturação apresentada mediante três partes.

A primeira parte do relatório está relacionada com todas as atividades acadêmicas desenvolvidas no período citado anteriormente, abrangendo disciplinas cursadas, monitória no Programa de Aperfeiçoamento de Ensino – PAE, participação em eventos, apresentação e publicação de trabalhos, participação em grupo de estudo, atividades envolvendo a pesquisa etc. Essas foram atividades que contribuíram para o entendimento e desenvolvimento da pesquisa.

Na segunda parte será apresentado o projeto de pesquisa com introdução acerca do tema apresentado e a justificativa, objeto geral e seus respectivos objetivos específicos e problematização e a fundamentação teórico-metodológico, bem como uma proposta de cronograma de atividades.

Na terceira e última parte tem-se os avanços realizados até o presente momento, apresentando uma proposta de sumário, um plano de redação, o desenvolvimento de um capítulo da dissertação e suas respectivas referências. Essa apresentação do estágio atual da pesquisa já tenta responder algumas indagações e trazer à tona questões centrais da pesquisa.

## **PARTE I**

### **Relatório das Atividades Acadêmicas**

## 1. DISCIPLINAS CURSADAS NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE GEOGRAFIA HUMANA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS/FFLCH DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/USP

Neste momento da pesquisa a escolha de disciplinas que servissem de apoio e de base teórica para o andamento da mesma, foi de fundamental importância para direcionar os melhores caminhos a serem trilhados. As disciplinas elencadas para o momento de cumprimento de créditos foram a disciplina “*Espaço Geográfico, Urbanização e Finanças*”, ministrada pelo Prof. Dr. Fabio Betioli Contel; a disciplina “*Federalismo e Regionalismo Político no Brasil*”, ministrada pelo Prof. Dr. André Roberto Martin; e por fim a disciplina “*Território e Circulação*”, ministrada pela Profa. Dra. María Mónica Arroyo.

A disciplina “***Espaço Geográfico, Urbanização e Finanças***” teve sua importância no que se refere ao entendimento das atividades financeiras difundidas no espaço geográfico, ao mesmo tempo em que possibilitou o contato com referências não somente de autores da Geografia como de outras áreas do conhecimento, estimulando a leitura e a discussão em sala, mediante leituras realizadas previamente: Arrighi (1994), Braudel (2005), Dicken (2010), Santos (1979), Santos e Silveira (2001) etc. Nesta disciplina foi solicitado como forma de avaliação que o aluno apresentasse um seminário sobre uma das leituras obrigatórias, de preferência que tivesse relação com a pesquisa que o aluno estivesse desenvolvendo; outra forma foi a entrega de um artigo que fossem utilizadas referências da disciplina e que também estivesse condizente com a pesquisa. Assim, o seminário de apresentação teve como leitura a IV parte do livro “*Por uma outra Globalização*” de Milton Santos (Território do dinheiro e da fragmentação) e o artigo produzido teve como tema “*A força do circuito inferior: o papel da feira livre na economia urbana de Arapiraca/AL*”.

A disciplina “***Federalismo e Regionalismo Político no Brasil***” foi importante por instigar a reflexão sobre a ideia federativa e as manifestações políticas regionais. Para tal, os ricos debates travados despertava para o entendimento do federalismo brasileiro e os regionalismos existentes no país, tendo como base algumas referências: Dantas (1978), Mello (s/d), Guerra e Guerra (1964), Markusen (1981) etc. Como forma de avaliação foi indicado a leitura e fichamento das leituras obrigatórias e ao mesmo tempo a realização de

seminário (este podendo ser em dupla ou individual) a partir dos pontos do programa da disciplina. Portanto, o seminário apresentado tratava sobre o estado de Alagoas e sua emancipação do estado de Pernambuco com o título “*Alagoas: 16 de setembro de 1817*”.

A terceira e última disciplina cursada foi “**Território e Circulação**”. A mesma permitiu o aprofundamento no que se refere ao entendimento das redes e fluxos, desde suas mudanças e manifestações até seu papel na formação socioespacial. Neste contexto tomou a circulação para compreender a indivisibilidade do espaço geográfico. Foi realizada uma importante investigação sobre a evolução dos transportes e um amplo debate a respeito da circulação. Autores como Polanyi (1980), Rochefort (1998), Santos (1979a, 1996), Vallaux (1914), Vasconcellos (2012) etc. foram fundamentais para as discussões que envolvia a disciplina. A forma de avaliação foi a partir de apresentação de seminário e entrega de um artigo versando sobre um dos tópicos do programa da disciplina. Sendo assim, foi apresentado o seminário sobre o capítulo 5 (Espaço e Dominação: uma abordagem marxista) do livro “*Economia Espacial: críticas e alternativas*” de Milton Santos. Foi também entregue um artigo intitulado “*Alagoas nas Vias dos Transportes: usos do território e o novo período da história da humanidade*”.

- **Espaço Geográfico, Urbanização e Finanças – FLG 5093-1/4:**

**Docente Responsável:** Prof. Dr. Fabio Betioli Contel;

**Início:** 23 de Agosto de 2012;

**Término:** 06 de Dezembro de 2012;

**Criação:** 13 de Janeiro de 2009;

**Ativação:** 17 de Fevereiro de 2009;

**Nº de Créditos:** 8 créditos;

**Área de Concentração:** Geografia Humana – 8136.

Resultado Obtido pelo Mestrando na Disciplina:

**Frequência:** 100%;

**Conceito Obtido:** A;

**Créditos Obtidos:** 8 créditos.

Carga Horária				
Teórica (Por semana)	Prática (Por semana)	Estudos (Por semana)	Duração	Total
4	4	2	12 semanas	120 horas

**Objetivos:**

Identificar as principais formas de relação do fenômeno das finanças com o espaço geográfico e as cidades. Analisar os diferentes sistemas de objetos e sistemas de ações que permitem a difusão geográfica da atividade financeira no mundo contemporâneo.

**Justificativa:**

A relação do fenômeno das finanças com o espaço geográfico acompanha praticamente toda a história da humanidade. Desde o surgimento das primeiras moedas e dos mecanismos arcaicos de concessão de crédito, as finanças têm cumprido um importante papel na organização geográfica dos Estados-nação, das cidades, das empresas e das famílias. Atualmente, este papel dos intermediários financeiros parece ter ganho uma dimensão ainda mais importante, já que pode-se considerar as finanças (assim como a informação) como um dos principais pilares do período da globalização. Neste sentido, estamos propondo identificar quais os principais elementos do espaço geográfico (sistemas técnicos, normas, atores) que atualmente tem papel central na mundialização financeira.

**Conteúdo:**

1. Cidades, bancos e moedas: as finanças e o espaço geográfico na história 2. O marxismo clássico e as finanças: Lênin, Hilferding e Bukharin 3. Técnicas, normas, finanças e informação na urbanização do território brasileiro 4. Urbanização e intermediação financeira na difusão do meio técnico-científico no Brasil 5. Creditização do território e desenvolvimento do sistema financeiro e bancário brasileiros 6. Mundialização financeira e a nova divisão internacional do trabalho 7. Da política dos Estados a uma política das empresas: privatização e internacionalização bancária no Brasil 8. A capilaridade dos sistemas de ação financeiros: das agências bancárias aos canais eletrônicos 9. A nova topologia bancária e o fenômeno do endividamento no período da globalização. 10. Apogeu do capital financeiro: “fim da geografia”?



### **Forma de Avaliação:**

Leitura da bibliografia indicada no programa e das demais referências trazidas ao longo do curso; realização de seminários; será solicitado ao aluno um texto escrito (entre 10 e 15 p.), que tenha como tema um dos pontos do programa.

### **Bibliografia:**

ABRAMOVAY, Ricardo. “Alcances e limites das finanças de proximidade no combate à inadimplência. O caso do Agroamigo”. FIPE. Texto para discussão 10. São Paulo. 2008. 40p.

AGNES, Pierre. “The ‘end of geography’ in financial services? Local embeddedness and territorialization in the interest rate swaps industry”. In *Economic Geography* Vol. 76, no. 4, 2000, pp. 347-366.

ALESSANDRINI, Pietro, Andrea Presbitero e Alberto Zazzaro. “Global banking and local markets: a national perspective”. In *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society* no. 2, 2009, pp. 173-192.

AMADO, Adriana Moreira. “Impactos regionais do processo de reestruturação bancária do início dos anos 1990”. In CROCCO, Marco e Frederico Jayme Jr. (orgs.). *Moeda e territórios: uma interpretação da dinâmica regional brasileira*. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2006, pp. 147-168.

ARRIGHI, Giovanni (1994). *O Longo século XX. Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. São Paulo: Contraponto/UNESP, 2000.

ARROYO, Mónica. “A vulnerabilidade dos territórios nacionais latinoamericanos: o papel das finanças”. In LEMOS, Amália Inés, María Laura Silveira e Mónica Arroyo (orgs.). *Questões territoriais na América Latina*. São Paulo/Buenos Aires: Universidade de São Paulo/CLACSO. 2006. pp. 77-190.

BAER, Mônica. *A Internacionalização Financeira no Brasil*. Petrópolis. Editora Vozes. 1986.

BRAUDRILLARD, Jean (1968). *O Sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva. 1993.

BERNARDES, Adriana. “A nova divisão territorial do trabalho brasileira e a produção de informações na cidade de São Paulo (as empresas de consultoria)”. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001, pp. 413-432.

BRAUDEL, Fernand (1979). *Civilização Material, Economia e Capitalismo. Séculos XV-XVIII. (3 vols.)*. São Paulo. Martins Fontes. 2005.

BUKHARIN, Nicolai (1915). *O Imperialismo e a Economia Mundial. Análise Econômica*. Rio de Janeiro. Editora Laemmert. 1969.

CHESNAIS, François. “Mundialização financeira e vulnerabilidade sistêmica”. In CHESNAIS, François (coord.). *A Mundialização Financeira. Gênese, Custos e Riscos*. São Paulo. Xamã Editorial. 1998, pp. 249-293.

CHOSSUDOWSKY, Michel. *A Globalização da pobreza. Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial*. São Paulo: Editora Moderna. 1999.

CLARK, Gordon e Darius Wójcik. *The Geography of finance. Corporate governance in the global marketplace*. Oxford: Oxford University Press. 2007.

COHEN, Benjamin. *The Geography of Money. Ithaca/London*. Cornell University Press. 1998.

CONTEL, Fabio. *Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil*. São Paulo: Annablume. 2011.

\_\_\_\_\_. “Espaço geográfico, sistema bancário e a hipercapilaridade do crédito no Brasil”. In *Caderno CRH* Vol. 22, no. 55. 2009, pp. 110-134.

CORDEIRO, Helena Khon. “A circulação da informação no espaço brasileiro e o sistema bancário”. In *Geografia* (Rio Claro), Vol. 16, no. I, 1991, pp. 23-36.

CORRÊA, Roberto Lobato. (1989). “Concentração bancária e os centros de gestão do território”. In CORRÊA, R. L. *Estudos Sobre a Rede Urbana*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2004.

CORREA, Vanessa Petrelli. “Distribuição das agências bancárias e concentração financeira nas praças de maior dinamismo econômico – um estudo dos anos 1980 e 1990”. In GONZAGA Jr., Frederico e Marco Crocco (orgs.). *Moeda e território*. Belo Horizonte: Autêntica. 2006, pp. 169-209.

COSTA, Fernando Nogueira. *O Brasil dos Bancos*. São Paulo: edusp. 2012.

CROCCO, Marco e Frederico Jayme Jr. (orgs.). *Moeda e território: uma interpretação da dinâmica regional brasileira*. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2006.

DIAS, Leila. *Réseaux d’Information et Réseau Urbain au Brésil*. Paris. L’Harmattan. 1995.

\_\_\_\_\_. “Por que os bancos são o melhor negócio no país?” Hegemonia financeira e geografia das redes bancárias. In ALBUQUQUERQUE, Edu (ed.). *Que País é Esse?* São Paulo. Editora Globo. 2005. pp. 27-62.

DIAS, Leila e Maria H. Lenzi. “Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores”. In *Caderno CRH* Vol. 22, no. 55. 2009, pp. 97-117.

DICKEN, Peter. *Mudança global. Mapeando as novas fronteiras da economia mundial*. Porto Alegre: Artmed. 2010.

DIMSKY, Gary. “The Global financeira customer and the spatiality of exclusion after the ‘end of geography’”. In *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society* no. 2, 2009, pp. 267-285.

DOBB, Maurice (1963). *A Evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores (6ª ed.). 1977.

DOLFFUS, Olivier. “L’Espace financier et monétaire mondial”. In *L’Espace Géographique* No. 2. 1993. pp. 97-102.

GIDDENS, Anthony. *A Constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes. 1989.

\_\_\_\_\_. *As Consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp. 1991.

GOLDFINGER, Charles. *La Géofinance. Pour Comprendre la Mutation Financière*. Paris. Seuil. 1986.

GUTTMANN, Robert. “Uma introdução ao capitalismo dirigido pelas finanças”. In *Novos Estudos CEBRAP* no. 82. 2008, pp. 11-32.

GUTTMANN, Robert e Dominique Plihon. “O endividamento do consumidor no cerne do capitalismo conduzido pelas finanças”. In *Economia e Sociedade* Vol. 17, 2008, pp. 575-610.

HAGERSTRAND, Torsten (1953). *Innovation diffusion as a spatial process*. Chicago/London: The University of Chicago Press. 1967.

HARVEY, David. *Los Límites del capital y la teoría marxista*. México: Fondo de Cultura Económica. 1990.

HILFERDING, Rudolf (1909). *O Capital Financeiro*. São Paulo. Nova Cultural. 1985.

JINKINGS, Nise. *Trabalho e resistência na ‘fonte misteriosa’. Os bancários no mundo da eletrônica e do dinheiro*. Campinas: Editora Unicamp. 2002.

KUMAR, Anjali (coord.). *Brasil. Acesso a serviços financeiros*. Brasília: IPEA. 2004.

LABASSE, Jean. *Les Capitaux et la Région. Étude Géographique*. Paris: Librairie Armand Colin/Cahiers de la Fondation Nationale des Sciences Politiques - FNSP. 1955.

LABASSE, Jean. *L'Espace Financier. Analyse Géographique*. Paris: Armand Colin. 1974.

LEAMER, Edward e Michael Storper. “The economic geography in the internet age”. In *Journal of International Business Studies* Vol. 32, no. 4. 2001, pp. 641-665.

LENIN, Vladimir. *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. In V. I. Lenine. *Obras Escolhidas. Tomo I*. São Paulo. Editora Alfa-Ômega. 1986. pp. 578-671.

LEYSHON, Andrew. “The limites to capital and geographies of Money”. In *Antipode* Vol. 36, no. 3. 2004, pp. 461-469.

MARQUES, Rosa e Paulo Nakatani. *Capital fictício e sua crise*. São Paulo: Brasiliense (Col. O que é?). 2009

MARTIN, Ron. *Money and the Space Economy*. Sussex. John Wiley and Sons. 1999.

MENEZES, Melissa S. e Marco A. Crocco. “Sistemas de moeda local: uma investigação sobre seus potenciais a partir do caso do Banco Bem em Vitória/ES”. In *Economia e Sociedade* Vol. 18, no. 2. 2009, pp. 371-398.

MINELLA, Ary. “Reforçando a hegemonia financeira privada: a privatização dos bancos estaduais”. In: ALVIM, Vládir e Alceu Ferreira (orgs.). *A Terra da Privatização. A Reestruturação Neoliberal do Estado*. Florianópolis. Editora Insular. 2001, pp. 49-72.

\_\_\_\_\_. “Maiores bancos privados no Brasil: um perfil econômico e sociopolítico”. In *Sociologias* (Porto Alegre), ano 9, no. 18, 2007, pp. 100-125.

- MONBEIG, Pierre. *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo. Difusão Européia do Livro. 1957.
- NORTH, Peter. "Scaling alternative economic practices? Some lessons from alternative currencies". In *Transactions of the Institute of British Geographers*. no. 30. 2005, pp. 221-233.
- O'BRIEN, Richard. *Global Financial Integration: the end of Geography*. New York: Council of Foreign Relations Press. 1992.
- PIRES, Hindemburgo. "Reestruturação inovativa e reorganização das instituições financeiras do setor privado no Brasil". In *Revista Geouery*. no. 2. 1997, pp. 65-79.
- SALVIANO Jr, Cleofas. *Bancos Estaduais: Dos Problemas Crônicos ao Proes*. Brasília. Banco Central do Brasil. 2004. 152p.
- SANTOS, Milton. *O Espaço Dividido. Os Dois Circuitos da Economia Urbana nos Países Subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro. Francisco Alves Editora. 1979.
- \_\_\_\_\_. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo. Editora Nobel. 1988.
- \_\_\_\_\_. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo. Editora Hucitec. 1996.
- \_\_\_\_\_. "O Dinheiro e o território". In *Geographia. Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFF*. Ano 1, no. 1. 1999. pp. 7-13.
- \_\_\_\_\_. *Por Uma Outra Globalização. Do Pensamento Único à Consciência Universal*. Rio de Janeiro. Record. 2000.
- SANTOS, Milton e María Laura Silveira. *O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Record. 2001.
- SASSEN, Saskia. *As Cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel. 1998.
- \_\_\_\_\_. "The embeddedness of electronic markets: the case of global capital markets". In KNORRCETINA, Karin e Alex Preda (Eds.). *The sociology of financial markets*. Oxford: Oxford University Press. 2005, pp. 17-37.
- SEGNINI, Liliana R. R. "Reestruturação nos Bancos no Brasil: desemprego, subcontratação e intensificação do trabalho". In *Educação e Sociedade*. Ano XX, no. 67, 1999, pp. 183-209.
- SILVA, Carlos Alberto F. da. "As Transformações da rede de gestão territorial do Banco Nacional S/A sob a égide da revolução telemática". In *Território*. no. 6. Laget/UFRJ. 1999, pp. 55-71.
- SILVEIRA, María Laura. "Metrópolis brasileñas: um análisis de los circuitos de la economía urbana". In *EURE*. Vol. 33, no. 100, 2007, pp. 149-164.
- \_\_\_\_\_. "Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo". In *Caderno CRH*. Vol. 22, no. 55. 2009, pp. 65-76.
- SINGER, Paul. *Para Entender o Mundo Financeiro*. São Paulo. Contexto. 2000.
- SORRE, Max. "Les capitaux et la région de Mr. Jean Labasse". In *Annales de Géographie* t. 64, no. 346. 1955, pp. 413-420.

STORPER, Michael e A. Venables. "O burburinho: a força econômica das cidades". In DINIZ, Clélio C. e Mauro B. Lemos (orgs.). *Economia e Território*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2005, pp. 21-56.

TAVARES, Maria da Conceição (1972). *Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro*. Rio de Janeiro. Zahar Editores (7ª. ed). 1978.

TEIXEIRA, Natermes Guimarães. *Origens do Sistema Multibancário Brasileiro. Das Reformas dos Anos 60 à Crise dos Anos 80*. Campinas. Instituto de Economia/UNICAMP. 2000.

TORNQVIST, Gunnar. "Flows of information and the location of economic activities". In *Geografiska Annaler Series B – Human Geography*. Vol. 50, no. 1, 1968, pp. 99-107.

THRIFT, Nigel e Andrew Leyshon. "Spatial financial flows and future global geography". In MABOGUNJE, Akin (ed.). *The State of the earth*. Oxford: Blackwell Publishers. 1997, pp. 279-304.

VENCO, Selma. *Telemarketing nos bancos. O emprego que desemprega*. Campinas: Editora Unicamp. 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel (1974). *O sistema mundial moderno*. Vol. 1. Porto. Edições Afrontamento. 1990.

WARF, Barney. "Telecommunications and the globalization of financial services". In *The Professional Geographer* Vol. 41, No. 3. 1987. pp. 257-271.

WERLEN, Benno. "Regionalismo e sociedade política". In *GeoGraphia – UFF*. Ano 2, no. 4, 2000, pp. 7-25.

- **Federalismo e Regionalismo Político no Brasil – FLG 5801-4/2:**

**Docente Responsável:** Prof. Dr. André Roberto Martin;

**Início:** 13 de Agosto de 2012;

**Término:** 26 de Novembro de 2012;

**Criação:** 23 de Novembro de 2009;

**Ativação:** 23 de Novembro de 2009;

**Nº de Créditos:** 8 créditos;

**Área de Concentração:** Geografia Humana – 8136.

Resultado Obtido pelo Mestrando na Disciplina:

**Frequência:** 100%;

**Conceito Obtido:** A;

**Créditos Obtidos:** 8 créditos.

Carga Horária				
Teórica (Por semana)	Prática (Por semana)	Estudos (Por semana)	Duração	Total
4	4	2	12 semanas	120 horas

**Objetivos:**

Discutir a relação existente entre a ideia federativa, voltada para a organização política da Nação, e as manifestações particulares de regionalismo político que privilegiam o específico em detrimento do geral. Do cotejamento dos dois discursos – o federalista e o regionalista –, pretender-se-á alcançar algum critério de medida para se avaliar até que ponto existe contradição ou complementariedade entre as propostas.

**Justificativa:**

Dadas as profundas desigualdades regionais do país, e também o desequilíbrio de poder entre as várias unidades da Federação brasileira, o tema se justifica, uma vez que a convivência com tais distorções compromete o desenvolvimento e até a unidade nacional.

**Conteúdo:**

O programa desenvolve-se em dois grandes módulos, um consagrado ao "federalismo" e outro ao "regionalismo". Em ambos o procedimento é o mesmo: parte-se inicialmente de uma discussão teórico-conceitual, para em seguida examinarem-se manifestações histórico-concretas de ambos os fenômenos.

**Módulo A)** 1 – Problemas da teoria do Estado: sistemas de governo, regimes políticos e formas de Estado; 2 – Problemas de teoria do Estado: centralização e descentralização do poder; 3 – O Estado Federal: teoria e história; 4 – O federalismo brasileiro e suas peculiaridades; 5 – Redivisão territorial e equilíbrio federativo; 6 – Municipalismo e poder local. **Módulo B)** 7 – O regionalismo como fenômeno político; 8 – A diversidade regional no Brasil e seus reflexos no sistema político; 9 – O regionalismo Nordeste; 10 – O regionalismo gaúcho; 11 – O regionalismo amazônico; 12 – O imbricamento das questões federal e regional: o caso brasileiro.

**Forma de Avaliação:**

Leitura e fichamento da bibliografia indicada no programa e das demais referências trazidas ao longo do curso e realização de seminários em grupos que tenha como tema um dos pontos do programa e da pesquisa individual de cada pós-graduando.



## **Bibliografia:**

- ANTAS, I. "Conteúdo político do liberalismo". In Rev. Brás. de Estudos Políticos nº 46, Belo Horizonte, 1978.
- BAKUNIN, M. "Federalismo, socialismo, antiteologismo". Cortez e Moraes, São Paulo, 1988.
- BADIA, J. F. "El Estado Unitário, el Federal y el Estado regional". Tecnos, Madrid, 1978.
- BARACHO, J. A. de O. "Teoria geral do federalismo". FUMARC/UFMG, Belo Horizonte, 1982.
- BARROSO, L. R. "Direito constitucional brasileiro: o problema da Federação". Forense, Rio de Janeiro, 1982.
- BASTOS, C. "As futuras bases da descentralização". In. Rev. Bras. de Est. Pol. 60/61 jan/jul 1985, UFMG, Belo Horizonte.
- BASTOS, T. "A Província: estudos sobre a descentralização no Brasil". Cia, ed. Nacional, 2ª ed. 1937.
- BERGER, G. et alii. "Le fédéralisme". Paris – PUF, 1964.
- BONAVIDES, P. "A regionalização política do Brasil e a Nova República". (Ibidem).
- BORJA, C. "Federalismo brasileiro". Rev. Dir. Publ. nº 18(73) jan/mar, São Paulo, 1985.
- BRASILEIRO, A. M. "Federalismo no Brasil".
- CAMARGO, A. "A Federação acorrentada". CPDOC, FGV, 1992.
- CARLEIAL, L. M. da F. "A questão regional no Brasil contemporâneo". In. LAVINAS, L.; CARLEIAL, L. M. da F. e NABUCO, M. R. (orgs.): "Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil". Ed. HUCITEC/ANPUR, São Paulo.
- CARMAGNANI, M. (coord.). "Federalismos latinoamericanos": México/Brasil/Argentina". Fondo de Cult. Econ. México, DF., 1993.
- CAVALCANTE, A. "Regime federativo e a República brasileira". UNB.
- CHACON, V. "Federação, região e planejamento". In. CHACON, V.: "O dilema político brasileiro". Ed. Convívio, São Paulo, 1978.
- CUNHA, F. W. da. "Federação: soberania e autonomia". Rev. Dir. Publ. nº 18(73) jan/mar, São Paulo, 1985.
- DANTAS, I. "Conteúdo político do liberalismo". In Rev.: Brasileira de Estudos Políticos nº 46, jan. 1978, Belo Horizonte – MG.
- DALLARI, D. de A. "O Estado Federal". Ed. Ática, série Princípios, São Paulo, 1986.
- DELORENZO NETO, A. "Diversification culturale et fédéralisme". In. Rev. Sociologia, Fund. Esc. de Soc. e Pol. São Paulo, Vol. XXX, 1980.
- DOLHNIKOFF, M. "O poder provincial – política histórica". In. Rev. de História nº 122 jan/jul, USP – São Paulo, 1990.

GUERRA, A. T. e GUERRA, I. A. L. T. "Subsídios para uma nova divisão política do Brasil". In. Boletim Geográfico, nº 178 ano XXII jan/fev. 1964, IBGE, Rio de Janeiro.

JEFFERSON/FEDERALISTAS/PAINE/TOCQUEVILLE. In "Os pensadores". Abril Cultural.

LAMPE, G. A. "Federalismo e federação brasileira". In. Rev. Fund. SEADE 2(1) jan/abr, São Paulo, 1986.

LIMA, Jr. O. B. "Partidos políticos brasileiros: a experiência federal e regional". Graal, RJ, 1983.

LOVE, J. L. "O Rio Grande e a Federação". In. LOVE, J. L.: "O regionalismo gaúcho". Ed. Perspectiva, São Paulo, 1971.

MADISON, J.; HAMILTON, A. e JAY, J. "Os artigos federalistas". Edição integral Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1993.

MARKUSEN, A. "Regionalismo: um enfoque marxista". In Rev. Espaço & Debates ano 1 nº 2 Cortez ed./NERU, São Paulo, 1981.

MARTINS, P. H. "O Nordeste e a questão regional". In. SILVA, M. A. da. (org.): "República em migalhas – História regional e local". Ed. Marco Zero/CNPq, São Paulo, 1990.

MEJÍA, R. "El federalismo argentino". Rosso, B. Aires.

MELLO, O. F. de. "A Federação brasileira". In. MELLO, O. F. de. "Tendências do federalismo no Brasil" Ed. Lunardelli, Florianópolis – SC, 1972.

MICHELET, J. "Les federations". Calman – Levy, Paris, s/d.

NAVARRO DE BRITO, L. "O Federalismo na Constituição de 1967". (Ibidem).

NEWMANN, F. "Estado democrático e Estado autoritário". Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1969.

NOGUEIRA, O. "Contribuição à história do municipalismo no Brasil". In. Revista Brasileira dos Municípios, 59/60 ano XV jul/dez, 1962.

PADDISON, R. "Federalism: regional diversity within national union". In. PADDISON, R. "The fragmented state". Basil Blackwell Publ., Oxford, 1983.

PRAZERES, O. "O federalismo brasileiro". Cult. Pol. ano 1 nº 2, 1941.

REIS, A. C. F. "À margem da realidade amazônica". In. "A Amazônia brasileira em foco", nº 11, 1975/76, C.N.D.D.A., Rio de Janeiro.

RODRIGUES, L. B. "Federalismo". Vol. nº 2. In. RODRIGUES, L. B.: "História do Supremo Tribunal Federal". 2 vols. Civ. Bras.

SÁ, L. (1986) : "Introdução à Teoria do Estado" Ed. Caminho, Lisboa.

\_\_\_\_\_. "Formas de Estado: B) estrutura do Estado". Cap. 6 in Sá, L. "Introdução à teoria do Estado". Ed. Caminho, Lisboa, 1986.

SARAIVA, P. L. "Federalismo regional". Ed. Saraiva, São Paulo, 1982.

SCHMITT, C. "Conceptos fundamentales de una teoría constitucional de la Federación". In. SCHMITT, C. "Teoría de la Constitución". Alianza Universidad, ed. Madrid, 1982.



SILVEIRA, R. M. G. da. "Republicanism e federalismo – um estudo da implantação da República brasileira 1889 – 1902". Senado Federal, Brasília, 1978.

SOUZA, W. de. "O planejamento regional no federalismo brasileiro". In. Rev. Bras. de Est. Pol. nº 28, 1970, UFMG.

TORRES, J. C. de O. "Tendências do federalismo no Brasil". Nacional, São Paulo, 1961.

TRIGUEIRO, O. "A Federação na Nova Constituição do Brasil". (Ibidem).

VÁRIOS: "Evolução econômica dos Estados brasileiros". Nº especial Rev. Conjuntura Econômica, dezembro, 1993.

VEDEL, G. "Le federalisme". PUF, Paris, 1956.

VOLLAÇO, F. R. "O Município na Federação brasileira". UFSC.

WITTER, J. S. "Partido político, federalismo e República". Ed. Arquivo do Est. de São Paulo, col. Monografias nº 7.

- **Território e Circulação – FLG 5044-2/5:**

**Docente Responsável:** Profa. Dra. María Mónica Arroyo;

**Início:** 14 de Março de 2013;

**Término:** 19 de Junho de 2013;

**Criação:** 10 de Novembro de 2008;

**Ativação:** 02 de Dezembro de 2008;

**Nº de Créditos:** 8 créditos;

**Área de Concentração:** Geografia Humana – 8136.

Resultado Obtido pelo Mestrando na Disciplina:

**Frequência:** 90%;

**Conceito Obtido:** A;

**Créditos Obtidos:** 8 créditos.

Carga Horária				
Teórica (Por semana)	Prática (Por semana)	Estudos (Por semana)	Duração	Total
4	4	2	12 semanas	120 horas

**Objetivos:**

Compreender a indivisibilidade do espaço geográfico a partir da circulação e tentar conceituar a unidade desse movimento; Discutir o caráter técnico e político da circulação, no processo geral da acumulação; Entender as redes e os fluxos como elementos constitutivos do território e destacar a multiplicidade de suas manifestações e suas mudanças significativas em quantidade e qualidade;

Analisar as particularidades do processo de circulação no período da globalização; Refletir sobre a dinâmica das redes no contexto atual das formações socioespaciais latino-americanas.

### **Justificativa:**

A circulação é uma das bases de diferenciação geográfica. Com a difusão dos transportes e das comunicações, e conforme avança a expansão capitalista, criam-se condições para que os lugares se especializem, sem a necessidade de produzir tudo para sua reprodução. Esse processo – progressivo e acelerado com a incorporação de novas técnicas – ocasiona uma intensificação dos intercâmbios, alargando a dimensão e a espessura dos contextos. As fases do processo geral de produção – produção, distribuição, troca e consumo – desenvolvem-se de forma desagregada no espaço, embora não desarticulada. A dissociação geográfica das atividades, a especialização produtiva dos lugares, a divisão territorial do trabalho são noções que expressam essa divisibilidade. Esta última, porém, não é absoluta, dado que as instâncias produtivas estão articuladas através da circulação. Procurar entender o caráter unitário desse movimento e as múltiplas relações entre lugares que ele origina é uma questão que está presente na formulação teórica de vários geógrafos. Acreditamos que seja de fundamental importância resgatar essas contribuições para (re)significá-las à luz da fase contemporânea do capitalismo. Poderemos, desse modo, conceituar as dinâmicas territoriais atuais na sua complexidade histórica, que não é apenas econômica, mas, sobretudo, política.

### **Conteúdo:**

1. Território, mercado, Estado: a sua convergência histórica; 2. O papel da circulação na estruturação do território – Uma volta aos clássicos: de Jean Bodin e Vauban a Vidal de la Blache e Camille Vallaux; 3. O excedente e a divisão territorial do trabalho: processos de valorização e desvalorização do território; 4. A produtividade espacial e a criação de uma hierarquia; 5. As redes como elementos constitutivos do território; 6. Métrica dos territórios versus métrica das redes: uma falsa dicotomia; 7. Circulação e escala geográfica; 8. Das antigas às novas redes (técnicas e sociais/locais e globais). As empresas-rede, as cidades em rede, os migrantes em rede, os movimentos sociais em rede; 9. As redes e o

poder: a divisão do trabalho na regulação do território; 10. O movimento no contexto atual das formações socioespaciais latino-americanas.

### **Forma de Avaliação:**

A disciplina será oferecida a partir de aulas expositivas e seminários para discussão de textos pertinentes aos temas trabalhados. Quanto à avaliação, cada aluno deverá entregar, ao final do curso, um texto versando sobre um ou mais dos tópicos do programa. O trabalho poderá ter no máximo 15 laudas.

### **Bibliografia:**

ALLIÈS, Paul. *L'invention du territoire*, Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1980.

ADEY, Peter. *Mobility*. London: Rotledge, 2010.

AMIN, Samir. *La desconexión*. Buenos Aires, Ediciones del Pensamiento Nacional, 1988.

\_\_\_\_\_. *El capitalismo em la era de la globalización*. Buenos Aires: Paidós, 1999.

ARROYO, Mónica. "Território, mercado e estado: uma convergência histórica", in *Geographia*, Revista da Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, ano VI, n. 12, dezembro de 2004.

\_\_\_\_\_. "Dinâmica territorial, circulação e cidades médias", in SPOSITO, Eliseu; SPOSITO, Maria Encarnação e SOBARZO, Oscar (org.): *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. São Paulo: Epressão Popular, 2006.

\_\_\_\_\_. "A economia invisível dos pequenos", in *Le Monde Diplomatique*, ano 2, número 15, outubro 2008.

BRAUDEL, Fernand [1979]. *Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII*. Volume 2: "Os jogos das trocas". São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. [1986]. *Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII*. Volume 3: "O tempo do mundo". São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*, São Paulo: Xamã, 1996.

\_\_\_\_\_. *A mundialização financeira: gênese, custos e riscos*. São Paulo: Xamã, 1998.

CLAVAL, Paul. *Epistemologia da Geografia*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. *Estudos sobre a rede urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia política e geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. São Paulo: Hucitec, 1992.

DANTAS, Marcos. *A lógica do capital-informacional: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

DIAS, Leila e SILVEIRA, Rogério (org.). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

DIAS, Leila Christina e FERRARI, Maristela (org.). *Territorialidades humanas e redes sociais*. Florianópolis: Insular, 2011.

DICKEN, Peter. *Global Shift. Transforming the World Economy*. London: Paul Chapman Publishing Ltd., 1998.

DUPUY, Gabriel. "Fracture et dépendance: l'enfer des réseaux?". *Flux*, vol. 1, nº 83, 2011, p. 6-23.

ESCOLAR, Marcelo. *Crítica do discurso geográfico*. São Paulo: Hucitec, 1993.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOTTMAN, Jean. *La Politique des États et leur Géographie*. Paris: Librairie Armand Colin, 1952.

\_\_\_\_\_. *The significance of territory*. Charlottesville: The University of Virginia Press, 1973.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAGERSTRAND, Torstein. *Innovation diffusion as a spatial process*. Chicago: Chicago University Press, 1968.

HALL, Peter [1988]. *As cidades do amanhã*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

HARVEY, David. *Los limites del capitalismo y la teoría marxista*. México, Fondo de Cultura Económica, 1982.

\_\_\_\_\_. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

HIERNAUX-NICOLAS, Daniel. "Identidades móveis o movilidad sin identidad?", in Lemos, Amália Inés; Silveira, María Laura e Arroyo, Mónica (org.): *Questões territoriais na América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2006, p. 163-175.

HOBBSBAWM, Eric. *A era do capital (1848-1875)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. *A era dos impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

LABASSE, Jean. *Lês capitaux et la region – Essai sur lê commerce et la circulacion capitaux dans la region lyonnaise*. Paris, Librairie Armand Colin, 1955.

\_\_\_\_\_. *La organización del espacio: elementos de geografía aplicada*. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local.

LA BLACHE, Paul Vidal de [1921]. *Princípios de geografia humana*. Lisboa: Cosmos, 1954.

LÉVY, Jacques. *L'Espace légitime. Sur la dimension géographique de la fonction politique*. Paris: Presses de la Fondation Nationale, 1994.

MARX, Karl [1893]. *O Capital. Crítica da Economia Política*. Livro Segundo. O processo de circulação do capital. Volume III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MIRALLES-GUASCH, C. (2002). *Transporte y territorio urbano: del paradigma de la causalidad al de la dialéctica*. Pag. 107-120. Documents d'Anàlisi Geogràfica 41, Universitat Autònoma de Barcelona.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1984.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Território e História no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2002.

MOREIRA, Ruy. *Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas*. São Paulo: Contexto, 2012.

MUMFORD, Lewis [1961]. *A cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

NOGUÉ FONT, Joan y RUFÍ, Joan Vicente. *Geopolítica, identidad y globalización*. Barcelona: Editorial Ariel, 2001.

ORTIZ, Renato. *Um outro território. ensaios sobre a mundialização da cultura*. São Paulo: Olho d'Água, 1996.

POLANYI, Karl [1944]. *A grande transformação. As origens da nossa época*. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

PÓVOA NETO, Helion (org.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

RAFFESTIN, Claude [1980]. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Ana Clara T. *Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

ROCHE, Daniel. *Humeurs vagabondes, De la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*. Paris: A. Fayard, 2003.

ROCHEFORT, Michel. *Redes e Sistemas*. São Paulo: Hucitec, 1998.

RODRIGUE, Jean-Paul; COMTOIS, Claude and STACK, Brian. *The Geography of Transport Systems*. New York: Routledge, 2006.

SANCHEZ, Joan Eugeni. *Espacio, economia y sociedad*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1991.

SACK, Robert. *Human Territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton. *Economia espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: Hucitec, 1979.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Sociedade: ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.

SASSEN, Saskia. “Localizando ciudades em circuitos globales”, in *Revista EURE*, vol. 29, número 88, diciembre 2003.

\_\_\_\_\_. *Território, autoridade y derechos. De los ensamblajes medievales a los ensamblajes globales*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

SILVA, Armando Corrêa da. “Produção, circulação, troca e consumo de serviços no capitalismo monopolista de Estado”, in *Boletim Paulista de Geografia*, n. 76, dez/99, pp. 113-134.

SILVA, Moacir da. *Geografia dos transportes no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1949.

SILVEIRA, Márcio Rogério. *Circulação, transportes e logística*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SMITH, Neil. “Contornos de uma política especializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica”, in: ARANTES, Antonio (org.). *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus Editora, pp. 133-159.

THRIFT, Nigel. “*Inhuman geographies: landscapes of speed, light and power*”, in THRIFT, N. (ed.) *Spatial formations*. London: Sage.

TRAVASSOS, Mário. *Introdução à geografia das comunicações brasileiras*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942.

URRY, J. *Mobilities*. London: Sage, 2007.

VALLAUX, Camille. *El Suelo y el Estado*. Madrid: Daniel Jorro Editor, 1914.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara de. *Mobilidade urbana e cidadania*. São Paulo: SENAC, 2012.

VELTZ, Pierre. *Mondialisation, villes et territoires: l'économie d'archipel*. Paris: PUF, 1996.

ZUSMAN, Perla; LOIS, Carla y CASTRO, Hortensia (eds.). *viajes y Geografías. Exploraciones, turismo y migraciones em la construcción de lugares*. Buenos Aires: Prometeo, 2007.

## 1.1. Seminários de Disciplinas

- **Espaço Geográfico, Urbanização e Finanças – FLG 5093-1/4:**

**Conteúdo da Aula:** Apogeu do Capital Financeiro: “fim da geografia”?

**Texto:** “O Território do Dinheiro e da Fragmentação” (Parte IV);

**Referência:** SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização – do pensamento único a consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 16ª ed., 2008.



**Local:** Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental/LABOPLAN – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 08 de Dezembro de 2012.

- ***Federalismo e Regionalismo Político no Brasil – FLG 5801-4/2:***

**Conteúdo da Aula:** Redivisão Territorial e Equilíbrio Federativo;

**Texto/Tema:** “Alagoas: 16 de Setembro de 1817”;

**Referência:** **Centenário da Emancipação de Alagoas: 1917.** Instituto Archeologico e Geographico Alagoano. Maceió : Ramalho, 1919. COSTA, Craveiro. **Historia das Alagôas:** resumo didactico. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo; Maceió: SERGASA, [1929] 1983. \_\_\_\_\_. **A emancipação das Alagoas.** Maceió, 1967. GUERRA, A. T.; GUERRA, I. A. L. T. **Subsídios para uma nova divisão política do Brasil.** In. Boletim Geográfico nº 178 Ano XXII jan/fev. 1964, IBGE, Rio de Janeiro.

**Local:** Sala de aula 01 – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 05 de Novembro de 2012.

- ***Território e Circulação – FLG 5044-2/5:***

**Conteúdo da Aula:** O Excedente e a Divisão Territorial do Trabalho: processos de valorização e desvalorização do território;

**Texto/Tema:** “*Espaço e Dominação: uma abordagem marxista*” (Capítulo 5);

**Referência:** SANTOS, Milton. ***Economia Espacial: críticas e alternativas.*** 2. ed., 1ª reimpr. São Paulo: EDUSP, 2007. – (Coleção Milton Santos; 3).

**Local:** Sala de aula 04 – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 18 de Abril de 2013.

## 2. PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DE ENSINO – PAE

A participação no Programa de Aperfeiçoamento de Ensino – PAE foi de suma importância para o desenvolvimento e formação do referido pós-graduando, possibilitando aprimorar a atividade didática em nível de graduação. As etapas do PAE (Preparação Pedagógica e Estágio Supervisionado em Docência) foram essenciais para aprender e entender como se dá o ensino no nível de graduação e a preparação do futuro professor ou pesquisador (Licenciatura e Bacharelado).

### 1ª ETAPA – Preparação Pedagógica:

**Ciclo de Palestras:** *Prof. Dr. Emerson Galvani* (DG – FFLCH/USP) – O Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) da FFLCH: objetivos, metas e procedimentos; *Profa. Dra. Sara Albieri* (DH – FFLCH/USP) – O Conhecimento como Questão: o papel da epistemologia na formação superior; *Prof. Dr. Benjamin Abdala Júnior* (DLCV – FFLCH/USP) – Relações Político-Culturais na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa; *Prof. Dr. José Luiz Fiorin* (FFLCH/DL) – Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade na Formação de Mestres e Doutores; *Prof. Dr. Nelson Schapochnik* (FE/USP) – Revisitando Obviedades, Tradições e Formações; *Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva* (DF – FFLCH/USP) – Universidade: instituição, ética e relações políticas.

**Local:** Anfiteatro de Geografia – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 12, 14, 19, 21 de março e 02 e 04 de abril de 2013; **Horário:** 10:00 às 12:00 horas.

### 2ª ETAPA – Estágio Supervisionado em Docência:

O estágio realizado na disciplina obrigatória Geografia Econômica I – FLG0161, lecionada pela professora Dra. María Mónica Arroyo, no curso de graduação em Geografia do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH da Universidade de São Paulo/USP, possibilitou desenvolver atividades de fundamental importância para o meu desenvolvimento e minha formação. Nessa etapa do PAE, o estágio permitiu-me acompanhar a professora durante toda a disciplina, observando atentamente as aulas e os tipos de recursos metodológicos e didáticos utilizados pela mesma. Foi



possível também acompanhar o processo de preparação das aulas ministradas pela docente (escolha das referências a serem utilizadas em cada aula de acordo com o tema, ajuda na preparação e correção dos exercícios, ajuda na aplicação de provas e exercícios etc.). Vale também ressaltar o atendimento aos alunos para tirar dúvidas relativas à disciplina, exercícios, leituras de textos, entre outros. Foi possível constatar que durante toda a disciplina, utilizou-se de recursos didáticos (aula expositiva, leituras, exercícios, vídeos etc.) que facilitasse e ajudasse os alunos a compreender e entender os objetivos da disciplina.

Neste caminho, a forma e a estrutura como a professora preparou o conteúdo de cada aula, mostrou o grau de importância e seriedade assumida pela mesma frente a disciplina lecionada: *“O pensamento geográfico e as raízes da geografia econômica”, “principais matrizes do pensamento econômico”, “a economia espacial: alcances e limitações”, “a dinâmica do capitalismo no século XXI”, “outras dinâmicas econômico-espaciais possíveis” e “como trabalhar com estatísticas econômicas?”*, constituíram as unidades da disciplina. Todos os pontos referidos acima foram centrados num referencial teórico e metodológico de suma importância para se entender o papel da Geografia Econômica, passando por autores como HUNT, MORAES, MOREIRA, CORRÊA, ANDRADE, BENKO, SANTOS, HARVEY, DICKEN entre outros. Um dos métodos utilizados pela professora que chamou atenção foi o de, no primeiro momento da aula, a mesma fazer sua exposição, levando os alunos a participarem levantando questões pertinentes, tirando dúvidas e colocando suas opiniões mediante leituras antecipadas das referências, e, num segundo momento, os exercícios individuais, em dupla ou grupo que tornavam as aulas mais dinâmicas.

### 3. PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS ACADÊMICOS

A participação em eventos acadêmicos foi de suma importância para conhecer os diversos tipos de pesquisas que estão sendo desenvolvidas na área da Geografia e disciplinas afins, com maior atenção para trabalhos relacionado com o tema em questão, bem como, se deparar com referências que ainda não conhecia e que são de cunho bastante importante para nortear o trabalho. Os diversos tipos de eventos: conferências, encontros, palestras, seminários, cursos, minicursos, defesas de mestrado e doutorado, qualificações, entre outros, foram de grande relevância no processo de formação, possibilitando, fazer relações com outros geógrafos, formando novas redes de conhecimento, integrando a Geografia com outras disciplinas, à fim de buscar um pensamento geográfico de integração e também para pensar sobre como dar continuidade ao desenvolvimento da pesquisa.

A participação em eventos como o XIV Encontro de Geógrafos da América Latina/EGAL, X Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ENANPEGE, entre outros, mostraram-se relevantes e de suma importância para a reflexão geográfica e no que se refere a apresentação de resultados preliminares da pesquisa. Já no que diz respeito a participação em defesas e qualificações, possibilitou um contato prévio de como um trabalho de cunho científico deve ser desenvolvido e mediante as arguições foi surgindo ideias que serviram para o amadurecimento do projeto.

- **Conferências:**

**Conferência Internacional:** A Geopolítica do Eurasianismo;

**Palestrante:** Prof. Dr. Alexandre Dugin (Universidade de Moscou);

**Local:** Anfiteatro de Geografia – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 03 de setembro de 2012; **Horário:** 10:00 horas.

**Conferência Internacional:** “O Conceito Estadunidense de ‘Guerra ao Terror’ e os Limites de Comando na Guerra Preventiva ao Fundamentalismo”;

**Palestrante:** Prof. Dr. Antonio Roberto Espinosa (UNIFESP);

**Local:** Sala de vídeo do Departamento de História – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Organização:** Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS.

**Data:** 05 de dezembro de 2012; **Horário:** 14:00 às 16:00 horas.

**Conferência:** Relações Espaciais e a Construção Significativa das Realidades Geográficas;

**Palestrante:** Prof. Benno Werlen (Universidade Friedrich-Schiller, Jena - Alemanha);

**Local:** Anfiteatro de Geografia – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 12 de novembro de 2012; **Horário:** 18:00 horas.

- ***Cursos e Minicursos:***

**Curso:** Fontes de Informação para a Análise Geográfica;

**Ministrante:** Profa. Dra. Amanda Mergulhão;

**Local:** Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental/LABOPLAN – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 09 e 10 de maio de 2013; **Horário:** 18:00 às 22:00 horas; **C. Horária:** 8h.

**Curso:** Geoprocessamento;

**Ministrante:** Rodolfo Finatti (Doutorando do DG – FFLCH/USP);

**Local:** Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental/LABOPLAN – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 12, 19, 26 de set. e 03 e de out. de 2013; **Horário:** 18:00 às 22:00 horas.

**Minicurso:** Aspectos Metodológicos da Geografia Vidaliana;

**Ministrante:** Prof. Dr. Aldo Dantas (UFRN);

**Local:** Sala 02 (Vídeo) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 16, 17 e 18 de setembro de 2013; **Horário:** 14:00 às 18:00 horas; **Carga Horária:** 12h.

**Minicurso:** El Pensamiento Geográfico de José Carlos Mariátegui.

**Ministrante:** Cesar Germaná Caveró (Universidad Nacional Mayor de San Marcos - Perú); Rodolfo Queiroz (Universidad Alberto Hurtado - Chile); Vicente Di Cione (Universidad de Buenos Aires - Argentina);

**Local:** Casa Museo José Carlos Mariátegui – Lima/Peru;

**Data:** 09 de abril de 2012; **Horário:** 10h30; **Carga Horária:** 4h.

**Minicurso:** Migração e Distribuição Espacial da População Africana;

**Ministrante:** Profa. Dra. Inês Raimundo (Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique);

**Local:** Sala 02 (Vídeo) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 12 a 14 de novembro de 2012; **Horário:** 09:00 às 13:00 horas; **Carga Horária:** 12h.

**Minicurso:** Movilidad Urbana Sostenible;

**Ministrante:** Profa. Dra. Carme Miralles-Guasch (Universidad Autónoma de Barcelona - Espanha);

**Local:** Sala 02 (Vídeo) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 12 a 14 de novembro de 2012; **Horário:** 14:00 às 18:00 horas; **Carga Horária:** 12h.

- ***Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso/TCC:***

**Defesa de TCC:** Tamires da Silva Albuquerque;

**Título:** Religião e Religiosidade Limoeiro de Anadia – AL: uma abordagem geográfica;

**Orientador (a):** Prof. Dr. Antonio Alfredo Teles de Carvalho;

**Banca Examinadora:** Mestrando/USP Dhiego Antonio de Medeiros; Prof. Dr. Roberto Silva de Souza;

**Programa:** Geografia da Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL – Campus I/Arapiraca;

**Local:** Sala de aula nº 02 da Geografia;

**Data:** 04 de fevereiro de 2013; **Horário:** 10:00 horas.

**Defesa de TCC:** Diêgo Rodrigues da Silva;

**Título:** Creditização do Território e Circuitos da Economia Urbana: técnicas bancárias e a capilaridade do Banco do Nordeste do Brasil. Um exemplo em Alagoas;

**Orientador:** Prof. Dr. Antonio Alfredo Teles de Carvalho;

**Banca Examinadora:** Prof. Dr. Odilon Maximo de Moraes (UNEAL); Prof. Me. Dhiego Antonio de Medeiros;

**Programa:** Geografia da Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL – Campus I/Arapiraca;

**Local:** Sala de aula nº 04 da Geografia;

**Data:** 14 de janeiro de 2014; **Horário:** 09:00 horas.

- **Defesas de Mestrado e Doutorado:**

**Defesa de Mestrado:** Flávia Cristine da Silva;

**Título:** O Circuito Inferior da Economia Urbana em Campinas/SP: análise sobre a mobilidade espacial e o acesso ao crédito;

**Orientador (a):** Prof. Dr. Fabio Betioli Contel;

**Banca Examinadora:** Profa. Dra. M. Encarnação B. Spósito (UNESP); Prof. Dr. Ricardo Mendes Antas Júnior (USP);

**Programa:** Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Local:** Rua do Lago, 717, CEP: 05508-080. Sala 118 – sala de reuniões nº 141;

**Data:** 27 de novembro de 2012; **Horário:** 15:00 horas.

**Defesa de Mestrado:** Maria Ediney F. da Silva;

**Título:** O Nordeste nos Livros Didáticos de Geografia de 1905 – 1950;

**Orientador (a):** Prof. Dr. Manoel Fernandes de Souza Neto;

**Banca Examinadora:** Profa. Dra. Sônia Maria Vanzella Castellar (FE – USP); Profa. Dra. Vivian Batista da Silva (FE – USP);

**Programa:** Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Local:** Rua do Lago, 717, CEP: 05508-080. Sala 118 – sala de concursos nº 122;

**Horário:** 09:00 horas.

**Defesa de Mestrado:** Rafael Oliveira Fonseca;

**Título:** A Circulação Através da Navegação de Cabotagem no Brasil: um sistema de fluxos e fixos voltados para a fluidez territorial;

**Orientador (a):** Profa. Dra. María Mónica Arroyo;

**Programa:** Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Local:** Rua do Lago, 717, CEP: 05508-080. Sala 118 – sala de concursos nº 122;

**Data:** 15 de março de 2013; **Horário:** 14:00 horas.

**Defesa de Doutorado:** Ana Regina Marinho Dantas Barbosa da Rocha Serafim;

**Título:** Transformações do Espaço Urbano da Cidade do Recife/PE como Produto e condição de Reprodução das Intervenções Urbanas: análise dos projetos de requalificação;

**Orientador (a):** Prof. Dr. Júlio César Suzuki;

**Programa:** Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Local:** Rua do Lago, 717, CEP: 05508-080. Sala 118 – sala de eventos, nº 124;

**Data:** 26 de novembro de 2012.

**Defesa de Doutorado:** Breno Viotto Pedrosa;

**Título:** Entre as Ruínas do Muro: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura;

**Orientador (a):** Prof. Dr. Armen Mamigonian;

**Banca Examinadora:** Prof. Dr. Fabio Betioli Contel (USP); Prof. Dr. Mario Antonio Eufrazio (USP); Profa. Dra. Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira (UNIVALI); Prof. Dr. Sérgio Luiz Nunes Pereira (UFF);

**Programa:** Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Local:** Rua do Lago, 717, CEP: 05508-080. Sala 118 – sala de concursos, nº 122;

**Data:** 02 de setembro de 2013; **Horário:** 14:00 horas.

**Defesa de Doutorado:** Tiago Kramer de Oliveira;

**Título:** Desconstruindo Velhos Mapas, Revelando Espacializações: a economia colonial no centro da América do Sul (primeira metade do século XVIII);

**Orientador (a):** Prof. Dr. José Jobson de Andrade Arruda;

**Banca Examinadora:** Profa. Dra. Márcia Maria Menendes Motta (UFF); Profa. Dra. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno (FAU); Profa. Dra. Vera Lucia Amaral Ferlini (FFLCH); Prof. Dr. Fernando Antonio Novais (FFLCH);

**Programa:** História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Local:** Rua do Lago, 717, CEP: 05508-080. Sala 118 – sala dos professores, nº 114;

**Data:** 05 de dezembro de 2012; **Horário:** 09:00 horas.

- **Encontros:**

I Encontro Universidade e Escolas-Campo: reflexões sobre experiências de estágio;

**Local:** Auditório da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/FEUSP, Bloco B;

**Data:** 22 de março de 2013; **Horário:** 08:30 às 13:00 horas.

X Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ENANPEGE: Geografias, Políticas Públicas e Dinâmicas Territoriais;

**Local:** UNICAMP – Campinas/SP;

**Data:** 07 a 10 de outubro de 2013; **Carga Horária:** 30h.

XIV Encontro de Geógrafos da América Latina: Reencontro de Saberes Territoriais Latino Americanos;

**Local:** Lima – Peru; **Data:** 08 a 12 de abril de 2013.

Encontro de Geografia da Universidade Cruzeiro do Sul 2013 – UNICSUL: “Geografia, Território e Circulação”;

**Local:** Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL; **Data:** 23 a 27 de setembro de 2013.

- **Palestras:**

**Palestra:** A Espacialidade do Risco;

**Palestrante:** Profa. Dra. Margarida Queirós (Universidade de Lisboa);

**Local:** Sala 02 (vídeo) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 22 de março de 2013; **Horário:** 18:00 horas; **Carga Horária:** 4h.

**Palestra:** A Esquerda e as Eleições de 2014: análise de conjuntura, programa e alianças;

**Palestrantes:** Plínio de Arruda Sampaio Jr. (PSOL), Dirceu Travesso (PSTU) e Antonio Carlos Mazzeo (PCB);

**Local:** Anfiteatro de História – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 10 de junho de 2013; **Horário:** 19:00 horas.

**Palestra:** A Nova Geografia Universal: globalização e crítica do Ocidente palestra e curso;

**Palestrante:** Prof. Dr. Federico Ferretti (Universidade de Genebra);

**Local:** Sala 02 (vídeo) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 27 de maio de 2013; **Horário:** 19:00 horas.

**Palestra:** Como captar a dinâmica geográfica dos serviços industriais paulistas?

**Palestrante:** Profa. Dra. Amanda Mergulhão;

**Local:** Sala 02 (vídeo) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 29 de julho de 2013; **Horário:** 18:00 horas.

**Palestra:** O Palco das Ideias;

**Palestrante:** Bruno Latour (Filósofo e Antropólogo Francês);

**Local:** Auditório da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/FAU, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 09 de agosto de 2012; **Horário:** 18:00 às 20:00 horas.

**Palestra:** Federalismo e Centralização no Brasil;

**Palestrante:** Profa. Dra. Marta Teresa da Silva Arretche;



**Local:** Sala 14 do Prédio de Filosofia e Ciências Sociais – Departamento de Ciência Política, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 22 de novembro de 2012; **Horário:** 17:30 às 19:30 horas.

**Palestra:** Timor Leste: política, território e cultura;

**Palestrante:** Daniel de Lucca Reis Costa – Prof. Visitante na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL);

**Local:** Sala 02 (vídeo) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 14 de março de 2013; **Horário:** 18:00 horas.

- ***Qualificações de Mestrado e Doutorado:***

**Qualificação de Mestrado:** Lucas Ferreira;

**Orientador (a):** Prof. Dr. Armen Mamigonian;

**Banca Examinadora:** Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato; Profa. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza;

**Programa:** Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Local:** Departamento de Geografia (Sala de qualificações da Pós-Graduação)

**Data:** 22 de abril de 2013; **Horário:** 14:00 horas.

**Qualificação de Doutorado:** Antonio Toledo Poso;

**Título:** A Siderurgia Brasileira na Nova Divisão Internacional do Trabalho;

**Orientador (a):** Prof. Dr. Armen Mamigonian;

**Banca Examinadora:** Prof. Dr. André R. Martin; Profa. Dra. María Mónica Arroyo;

**Programa:** Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Local:** Departamento de Geografia (Sala de qualificações da Pós-Graduação);

**Data:** 07 de dezembro de 2012; **Horário:** 10:00 horas.

**Qualificação de Doutorado:** Jane Roberta de Assis Barbosa;

**Título:** Modernizações Territoriais e Macrossistemas Técnicos: o papel do planejamento territorial na difusão do meio técnico-científico informacional no Rio Grande do Norte – Brasil;

**Orientador (a):** Profa. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza;

**Banca Examinadora:** Profa. Dra. Adriana Maria Bernardes da Silva; Prof. Dr. Manoel Lemes da Silva Neto;

**Programa:** Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Local:** Departamento de Geografia (Sala de qualificações da Pós-Graduação);

**Data:** 03 de setembro de 2012; **Horário:** 14:00 horas.

**Qualificação de Doutorado:** Lucas Possedente Emerique;

**Título:** “Dos Engenhos de Açúcar à Indústria Automobilística: o desenvolvimento e as transformações da indústria no município de Piracicaba – SP: 1920-2010”;

**Orientador (a):** Prof. Dr. Armen Mamigonian;

**Banca Examinadora:** Prof. Dr. Fabio B. Contel; Prof. Dr. F. Capuano Scarlato;

**Programa:** Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Local:** Departamento de Geografia (Sala de qualificações da Pós-Graduação);

**Data:** 07 de dezembro de 2012; **Horário:** 14:00 horas.

- **Reuniões:**

**Reunião:** Apresentação de participação de Eliza, orientanda da Profa. Dra. Rosa Ester Rossini, sobre sua participação na União Geográfica Internacional - UGI;

**Local:** Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental/LABOPLAN – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 10 de setembro de 2012; **Horário:** 18:00 horas.

**Reunião:** Apresentação do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana;

**Local:** Sala 02 (Vídeo) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 30 de agosto de 2012; **Horário:** 10:00 às 12:00 horas.

**Reunião:** Discutir Propostas da Coordenação do Programa para Modificação no Processo de Seleção de Bolsas CNPq/CAPES;

**Local:** Sala 01 (Aula) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 31 de agosto de 2012; **Horário:** 16h30.

**Reunião:** Exposição das Pesquisas dos Integrantes do Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental/LABOPLAN;

**Local:** Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental/LABOPLAN – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 01 de dezembro de 2012; **Horário:** 10:00 horas.

**Reunião:** Fomento a Pós-Graduação, Bolsas e Auxílios para Realização de Trabalho de Campo e Participação em Eventos Científicos;

**Local:** Sala 02 (Vídeo) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 07 de junho de 2013; **Horário:** 16:00 horas.

**Reunião:** Tratar de Questões Relativas a Utilização de Recursos para Fomento a Participação de Alunos no EGAL 2013;

**Local:** Sala 05 – Departamento de Geografia (Sala de qualificações da Pós-Graduação);

**Data:** 04 de abril de 2013; **Horário:** 16:00 horas.

**Reunião:** Visita dos avaliadores da CAPES ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – reunião com os discentes.

**Local:** Sala 04 – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 04 de dezembro de 2012; **Horário:** 14:00 às 16:00 horas.

**Reunião:** Visita dos avaliadores da CAPES ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – reunião nos laboratórios.

**Local:** Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental/LABOPLAN – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 04 de dezembro de 2012; **Horário:** 16:00 horas.

- **Seminários:**

**Seminário:** A Cidade e o Urbano na Amazônia – Temas, Questões e Instrumentos de Pesquisas em Geografia;

**Palestrante:** Prof. Dr. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Jr. (Universidade Federal do Pará - UFPA);

**Local:** Sala 02 (vídeo) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 20, 21 e 23 de agosto de 2012; **Horário:** 09:00 às 13:00 horas. **Carga Horária:** 12h.

**Seminário:** "Elementos para uma Epistemologia Existencial da Geografia: Contribuições de Heidegger; Sartre e Ortega y Gasset";

**Ministrante:** Prof. Dr. Aldo Dantas (UFRN);

**Local:** Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental/LABOPLAN – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 19 de setembro de 2013; **Horário:** 14:00 às 18:00 horas; **C. Horária:** 4h.

**Seminário:** Marx: A criação destruidora – IV Seminário Margem Esquerda: Marx e O Capital:

***Etapa 2: Seminário com Debates e Conferências Internacionais com Alguns dos Principais Estudiosos Marxistas do Brasil e do Mundo;***

**Data:** 23 de março de 2013;

**Debate – 15h:** O Marxismo Brasileiro Hoje – Antonio Carlos Mazzeo (Cientista Político); Marcelo Ridenti (Sociólogo); Marcos Del Roio (Cientista Político); Alexandre Linhares (Mediador);

**Debate – 17h:** Crítica da Economia Política Hoje – Francisco de Oliveira (Sociólogo); Leda Paulani (Economista); Paul Singer (Economista); Virgínia Fontes (Historiadora); Ruy Braga (Mediador);

**Debate – 19h:** Conferência Internacional Lendo O Capital – David Harvey (Geógrafo – Reino Unido); Comentário de Gilberto Cunha Franca (Geógrafo); Marcio Pochmann (Economista/Mediador).

***Etapa 3: Aulas de Alguns dos Principais Nomes do Marxismo Brasileiro em uma Apresentação Temática e Cronológica da Obra de Karl Marx e Friedrich Engels;***

**Data:** 07 de maio de 2013;

**Debate – 15h30:** A Crítica do Estado e do Direito: forma política e forma jurídica – Alysson Mascaro (USP/MACKENZIE);

**Debate – 19h:** A Crítica ao Idealismo: política e ideologia – Antonio Rago (PUC – SP);

**Data:** 08 de maio de 2013;

**Debate – 15h30:** A Relevância e Atualidade do Manifesto Comunista – José Paulo Netto (UFRJ);

**Debate – 19h:** Análises Concretas da Luta de Classes – Osvaldo Coggiola (USP);

**Data:** 14 de maio de 2013;

**Debate – 15h30:** A Constituição do Proletariado e a Práxis Revolucionária – Ricardo Antunes (UNICAMP);

**Debate – 19h:** A Crítica Ontológica do Capitalismo – Mario Duayer (UERJ);

**Data:** 15 de maio de 2013;

**Debate – 15h30:** Trabalho e Crítica da Economia Política – Jorge Grespan (USP);

**Debate – 19h:** Democracia, Trabalho e Socialismo – Ruy Braga (USP);

**Local:** Teatro Paulo Autran (SESC Pinheiros).

**Seminário:** Reindustrialização do Brasil: chave para um projeto nacional de desenvolvimento:

**Painel I:** A Reindustrialização no Contexto de um Projeto Nacional de Desenvolvimento;

**Painel II:** Entraves Estruturais e Macroeconômicos à Competitividade da Economia Brasileira – impactos na indústria;

**Painel III:** Instrumentos de Política Industrial e Tecnológica para Incentivar a Reindustrialização do Brasil;

**Painel IV:** Investimento Privado, Público e Mercado de Capitais no Brasil;

**Local:** Teatro do SESEI – FIESP;

**Data:** 26 de agosto de 2013; **Horário:** 08:30 às 19:00 horas.

**Seminário:** Seminário Interno de Pesquisa do Grupo Josué de Castro de Estudos e Pesquisas sobre o Território Alagoano – GPJC;

**Local:** Sala do Conselho Universitário da Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL – Campus I/Arapiraca;

**Data:** 17 e 18 de dezembro de 2012; **Horário:** 09:00 às 21:00 horas.

**Seminário Nacional:** Contribuição à Geografia Brasileira – Encontro de Gerações;

**Local:** Instituto de Geociências – Universidade Federal da Bahia/UFBA;

**Realização:** Departamento e Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFBA e Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano – UFBA;

**Data:** 22 e 23 de maio de 2013; **Carga Horária:** 20 horas.

**Seminário Internacional:** Território e Circulação na Dinâmica Contraditória da Globalização;

**Local:** Anfiteatro de Geografia – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 07, 08 e 09 de nov. de 2012; **Horário:** 14:00 às 21:00 horas; **Carga Horária:** 18h.

- **Outros:**

**Ciclo de Aulas/Debates:** Imperialismo, América Latina e Brasil;

**Temas:** América Latina – Prof. Dr. Osvaldo Coggiola (DH – FFLCH/USP);

**Local:** Anfiteatro de História/FFLCH; **Data:** 19 de abril de 2013; **Hora:** 19h30 às 22:00h.

**Tema:** Agrária – Plínio de Arruda Sampaio – (Formada em Direito pela USP);

**Local:** Anfiteatro de História/FFLCH; **Data:** 24 de abril de 2013; **Hora:** 19h30 às 22:00h.

**Tema:** Direito – Prof. Dr. Jorge Luiz Souto Maior – (DDT – FD/USP);

**Local:** Anfiteatro de História/FFLCH; **Data:** 06 de maio de 2013; **Hora:** 18:00 às 22:00h.

**Tema:** Geopolítica – Vídeo de palestra do Prof. Dr. Leonel Itaussu de Almeida Mello (in memória) do DP – FFLCH/USP;

**Local:** Anfiteatro de História/FFLCH; **Data:** 15 de maio de 2013; **Hora:** 17:00 às 21:00h.

**Tema:** Sindical – Claudionor Brandão (Liderança Sindical e funcionário demitido da USP);

**Local:** Anfiteatro de Geografia/FFLCH; **Data:** 30 de maio de 2013; **Hora:** 17:00 às 21:00h;

**Promovido:** Centro Ángel Rama da FFLCH/USP; **Período:** 11 de abril a 4 de junho de 2013; **Carga Horária:** 15 horas.

**Documentário:** “O Nó”;

**Debatedor:** Igor Venceslau (Mestrando em Geografia Humana – FFLCH/USP);

**Local:** Sala 02 (Vídeo) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 28 de agosto de 2013; **Horário:** 18:00 horas.

**Estágio:** Programa de Formação de Professores de Licenciatura da USP;

**Estagiário Monitor:** Paul Clívilan Santos Firmino;

**Coordenadora:** Profa. Dra. Cecília Hanna Mate;

**Período:** 01 de março de 2013 a 31 de julho de 2013;

**Carga Horária:** 20 horas semanais.

**Monitória:** Seminário Internacional Território e Circulação na Dinâmica Contraditória da Globalização;

**Local:** Anfiteatro de Geografia – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 07, 08 e 09 de nov. de 2012; **Horário:** 14:00 às 21:00 horas; **C. Horária:** 18h.

**Organização:** I Encontro Universidade e Escolas-Campo: reflexões sobre experiências de estágio;

**Local:** Auditório da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/FEUSP, Bloco B;

**Data:** 22 de março de 2013; **Horário:** 08:30 às 13:00 horas.

**Simpósio Internacional:** A Esquerda na América Latina – História, Presente e Perspectiva;

**Local:** Departamento de História – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP;

**Data:** 11 a 13 de dezembro de 2012; **Horário:** 09:00 às 22:00 horas; **Carga Horária:** 40h.

#### 4. APRESENTAÇÕES E PUBLICAÇÕES DE TRABALHOS

- ***Apresentações de Trabalhos:***

**Evento:** XIV Encontro de Geógrafos da América Latina: Reencontro de Saberes Territoriais Latino Americanos;

**Título:** Desenvolvimento Econômico no Interior do Nordeste Brasileiro: evidenciando o papel da feira livre em Arapiraca/AL e Itabaiana/SE;

**Eixo Temático:** Geografia Urbana; **Modalidade:** Oral.

**Evento:** Encontro de Geografia da Universidade Cruzeiro do Sul 2013 – UNICSUL: “Geografia, Território e Circulação”;

**Título:** A Força do Circuito Inferior: o papel da feira livre na economia urbana de Arapiraca/AL;

**Eixo Temático:** Território, Produção e Circulação; **Modalidade:** Oral.

**Evento:** X Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ENANPEGE: Geografias, Políticas Públicas e Dinâmicas Territoriais;

**Título:** A Propósito de Dois Centros Regionais do Agreste Nordestino: o significado da feira livre para o desenvolvimento econômico de Arapiraca/AL e Itabaiana/SE;

**Eixo Temático:** Globalização e Regionalização; **Modalidade:** Pôster.

- ***Trabalhos Completos Publicados em Anais de Eventos:***

FIRMINO, P. C. S. ***Desenvolvimento Econômico no Interior do Nordeste Brasileiro: evidenciando o papel da feira livre em Arapiraca/AL e Itabaiana/SE.*** In: XIV Encontro de Geógrafos da América Latina: Reencontro de Saberes Territoriais Latino Americanos. Lima – Peru, 2013.

FIRMINO, P. C. S. ***A Propósito de Dois Centros Regionais do Agreste Nordestino: o significado da feira livre para o desenvolvimento econômico de Arapiraca/AL e Itabaiana/SE.*** In: X Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ENANPEGE: Geografias, Políticas Públicas e Dinâmicas Territoriais. Campina – SP, 2013.



## 5. EDITAIS CONCORRIDOS DE BOLSA DE PESQUISA E ESTÁGIO.

Participar de seleção de bolsas relacionadas a pesquisa e a estágio contribuiu para o amadurecimento do projeto e do mestrando, pois, procurava sempre amadurecer os projetos que submetia as seleções mediante as aulas e leituras de bibliografias direcionadas a pesquisa. Neste sentido, foi submetido um projeto no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia e um na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP.

Outros dois editais concorridos foram o do Programa de Formação de Professores da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, obtendo aprovação e sendo chamado para compor o corpo de educadores do programa, permanecendo por cerca de cinco meses, sendo este bem produtivo para o amadurecimento do mestrando enquanto profissional e conhecedor da realidade do ensino fundamental e médio, tendo contato direto com escolas da cidade a exemplo da EMEF Armando Cridey Righetti localizada na zona Leste; e também o de mobilidade internacional concedido pelo Santander, este foi negado, porém, serviu para que fosse possível manter contado com professores de Universidade de fora do País, como por exemplo o professor Jorge Manuel Barbosa Gaspar que integra o Núcleo Modelação, Ordenamento e Planejamento Territorial/MOPT, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território/IGOT da Universidade de Lisboa/UL.

- ***Edital 2012 – Bolsas CAPES/CNPq:***

**Período de Inscrição:** 17 a 31 de Outubro de 2012;

**Programa Responsável:** Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH da Universidade de São Paulo/USP;

**Coordenadora do Programa:** Profa. Dra. Rita de Cássia Ariza Cruz;

**Projeto de Pesquisa:** “Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Gênese e Desenvolvimento de Dois Centros Regionais do Interior do Nordeste Brasileiro”;

**Resultado da Seleção:** Aprovado (Classificação 23º).

- ***Edital 2012/2 – Bolsa de Estágio Monitor:***

**Período de Inscrição:** 20 de Setembro a 01 de Outubro de 2012;

**Programa Responsável:** Programa de Formação de Professores (Licenciaturas) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP;

**Coordenadora do Programa:** Profa. Dra. Cecília Hanna Mate;

**Resultado da Seleção:** Aprovado

**Período de Estágio:** 01 de Março de 2013 a 31 de Julho de 2013;

**Carga Horária:** 20 horas semanais.

- ***Edital 2013 – Bolsa Santander de Mobilidade Internacional:***

**Período de Inscrição:** 13 de Fevereiro a 05 de abril de 2013;

**Pró Reitoria Responsável:** Pró Reitoria de Pós-Graduação;

**Objetivo do Edital:** Conceder 55 (cinquenta e cinco) bolsas para alunos de pós-graduação (Mestrado e Doutorado) da Universidade de São Paulo, para estágios/intercâmbio em Instituições de Ensino Superior Estrangeiras, visando aprimorar/complementar o plano de trabalho para a dissertação/tese.

**Universidade Pretendida:** Universidade de Lisboa/UL – Núcleo Modelação, Ordenamento e Planeamento Territorial – MOPT do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território – IGOT;

**Supervisão Científica:** Prof. Dr. Jorge Manuel Barbosa Gaspar

**Projeto de Pesquisa:** “Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Gênese e Desenvolvimento de Dois Centros Regionais do Interior do Nordeste Brasileiro”;

**Parecer:** Negado.

- ***FAPESP – Mestrado/Fluxo Contínuo:***

**Submissão da Solicitação:** 21 de Dezembro de 2012;

**Sub-Área:** Geografia Humana;

**Beneficiário:** Paul Clívilan Santos Firmino;

**Responsável:** Prof. Dr. Armen Mamigonian;

**Projeto de Pesquisa:** “Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Gênese e Desenvolvimento de Dois Centros Regionais do Interior do Nordeste Brasileiro”;

**Parecer:** Concedido;

**Vigência:** 01 de Agosto de 2013 a 31 de Julho de 2015.

## 6. ATIVIDADES DE PESQUISA

### 6.1. Bibliografia Levantada

O levantamento de uma bibliografia que pudesse responder as inquietações do pesquisador, tornasse fundamental nessa etapa da pesquisa. Ela tem como objetivo conhecer e avaliar a produção sobre o tema que está sendo desenvolvido (estado da arte). Para tanto, buscou-se uma literatura nos trabalhos clássicos como nos trabalhos mais recentes, através de consultas nos acervos nas bibliotecas da Faculdade de Filosofia, Letra e Ciências Humanas/FFLCH, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/FAU, Faculdade de Economia e Administração/FEA, AGB São Paulo, Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental/LABOPLAN e no Instituto de Estudos Brasileiros/IEB na Universidade de São Paulo/USP; na Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe/UFS; na Biblioteca Municipal de Itabaiana/SE; Biblioteca do Campus I da Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL; Casa de Cultura de Arapiraca/AL.

Assim, desse levantamento já foram lidos, fichados e consultados vários livros, artigos, periódicos; outros ainda estão na “fila” para serem utilizados no decorrer da pesquisa. A bibliografia utilizada na redação desse relatório e nas discussões que foram realizadas até o presente momento, estão referenciadas no final do relatório de pesquisa.

Nas próximas etapas serão inseridas novas referências e levantamento de outras que sejam importantes para chegar nos resultados esperado, pois, as leituras ainda encontram-se em andamento, podendo-se ver a seguir as referências levantadas até o presente.

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. **Sergipe: fundamentos de uma economia dependente**. Petrópolis: Vozes, 1984.

ALMEIDA, Roberto Schmidt de; RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. **Os pequenos e Médios Estabelecimentos Industriais Nordestinos**: padrões de distribuição e fatores condicionantes. In. Revista Brasileira de Geografia, 1991, VOL. 53 n. 1.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Espaço, Polarização e Desenvolvimento**: a teoria dos pólos de desenvolvimento e a realidade nordestina. 2ª ed. Editora Brasiliense, 1970a.

\_\_\_\_\_. **Nordeste, Espaço e Tempo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes Limitada, 1970b.

\_\_\_\_\_. **Geografia Econômica do Nordeste**: o espaço e a economia nordestina. 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1974.

\_\_\_\_\_. **O Processo de Ocupação do Espaço Regional do Nordeste**. 2ª ed. Recife, SUDENE-Coord.Planej. Regional, 1979.

\_\_\_\_\_. Formação econômico-social e processos políticos no Nordeste brasileiro. In: MARANHÃO, Sílvio (org.) **A questão Nordeste**: Estudos sobre formação histórica, desenvolvimento e processos políticos e ideológicos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

\_\_\_\_\_. **O Nordeste e a Questão Regional**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. **A Terra e o Homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

ANDRADE, Manuel Correia de, ANDRADE, Sandra Maria Correia de. **A Federação Brasileira**: uma análise geopolítica e geo-social. São Paulo: Contexto, 1999.

ANDRADE, José Augusto; OLIVEIRA, Agamenon Guimarães de; SANTOS, Adelci Figueiredo. **Homem, Terra e Trabalho no Sertão Sergipano do São Francisco**. In. Revista Brasileira de Geografia, 1987, VOL. 49 n. 3.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. Industrialização do Nordeste: intenções e resultados. In: MARANHÃO, Sílvio (org.) **A Questão Nordeste**: Estudos sobre formação histórica, desenvolvimento e processos políticos e ideológicos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

\_\_\_\_\_. **Herança de Diferenciação e Futuro de Fragmentação**. In: Dossiê Nordeste I. Estudos Avançados 11 (29), 1997.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003 São Paulo: Ed. UNESP.

ARROYO, M. MÓNICA. **Território, Mercado e Estado**: uma convergência histórica. GEOgraphia, Ano 6 – nº 12, 2004, p. 49-66.

BERNARDES, Nilo. **Condições Geográficas da Colonização em Alagoas**. In. Revista Brasileira de Geografia, 1967, VOL. 29 n. 2.

BISPO, J. de A. **Itabaiana, Nosso Lugar**: quatro séculos depois. Aracaju: Infographics, 2013, 268 p.

BRADFORD, M. G.; KENT, W. A. **Geografia Humana: Teoria e suas aplicações**. Lisboa: Gradiva, 1987.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII (os jogos das trocas)**. Tradução: Telma Costa. 2.ed São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRAUDRILLARD, JEAN. **O Sistema dos Objetos**. Tradução: Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BRAVERMAN, Harry. A Revolução Técnico-Científica. In: \_\_\_\_\_. **Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1981.

BRAVERMAN, Harry. A Revolução Técnico-Científica e o Trabalhador. In: \_\_\_\_\_. **Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1981.

CARDOSO. C. A. de A. **A Feira de Campina Grande: onde se encontra o moderno e o tradicional**. In. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010.

CARDOSO, Maria Francisca Thereza C. **Campina Grande e Sua Função Como Capital Regional**. In. Revista Brasileira de Geografia, 1963, VOL. 5 n. 4.

\_\_\_\_\_. **Caruaru: A Cidade e sua área de influência**. In. Revista Brasileira de Geografia, 1965, VOL. 27 n. 4.

\_\_\_\_\_. **Feira de Caruaru**. In. Revista Brasileira de Geografia, 1967, VOL. 29 n. 1.

CARVALHO, Cícero Pércles de. **Economia Popular: uma via de modernização para Alagoas**. Maceió. 4ª ed. rev. e ampl. – Maceió: EDUFAL, 2010.

CARVALHO, D. M. de. **As Funções Centrais da Cidade de Itabaiana: uma abordagem contemporânea**. Monografia em Geografia. São Cristóvão/SE, 2009.

\_\_\_\_\_. **Comercialização de hortifrutigranjeiros em Itabaiana-SE**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia – São Cristóvão/SE, 2010, 229 f. : il.

CARVALHO, D. M. de; COSTA, J. E. da. **A Questão da Centralidade Urbana em Itabaiana/SE: uma abordagem preliminar**. Scientia Plena, Vol. 5, nº 9, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Geografia (Des)Conhecida de Itabaiana/SE**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012, 304 p. : il).

CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa, & CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

**Centenário da Emancipação de Alagoas: 1917.** Instituto Archeologico e Geographico Alagoano.\_ Maceió: Ramalho, 1919.

CHESNAIS, François. **Mundialização:** o capital financeiro no comando. Revista Outubro, São Paulo, n.5, out. 2001.

CONTEL, F. B. **Espaço Geográfico, Sistema Bancário e a Hiperacapilaridade do Crédito no Brasil.** Caderno CRH, Salvador, v. 22, n. 55, p. 119-134, Jan/Abr. 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Contribuição ao Estudo da Área de Influência de Aracaju.** In. Revista Brasileira de Geografia, 1965, VOL. 27 n. 2.

\_\_\_\_\_. **Estudo das Relações Entre Cidade e Região.** In. Revista Brasileira de Geografia, 1969, VOL. 31 n. 1.

\_\_\_\_\_. A Vida Urbana em Alagoas: a importância dos meios de transporte na sua evolução. In: **Geografia, espaço e memória.** v. 10. São Paulo: Terra Livre, 1994, p. 91/109.

\_\_\_\_\_. Repensando a teoria dos lugares centrais. In: SANTOS, Milton (coord.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira.** 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. Interações Espaciais. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Explorações Geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSTA, Craveiro. **A Emancipação das Alagoas.** Maceió, 1967.

\_\_\_\_\_. **Historia das Alagôas:** resumo didactico. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo; Maceió: SERGASA, [1929] 1983.

DANTAS, G. P. G. **Feira Livre de Macaíba/RN:** um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960/2006). Natal, RN, 2007. 202 f.

DICKEN, Peter. **Mudança Global:** mapeando as novas fronteiras da economia mundial. Bookman, 5ª edição, 2010.

DINIZ, José Alexandre Felizola. **A Zona de Influência de Aracaju.** In. Revista Brasileira de Geografia, 1969, VOL. 31 n. 3.

\_\_\_\_\_. **Notas Sobre a Posição Econômica de Sergipe nos Contextos Regional e Nacional.** Aracaju: UFS, 1991.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Alagoas e Seus Municípios.** Maceió: Imprensa Oficial, 1944. 1 v.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à História do Açúcar em Alagoas** / Prefácio. Recife: Instituto do Açúcar e do Alcool, Museu do Açúcar, 1970.

\_\_\_\_\_. **O Engenho de Açúcar no Nordeste**. Maceió: EDUFAL, 2006, 92p. : il. (Coleção Nordestina).

DUARTE, Abelardo. **As Alagoas na Guerra da Independência**. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1974.

**Fonte Bibliográfica Sobre a História de Itabaiana**. III Encontro Cultura de Itabaiana. Prefeitura Municipal de Itabaiana – Sec. Municipal de Educação. Itabaiana, Agosto de 2007.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GEIGER, Pedro Pinchas. **Regionalização**. In. Revista Brasileira de Geografia, 1969, VOL. 31 n. 1.

\_\_\_\_\_. **Cidades do Nordeste**: Aplicação de "factor analysis" no estudo de cidades nordestinas. In. Revista Brasileira de Geografia, 1970, VOL. 32 n. 4.

\_\_\_\_\_. **Divisão regional e problema regional**. In. Revista Brasileira de Geografia, 1970, VOL. 32 n. 2.

GUEDES, Zezito. **Arapiraca Através do Tempo**. Maceió: Mastergraphy, 1999.

GUERRA, A. T.; GUERRA, I. A. L. T. **Subsídios para uma nova divisão política do Brasil**. In. Boletim Geográfico nº 178 Ano XXII jan/fev. 1964, IBGE, Rio de Janeiro.

HUNT, E. K.; SHERMAN, H. J. **História do Pensamento Econômico**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sergipe e Seus municípios**. Aracaju: S.N., 1944.

KON, A. Localização Industrial, Polarização e Regionalização. In. \_\_\_\_\_. **Economia Espacial**. Nobel, 1994.

LENIN, V. I. **O Imperialismo**: fase superior do capitalismo. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2010

\_\_\_\_\_. **O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia**: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

LIMA, Policarpo. **Economia do Nordeste**: tendências recentes das áreas dinâmicas. Porto Alegre: Análise Econômica. Ano 12. Nº 21 e 22. Mar-Set/1994, p. 55-73.



LIMA, Jacob Carlos. **Negócios da China: a nova industrialização do Nordeste**. Revista Novos Estudos/ CEBRAP, São Paulo, n. 49, p. 141-158, novembro, 1997.

LIMA, Ivan Fernandes. **Geografia de Alagoas**. São Paulo: Ed. do Brasil, 1965. (Coleção Didática do Brasil. Série Normal, v. 14).

LIMA, Miguel Alves de. **Cruz das Almas e Arapiraca: duas zonas produtoras de fumo (estudos preliminares)**. AGB, 1955/SP. Vol. VIII tomo I (1952-53).

MAMIGONIAN, Armen. **Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau**. In. Revista Brasileira de Geografia, 1965, VOL. 27 n. 3.

\_\_\_\_\_. **Tecnologia e Desenvolvimento Desigual no Centro do Sistema Capitalista**. Revista de Ciências Humanas. Santa Catarina, n. 2, 1982.

\_\_\_\_\_. A Geografia e a Formação Social como Teoria e como Método. In. SOUZA, M. A. A. de (Org.). **Mundo do Cidadão, Um cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 198-206.

\_\_\_\_\_. **Kondratieff, Ciclos Médios e Organização do Espaço**. GEOSUL – Revista do Departamento de Geociências – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, vol. 14, nº 28, jul/dez, 1999, p. 152-157.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo e Socialismo em fins do século XX (Visão Marxista)**. Ciência Geográfica, ano VII – Vol. I, nº 18, jan/abril, 2001, p. 4-9.

\_\_\_\_\_. **Estudos de Geografia Econômica e de Pensamento Geográfico**. Livre Docência apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, USP, 2004, 2 vol.

\_\_\_\_\_. **O Nordeste e o Sudeste na Divisão Regional do Brasil**. In: Geografia Econômica – Anais de Geografia Econômica e Social. Grupo de Pesquisa/CNPq Formação Sócio-Espacial: Mundo, Brasil e Regiões. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Impressão no Departamento de Geociências, abril de 2009.

MANZAGOL, C. Primeira parte – As teorias Clássicas; Segunda parte – As Novas Abordagens. In. \_\_\_\_\_. **Lógica do Espaço Industrial**. DIFEL: Divisão Editorial S. A. 1980

MELO, Mário L. de. **Bases Geográficas dos Problemas do Nordeste**. In. Revista Brasileira de Geografia, 1962, VOL. 24 n. 4.

MELO, Mário L. de. **Nordeste, Planejamento e Geografia**. In. Revista Brasileira de Geografia, 1963, VOL. 25 n. 3.



MELO, Mário L. de. **Os Agrestes**: estudo dos espaços nordestino do sistema gado-policultura de uso de recursos. Recife, SUDENE: Estudos Regionais 4, Coord. Planej. Regional, 1980.

MELO, R. O. Lacerda de. **Industrialização e Integração Econômica do Nordeste**: o caso da indústria têxtil. Aracaju – SE, 1987.

MENEZES, D. **O Outro Nordeste**: formação social do Nordeste. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1937.

MORAIS, O. Máximo de. **Organização Espacial da Indústria Nordestina**: o Ceará e Alagoas em um novo contexto. São Paulo, 2012, 231 f.

NARDI, J. B. **Fumo e Desenvolvimento Local em Arapiraca/AL**: primeiras observações e análises para elaboração do diagnóstico sócio-econômico municipal e regional. Projeto FAPEAL/CNPq-FUNESA, 2004.

NASCIMENTO, A. J. **A Economia Sergipana e a Integração do Mercado Nacional (1930/1980)**. São Paulo, 1994, 229p.

OLIVEIRA, J. L. de. **Da Crise do Setor Fumageiro à Diversificação Produtiva em Arapiraca/AL**: o projeto cinturão verde. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, 2007, 108 f.

OLIVEIRA. M. A. D. de. **Crescimento e Estagnação do Cooperativismo Agrícola na Região Fumageira de Arapiraca – Alagoas**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, 2005, 215 f.

PAIM, Gilberto. **Industrialização e Economia Natural**. Ministério da Educação e Cultura- Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Rio de Janeiro, 1957.

PAZERA JR. E. **A Feira de Itabaiana – PB**: permanência e mudanças. São Paulo - SP, 2003, 201 f.

PERROUX, F. Nota Sobre o Conceito de Polo de Desenvolvimento. In. FRIEDMANN, J.; PERROUX, F.; TINBERGEN, J. **A Planificação e os Polos de Desenvolvimento**. Cadernos de Teoria e Conhecimento. Porto: Edições Rés, 1975, 82 p.

\_\_\_\_\_. O Conceito de Pólo de Desenvolvimento. In: **Urbanização e Regionalização**: relações com o desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro/IBGE, 1978, p. 97-110.

POLANYI, Karl [1944]. **A Grande Transformação**: as origens da nossa época. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

PRADO JR., Caio. Formação do Brasil Contemporâneo: colônia. São Paulo: Companhia das Letras 1ª ed. 2011.

PROST, Gerard. **O Agreste de Esperança** - A Fronteira Cariri-Agreste de Esperança. In. Revista Brasileira de Geografia, 1968, VOL. 30 n. 3.

RANGEL, Ignácio. **Financiamento dos Empreendimentos Regionais**. In. Anais do Seminário para o Desenvolvimento do Nordeste. 1959, Vol. II.

\_\_\_\_\_. **A História da Dualidade Brasileira**. Revista de Economia Política. São Paulo, v. 1, n. 4, p. 5-34, out./dez. 1981.

\_\_\_\_\_. **O Quarto Ciclo de Kondratiev**. Revista de Economia Política, vol. 10, nº 4 (40), outubro/dezembro/1990.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Desenvolvimento Econômico Brasileiro**. Bial, 2ª ed. 1990.

\_\_\_\_\_. **Dualidade Básica da Economia Brasileira**. In. BENJAMIN, César (org.). Ignácio Rangel – Obras Reunidas, v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento. 2012, p. 285-353.

\_\_\_\_\_. **Economia: milagre e antimilagre (1985)**. In: BENJAMIN, César (org.). Ignácio Rangel – Obras Reunidas, v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento. 2012, p. 681-742.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Desenvolvimento Econômico Brasileiro**. BENJAMIN, César (org.). Ignácio Rangel – Obras Reunidas, v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento. 2012, p. 129-202.

\_\_\_\_\_. **O Desenvolvimento Econômico do Brasil**. BENJAMIN, César (org.). Ignácio Rangel – Obras Reunidas, v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento. 2012, p. 39-128.

\_\_\_\_\_. **Obras reunidas/Ignácio Rangel**. – Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento. 2012. 2v. (1.508p.)

ROCHEFORT, Michel. **Distribuição dos Serviços Comerciais no Estado de Pernambuco**. AGB – Anais, Vol. XIII (1959-60). São Paulo, 1964.

ROMÃO, Simone Rachel Lopes. **A Cidade do Futuro**: Agenda 21 Arapiraca. Simone Rachel I. Romão, José Matias Irmão, Rosa M. Ângelo de Oliveira Lira; Revisão de textos: Simone Romão, Kátia Almeida, Regina C. Barbosa; contribuição temática: Zezito Guedes; ilustrações: José Vicente; fotografias: Camila Cavalcante. Maceió: IDEARIO, 2008. 171p. : il.

SAMPAIO, Marcos Guedes Vaz. **Estudos de Desenvolvimento Regional: Sergipe**. Rio de Janeiro: CAPES, 1959.

SANTOS, Clêane Oliveira dos. **Territórios e Espaços Vividos no Município de Itabaiana/SE**. In: Revista Eletrônica Ateliê Geográfico. Goiânia-GO: Vol. 3, 2009, p. 152-174.

SANTOS, M. **Sociedade e Espaço**: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*: AGB, São Paulo, n. 54, p. 81-99, jun. 1977.

\_\_\_\_\_. **O Dinheiro e o Território**. GEOgraphia – Ano. 1- Nº 1 – 1999.

\_\_\_\_\_. O Retorno do Território. In: SILVEIRA, Maria Laura et al (Org.) **Território, Globalização e Fragmentação**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 15-20.

\_\_\_\_\_. **Economia Espacial**: críticas e alternativas. 2. ed. São Paulo: EDUSP, [1979] 2007.

\_\_\_\_\_. **Por Uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, [1978] 2008.

\_\_\_\_\_. **O Espaço Dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países desenvolvidos. 2º ed., 1. reimpr. – São Paulo: EDUSP, [1979] 2008.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Método**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, [1985] 2008. (Coleção Milton Santos, 12).

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do Espaço Habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6ª ed. São Paulo: EDUSP [1988] 2008.

\_\_\_\_\_. **A Urbanização Brasileira**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, [1993] 2008.

\_\_\_\_\_. **Pobreza Urbana**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, [1978] 2009.

\_\_\_\_\_. **A Urbanização Desigual**: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos. 3. ed. São Paulo: EDUSP, [1980] 2010.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed., 4. reimpr. São Paulo: EDUSP, [1996] 2008.

\_\_\_\_\_. **Por Uma Outra Globalização** – do pensamento único a consciência universal. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SERENI, E. **La Categoría de “Formación Económico-Social”**. In. El Concepto de “Formación Económico-Social”. Cuadernos de Passdo y Presente/39. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1973, 248 p.

SILVA, M. E. **Feira como Centralidade Urbana** – o caso de Itabaiana. Aracaju, fevereiro, 1987.

SILVEIRA, M. L. **Uma Situação Geográfica**: do método à metodologia. Revista Território, ano IV, nº 6, jan/jun. 1999, p. 21-28.

\_\_\_\_\_. **Finanças, Consumo e Circuitos da Economia Urbana na Cidade de São Paulo**. In. Caderno CRH, Salvador, v. 22, n. 55, p. 65-76, Jan./Abr. 2009.

SOUZA, M. A. A. de. **Paraná**: o quadro geográfico, histórico e económico do processo de urbanização. In. Boletim Paulista de Geografia. AGB – Seção Regional de São Paulo, dezembro, 1971, nº 46, p. 38-87.

SUBRINHO, Josué Modesto dos Passos. **História Econômica de Sergipe (1850-1930)**. Programa Editorial da UFS, 1987, 116 páginas.

TENÓRIO, Douglas Apprato. **Capitalismo e Ferrovias no Brasil**. Curitiba: HD Livros, 1996.

TROTSKY, Leon. Capítulo I – Peculiaridades do Desenvolvimento da Rússia. In: \_\_\_\_\_. **A História da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1967.

\_\_\_\_\_. Apêndice I (Ao Capítulo I – Peculiaridades do Desenvolvimento da Rússia). In: \_\_\_\_\_. **A História da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1967.

VALLUX, Camilo. **El suelo y El Estado**. Geografia Social, Madrid: Daniel Jorro Editor, 1914, p. 265-307.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara de. **Transportes e Mobilidade Urbana**. Brasília: CEPAL. Escritório no Brasil/IPEA, 2011. (Textos para discussão CEPAL-IPEA, 34), pp. 7-52.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

WERLEN, BENNO. **Regionalismo e Sociedade Política**. GEOgraphia, Ano II – nº 4, 2000, p. 7-25.

## 6.2. Grupos de Estudos

- **Grupo de Estudos Sobre Indústria:**

**Texto:** “Lógica do Espaço Industrial” (Parte I – As teorias Clássicas e Capítulo 7 da II Parte A Crítica Radical) – Claude Manzagol;

**Data:** 14 de agosto de 2013; **Horário:** 19:00 horas.

**Texto:** Localização Industrial, Polarização e Regionalização – Capítulo 9 do livro “Economia Espacial” de Anita Kon;

**Data:** 21 de agosto de 2013; **Horário:** 20h30.

**Texto:** Artigos: Teorias Sobre a Indústria Brasileira; Notas Sobre o Processo de Industrialização no Brasil – Prof. Dr. Armen Mamigonian (USP);

**Data:** 11 de setembro de 2013; **Horário:** 19:00 horas.

**Texto:** A Questão: o uso do território; Do Meio Natural ao Meio Técnico-Científico-Informacional; A Constituição do Meio Técnico-Científico-Informacional e a Renovação da Materialidade no Território – Capítulo I, II e III do livro “O Brasil: território e sociedade no início do século XXI” de Milton Santos e Maria Laura Silveira;

**Data:** 25 de setembro de 2013; **Horário:** 19:00 horas.

- ***Grupo de Estudos Da Totalidade ao Lugar – Milton Santos:***

**Texto:** O Circuito Inferior da Economia Urbana em Campinas/SP: análise sobre a mobilidade espacial e o acesso ao crédito – Capítulo 4 da dissertação de Flávia Cristine da Silva;

**Data:** 27 de fevereiro de 2013; **Horário:** 14:00 horas.

**Texto:** Os Monopólios; O Estado e o Circuito Moderno – Capítulo 5 e 6 da segunda parte do livro “O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos” (Milton Santos);

**Data:** 07 de agosto de 2013; **Horário:** 18:00 às 20:00 horas.

**Texto:** A Pobreza Urbana e o Circuito Inferior; O Circuito Inferior – Capítulo 7 e 8 da terceira parte do livro “O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos” (Milton Santos);

**Data:** 21 de agosto de 2013; **Horário:** 18:00 às 20:00 horas.

**Texto:** O Estado, os Monopólios e a Macroestruturação do Espaço; Dois Processos de Industrialização e os Dois Subsistemas Urbanos; Conclusão –

Capítulo 9 e 10 da quarta parte e a conclusão do livro “O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos” (Milton Santos);

**Data:** 04 de setembro de 2013; **Horário:** 18:00 às 20:00 horas.

### **6.3. Sites Consultados**

Algumas informações e dados que subsidiasse a pesquisa foram também consultados em alguns sites dos quais estão elencados nesse sub item. Parte dos dados, materiais e informações já estão incorporados no relatório de qualificação, que por sua vez possibilitou ter um maior contato com a realidade da área de pesquisa estudada.

<http://www.itabaiana.se.gov.br/>

<http://www.cdilitabaiana-se.com.br/>

<http://www.arapiraca.al.gov.br/v3/>

<http://www.cdларapiraca.com.br/>

<http://www.scielo.org/php/index.php>

<http://www.scienciaplena.org.br/ojs/>

<http://www.agb.org.br/>

<http://agbsaopaulo.org.br/node/156>

<http://www.ibge.gov.br/home/>

[http://biblioteca.ibge.gov.br/d\\_detalhes.php?id=7115](http://biblioteca.ibge.gov.br/d_detalhes.php?id=7115)

<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.htm>

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>

### **6.4. Trabalho de Campo**

A realização do trabalho de campo até o presente momento foi feita como forma de conhecer o objeto de estudo, esclarecer alguns processos e obter dados referentes a proposta deste trabalho.

O primeiro contato com a cidade itabaianense deu-se aos 16 de fevereiro de 2013, dia de sábado, dia de feira, dia de maior movimentação e convergência de pessoas para a cidade. Foi possível andar por entre as ruas lotadas de

feirantes, compradores, ambulantes, carroceiros, carregadores de fretes etc.; andar por entre as ruas além da feira também possibilitou conhecer o comércio e sua variedade, com o “moderno” e o “tradicional” juntos na zona urbana da cidade, diga-se uma casa de barro e taipa no centro da cidade produzindo artesanalmente produtos derivados da mandioca e do milho (espécie de casa de farinha), em contrapartida tem-se as lojas de eletrodomésticos convivendo no mesmo espaço; ali perto também foi possível encontrar algumas indústrias, como a Cerâmica Mandeme e a própria Carroceria São Carlos. Neste momento o contato deu-se eminentemente de caráter exploratório para ter um conhecimento de forma geral da cidade e também foi possível fazer alguns registros de todo esse movimento a partir da fotografia.

Um segundo contato, feito de forma um pouco mais cuidadosa, foi realizado entre os dias 13, 14, 16, 17 e 18 de dezembro de 2013. Então, foi feito um levantamento bibliográfico e algumas entrevistas com pesquisadores, moradores das cidades, funcionários de algumas fábricas, comerciantes, feirantes e representantes de órgãos oficiais. Assim, vieram contribuir para o entendimento da gênese e do desenvolvimento econômico da cidade de Itabaiana.

No dia 13 de dezembro o trabalho foi realizado na Universidade Federal de Sergipe/UFS, Campus de São Cristóvão/SE. O contato com alguns alunos e professores do Departamento de Geografia da universidade, apontou alguns caminhos que facilitaram o levantamento de uma bibliografia sobre Itabaiana e Sergipe. O contato com a biblioteca central da universidade e alguns laboratórios foi importante nesse momento, bem como o contato com o professor Dr. José Eloízio da Costa, que presenteou-me com um livro sobre Itabaiana (A Geografia (DES) conhecida de Itabaiana/SE) e também passou-me o contato de um aluna de doutorado que trabalha com ele no Núcleo de Pós-Graduação em Geografia/UFS – NPGeo-UFS e que mora em Itabaiana, sendo esta uma das pessoas que contribuíram com o trabalho de campo.

Nos dias 14, 16, 17 e 18 de dezembro de 2013 o trabalho foi realizado na cidade de Itabaiana, onde foram realizadas algumas entrevistas: Diana Mendonça de Carvalho – Mestre e Doutoranda em Geografia; José de Almeida Bispo – Historiador; Edivaldo Francisco da Cunha – Presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas de Itabaiana (CDL – Itabaiana); Maria Iramí de Almeida – Comerciante Lojista; Márcia – Gerente da Fábrica de Carroceria São Carlos; Catarino Cardoso



– Agricultor; Ana Paula – Secretária da Cerâmica Mandeme LTDA; Filha de Carlos Alberto Ferreira da Silva – Ferreira Construções e Serviços; Gean Santos – Funcionário da Cerâmica Higino; e outros funcionários que não queria ser identificados e conversas mais informais com moradores da cidade. Além das entrevistas foi feito um levantamento de dados em alguns órgãos como o realizado na Secretaria de Indústria e Comércio, Secretaria de Cultura, Câmara de Dirigentes Lojistas de Itabaiana – CDL, SEBRAE/Itabaiana.

Já na cidade de Arapiraca, pode-se dizer que o campo já vinha sendo feito desde o momento de elaboração do projeto para submissão na seleção de mestrado, ao tempo também em que na época de graduação foi feito um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC que tinha Arapiraca como tema central. Mas, entre os dias 27, 28, 29, 30 e 31 de janeiro de 2014 foi realizado um trabalho de campo com entrevistas e levantamento de dados, já que houve mudança no que se está pesquisando em relação a graduação, para tanto foi feita entrevista com: Manoel Firmino – Agricultor e aposentado; Francisco Celestino – Feirante e aposentado; Pedro Pereira Leão (90 anos) – ex-agricultor; Juarez Valeriano Cavalcante – Industrial; Adalberto Saturnio de Almeida – Vereador; José Firmino – Caminhoneiro; Adelson Gregório – Agricultor; Kilma Marques – Coord. Comunicação e Publicidade/Grupo Coringa. Foi também feito um levantamento de dados e informações nas Secretarias de Indústria, Planejamento e Agricultura; na biblioteca central da Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL; Casa da Cultura de Arapiraca; e na Federação das Associações Comunitárias dos Moradores de Arapiraca – FACOMAR.

No que se refere a cidade de Itabaiana, o trabalho de campo foi mais interessante no sentido de que é uma cidade que não faz parte da realidade do pesquisador, porém, é uma cidade tipicamente agrestina e com características que a individualiza e que também se assemelham com as de Arapiraca, sendo esta cidade de origem do pesquisador e que por sua vez tem um maior conhecimento acerca da mesma.

Portanto, a partir desse prévio trabalho de campo e de um mais completo a ser realizado na segunda etapa da pesquisa, espera-se compreender a gênese e o desenvolvimento econômico, relacionando o rural com o urbano e, conseqüentemente mostrar a importância dessas cidades do ponto de visto do comércio, serviço e o estágio atual em que se encontra a atividade industrial.



## **6.5. Próximos Passos da Pesquisa**

Mediante o trabalho de campo (entrevistas e levantamento de dados) realizado e o levantamento bibliográfico, as leituras e fichamentos feitos, já foi possível começar a entender como se deu a gênese econômica de Itabaiana e Arapiraca, bem como seu funcionamento e organização. Mas, é preciso ainda aprofundar algumas leituras e fazer relação com diversas questões que merecem reflexões e que vão apontar ações para o desenvolvimento da pesquisa em sua segunda fase, junta-se também aquelas que surgirão posteriormente à apresentação deste memorial de qualificação.

Pretende-se, após o exame de qualificação fazer um trabalho de campo de forma intensa (pretende-se ir em Itabaiana em junho do corrente ano para conhecer a maior festa da cidade – a festa do caminhoneiro – já que o caminhão faz parte diretamente do desenvolvimento econômico da cidade), com visitas a órgãos oficiais já visitados em busca de novas informações e outros que ainda não foi possível uma visita; realizar entrevistas com questionários mais detalhados; realização de mais registros fotográficos.

O aprofundamento das leituras e fichamentos continuaram sendo realizados, buscando aprofundar as noções de desenvolvimento regional e econômico, formação sócioespacial e feira livre, para encontrar as origens desse desenvolvimento. Assim, ajudarão a responder as inquietações, a chegar nos resultados esperados e também contribuir na elaboração mais detalhada do questionário a ser aplicado no próximo trabalho de campo.

Em seguida parte-se para elaboração de mapas, quadros, gráficos, tabelas etc. que serão necessários para sistematizar as informações obtidas e que comporão a dissertação final.

Por fim, pretende-se dar continuidade na elaboração de artigos a serem apresentados em eventos acadêmicos para mostrar os resultados da pesquisa até o presente momento e concomitantemente trabalhar no processo de redação da dissertação, com previsão de depósito para o 3º trimestre de 2015.

**PARTE II**  
**Projeto de Pesquisa**

## 1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A ocupação da região Nordeste se deu de forma bastante diversificada, tanto em extensão como em sua natureza e intensidade. Certamente foi a região que outrora impulsionou o desenvolvimento do capitalismo comercial dada a intervenção do português. Dessa intervenção tem-se os primeiros indícios do que seria a feira livre futuramente no Brasil, mais precisamente no Nordeste.

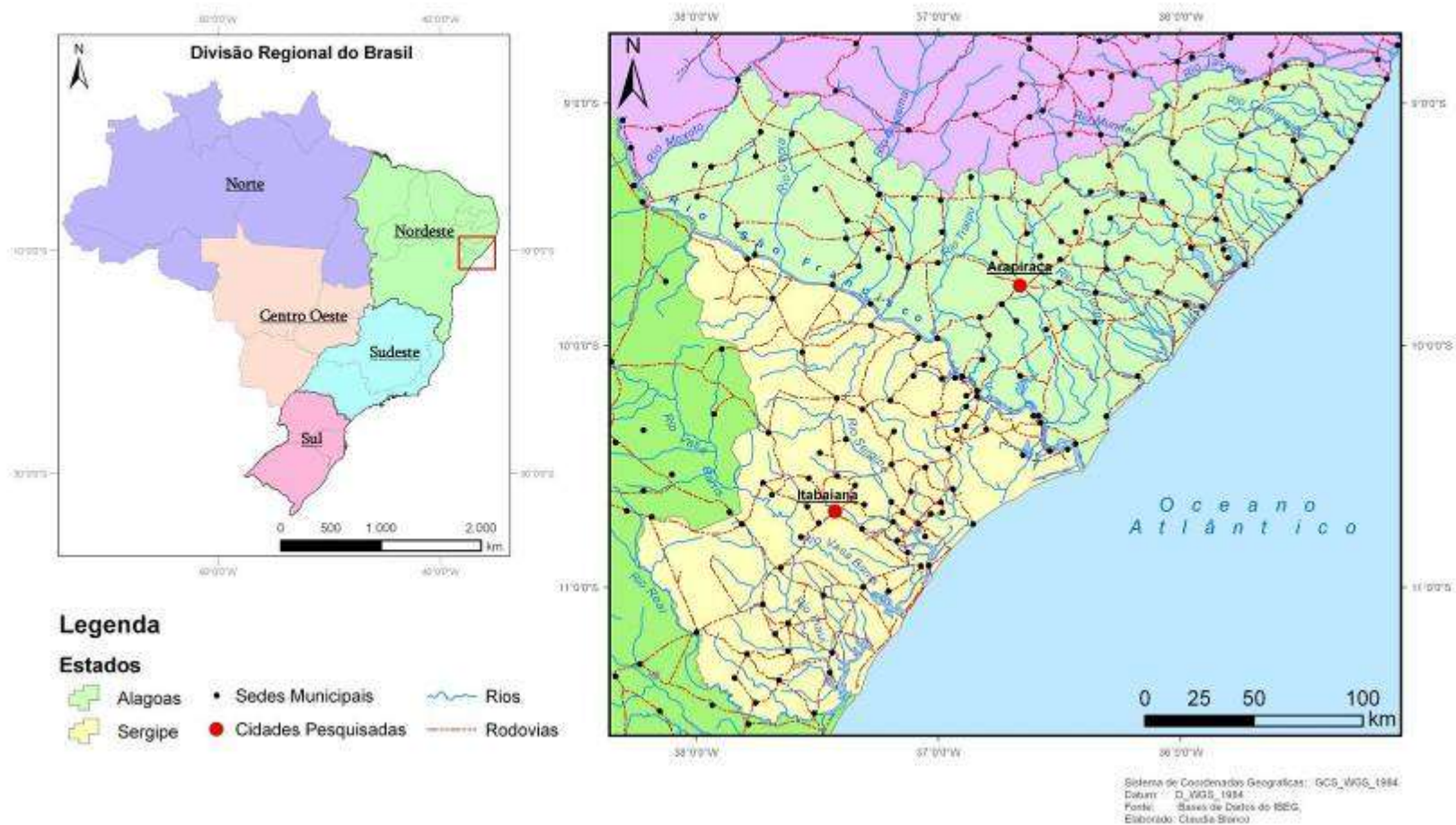
Evidenciar o papel das feiras livres nas transformações econômicas ocorridas no Nordeste é de suma importância no entendimento do crescimento econômico e desenvolvimento de suas cidades, principalmente as localizadas no Agreste e Sertão. Pode-se dizer que a economia dessas cidades tem sua gênese baseada nas feiras livres, que com o tempo passaram a assumir uma importância cada vez mais expressiva economicamente, manifestando-se como atividade comercial, refletindo nos atuais serviços urbanos, mobilizando e impulsionando a dinâmica da economia, do comércio e, conseqüentemente do crescimento das cidades, ultrapassando os limites locais, atingindo grandes áreas, tendo determinada influência sobre outras cidades circunvizinhas.

Nessa perspectiva, inserem-se as cidades de Arapiraca e Itabaiana, localizadas no Agreste dos estados de Alagoas e Sergipe, respectivamente, que têm nas feiras livres a gênese do seu desenvolvimento econômico (mapa 1). Associados a elas encontram-se eventos de naturezas diversas que contribuíram para um processo de mudanças nessas cidades, imprimindo novos ritmos nas suas economias e configurando-as como centros regionais e, conseqüentemente, desenvolvendo papéis importantes não só nos seus municípios como em suas respectivas micro e mesorregiões, dando uma maior dinamicidade às áreas ao seu entorno. Desta forma, parafraseando Andrade (1970b, p. 112), percebe-se que “nos polos de desenvolvimento eles, como centros dinâmicos, crescem fazendo crescer ao mesmo tempo a região, o continente ou o país para eles polarizados”.

Partindo dessa premissa, observa-se que se faz necessário também investigar recortes relacionados às regiões de especialização agrícola, nascimento e desenvolvimento de indústrias a partir de capital local, organização de cooperativas etc., que têm expressado na dinâmica, o caráter singular do interior nordestino.

**Mapa 1:** Localização das Cidades de Arapiraca/AL e Itabaiana/SE.

### Localização da Área de Estudo Arapiraca (AL) e Itabaiana (SE)



**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Bases de Dados. Elaboração Cartográfica: Claudia Blanco.

O Nordeste é uma das regiões que mais conheceu um número significativo de mudanças, ganhando novos ritmos e desenvolvendo-se economicamente. A partir da década de 1950 tem-se o início de um período em que muitos eventos passaram a ser realizados na região, conseqüentemente, os eventos que aí estavam acontecendo vieram surpreender muitos estudiosos e pesquisadores, desmistificando interpretações equivocadas e tendenciosas feitas a respeito da economia, cultura e do desenvolvimento dessa região.

Daí a importância para construção do objeto de estudo a respeito do tema aqui proposto, bem como a desmistificação da ideia do Nordeste como região problema, destacando a observação feita por Mamigonian (2009),

Ora, Euclides da Cunha desmistificou a imagem do sertanejo nordestino, assim como Gilberto Freyre desmascarou as ideias racistas a respeito do negro e elogiou a miscigenação. Nos últimos tempos os agrestinos tem demonstrado que o imobilismo social que paralisou o nordeste é uma imagem falsa diante da multiplicidade das iniciativas empresariais regionais (MAMIGONIAN. 2009, p. 52).

Logo, o conhecimento das feiras que impulsionaram o crescimento de determinadas cidades tornando-as centros regionais, é de grande relevância, para que se possam analisar as mudanças, evoluções, transformações e a própria economia da região.

Neste sentido, viu-se a necessidade de desenvolver políticas voltadas para o Nordeste, dentre elas destaca-se a construção de rodovias, dando uma maior facilidade no deslocamento de pessoas, bem como de mercadorias. Conforme pode ser visto nas palavras de Andrade (1974, p. 88), as estradas “deram uma grande contribuição à modernização e à integração da região sertaneja na vida regional”, ou ainda nos dizeres de Santos ([1980] 2010, p. 110) para quem “os transportes chegaram a transformar a economia de regiões inteiras”. Essas rodovias deram um maior desenvolvimento na econômica regional, permitindo uma utilização mais intensa da agricultura e pecuária ali existente, acarretando numa maior valorização da região.

Trilhando por este caminho, o estudo do Nordeste vem se tornando uma importante linha de pesquisa, ganhando seguidores e ampliando os estudos e as abordagens a respeito do desenvolvimento econômico e regional a partir de uma perspectiva geográfica.

É possível constatar que nas últimas décadas do século XX e início do século XXI começa a ressurgir no Brasil uma região que durante muito tempo sempre foi tida como sinal de atraso e periferia do país, qual seja, o Nordeste, e que nas últimas décadas tem mudado bastante suas características, juntamente com o Brasil, destacando no que se refere a economia. Rangel (2012, p. 298) aponta que “a economia brasileira se rege basicamente, em todos os níveis, por duas ordens de leis tendenciais que imperam respectivamente no campo das relações internas de produção e no das relações externas de produção”.

Para entender o processo evolutivo e o dinamismo que começava a manifesta-se por toda região do Nordeste, se faz necessário reconstituir os fatos que contribuíram para essa evolução, partindo do econômico até os que envolvem cada instância da sociedade, principalmente para não se fazer uma análise errônea desse processo, conforme Santos ([1985] 2008, p. 97) “não se deve esquecer de que, no espaço, o econômico, o político e o cultural se dão de forma diferenciada”. Nota-se, que o conhecimento da região ora apresentada é de grande relevância, para que se possa formular uma teoria que explique a gênese e o dinamismo dessa região. Portanto,

O que importa é conhecer como nossa sociedade concreta se comporta em sua vida econômica, na produção de sua própria vida, da vida dos seus membros. Ora, para isso, em nosso caso, faz-se mister examinar como todas as sociedades humanas se comportam e comportaram (RANGEL, 2012, p. 289).

Diante da diversidade regional que está presente nessa porção territorial chamada Nordeste, se faz necessário no decorrer do desenvolvimento do projeto, entender como era e como se dá nos dias atuais a relação entre o meio “natural” – meio físico – e a organização do espaço pelo homem, para em seguida, ter-se um melhor esclarecimento das características do desenvolvimento econômico de cada sub-região, e, conseqüentemente a partir do desenvolvimento das partes, perceber a importância do Nordeste, para a economia brasileira.

No presente projeto de pesquisa a sub-região chamada de Agreste ganha destaque por ser portadora de uma dinâmica singular, que possui sua gênese no processo de formação, refletindo, sobretudo, no funcionamento da economia e no papel desempenhado por suas cidades (diga-se Arapiraca/AL e Itabaiana/SE), que tem sua origem econômica na feira livre. Assim,

Têm as feiras, sobretudo no Agreste e no Sertão, onde domina uma atividade policultora, grande influência na economia local. Interessante seria realizarem-se estudos em várias feiras, para mensurar a importância das mesmas e estabelecer a área de influência de cada uma delas (ANDRADE, 1974, p. 135).

A referida zona vai apresentar uma diversificação maior em relação às outras, dentre os tipos de produção pode-se citar, desde a pecuária e o algodão no Rio Grande do Norte, passando por Arapiraca/AL que foi um grande centro e por que não dizer “o maior centro fumicultor do Nordeste entre as décadas de 1940 até 1970” (GUEDES, 1999), Itabaiana – SE que aponta como um centro importantíssimo na produção de frutas e na produção de bata-doce, até chegar ao agreste baiano, onde a cidade de Feira de Santana ganha visibilidade como centro principal desta zona. Assim, percebe-se que “são apenas zonas que, entretanto, apresentam características que as individualizam [...] são áreas que merecem estudos detalhados a fim de orientar a sua vocação geoeconômica” (ANDRADE, 1970a, p. 36).

Mediante o quadro apresentado, o Nordeste encontra-se em processo de desenvolvimento, mesmo ainda sendo portador do problema da baixa densidade técnica, principalmente se considerado do meio mecanizado, que ainda dar-se de forma concentrada no território brasileiro (Santos; Silveira, 2010). Refletindo, por conseguinte, no baixo desenvolvimento da agricultura, a qual ainda encontra-se com índices de mecanização inferiores ao esperado, se comparada com outras regiões, ou mesmo entre os próprios estados. Assim, “inovações técnica e novas ações de empresas de força diversa, dos vários segmentos do estado, de grupos e corporações difundem-se num pedaço do planeta, modificando o dinamismo preexistente e criando uma nova organização das variáveis”. (SILVEIRA, 1999, p. 25), fazendo notar que essas diferenças são frutos dos interesses financeiros dos atores hegemônicos.

Diante dessa realidade, faz-se necessário analisar e apreender as estruturas sociais antigas presentes na região, que de forma direta ou indireta retardam as mudanças, evoluções e transformações, seja em relação à evolução técnica ou mesmo material, que refletem na própria economia da região Nordeste. Trazendo à luz os nexos que explicam as relações entre os estados de Alagoas e Sergipe a partir das feiras livres de Arapiraca e Itabaiana, atualmente dois importantes centros de prestação de serviços do agreste.



## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral**

Analisar e debater a gênese do desenvolvimento econômico nas cidades de Arapiraca/AL e Itabaiana/SE a partir do conceito de formação socioespacial. Centrado numa investigação histórica e da realidade atual de cada cidade, atentando para suas particularidades.

### **2.2. Objetivos Específicos**

- Identificar as origens do povoamento das cidades de Arapiraca e Itabaiana localizadas na sub-região agrestina;
- Investigar e analisar as atividades econômicas presentes em cada período e sua importância no desenvolvimento econômico das cidades de Arapiraca e Itabaiana;
- Analisar o papel que a feira livre teve no processo de desenvolvimento econômico de Arapiraca, Itabaiana e da região agreste a qual cada uma pertence;
- Compreender as mudanças e transformações presentes nas feiras livres e suas implicações no comércio;
- Refletir sobre o papel desempenhado pelas vias de transportes como forma de integração e desenvolvimento das cidades ora apresentadas;
- Investigar e apreender dentro do contexto socioeconômico os papéis desempenhados pelas cidades na escala estadual, regional e nacional;
- Analisar as funções urbanas desempenhadas por Arapiraca e Itabaiana, como centro comercial e distribuidor de serviços;
- Analisar a importância do capital e mão de obra local empregados nas iniciativas comerciais e industriais;
- Conhecer e discutir a evolução e o estágio atual de desenvolvimento da indústria nas duas cidades agrestinas em evidência;
- Identificar por meio de mapeamento as zonas onde concentram maior número de indústrias, comércio e serviços.



### 3. HIPÓTESE

O processo de desenvolvimento econômico de Arapiraca/AL e Itabaiana/SE tem sua gênese baseada em iniciativas locais: a feira livre é um ponto chave nesse processo; atualmente o comércio e o serviço são os setores mais dinâmicos na economia; e a indústria aparece ainda meio que de forma tímida, mas que se mostra está se fortalecendo e criando raízes.

### 4. PROBLEMATIZAÇÃO

A geografia brasileira tem passado por um processo de mudança que vem ocorrendo desde as derradeiras décadas do século que se findou, abrindo espaços para inserção de novos temas e o ressurgimento de outros que se encontravam por assim dizer, ausentes das agendas de pesquisas de muitos geógrafos e demais cientistas de outros campos do conhecimento.

A (re)inserção de estudos acerca do Nordeste nas agendas de pesquisa dos geógrafos, mostram-se relevantes para o entendimento acerca do desenvolvimento econômico das cidades localizadas na sub-região agrestina do Nordeste. Então, a investigação de duas cidades – *ARAPIRACA* e *ITABAIANA* – que pertencem ao agreste alagoano e ao agreste sergipano, respectivamente, inserem-se nesse contexto, tendo seu desenvolvimento econômico atrelado ao papel desempenhado pela feira livre, a um comércio bem diversificado, as atividades artesanais e as atividades agrícolas.

Neste sentido, trazer à tona os nexos que explicam as relações entre as duas cidades citadas anteriormente, torna-se fundamento importante no desenrolar da pesquisa e na investigação das particularidades da sub-região e dos estados a qual cada uma pertence – Agreste e os estados Alagoano e Sergipano.

No que concerne as características gerais do estado alagoano é possível encontrar um população de 3.143.384 habitantes distribuídos nos seus 102 municípios, ocupando uma área de 27.779,343 quilômetros quadrados, formando as três Messorregiões e as treze Microrregiões do estado de acordo com o IBGE censo de 2010. Dentre seus municípios pode-se destacar Maceió, Palmeira dos Índios, Penedo, União dos Palmares, Marechal Deodoro, Delmiro Gouveia,

Santana do Ipanema e Arapiraca, sendo esta, a segunda cidade mais importante do estado.

Antes de sua emancipação política, o atual estado de Alagoas pertencia ao estado de Pernambuco, apresentava nesta época índices interessantes que viria a provocar sua emancipação juntamente com outros fatores em 16 de setembro de 1817. D. João VI reponsável pela divisão da antiga comarca da sua respectiva capitania queria também com isso “enfraquecer Pernambuco, amesquinhando-lhe a vastidão territorial e querendo também galardoar os serviços prestados por Alagôas na debelação do movimento de 1817” (COSTA, [1929] 1983). Porém, por esta época Alagoas já tinha fatores econômicos e demográficos que foram essenciais para o desenvolvimento da antiga comarca, dando-lhe possibilidade de autonomia: “A comarca de Alagoas estendia-se por mais de um terço do território da capitania de Pernambuco, com uma população numerosa e uma vasta vida econômica” (COSTA, 1967, p. 28).

No que se refere a demografia, Alagoas contava com uma população de 89.589 almas, passando para 111.973 habitantes no ano de 1819 conforme Craveiro (1967, p. 39). Estendendo-se mais um pouco, Tenório (1996, p. 73) mostra que esse número já alcançava a cifra de 249.687 habitantes em 1860 e 341.316 em 1870. Já no que se refere aos fatores econômicos, relatos históricos (CARVALHO, 1982; COSTA, [1929] 1983; LIMA, 1965) comprovam que a ocupação das terras que correspondem ao estado alagoano, deu-se a partir de uma expansão da cultura canavieira no sentido sul de Pernambuco, que na época era denominado de capitania de Pernambuco. Segundo Duarte,

Desde cedo, os engenhos começaram a pontilhar o território alagoano, o antigo “Sul” da Capitania de Pernambuco, o que tem levado os historiôgrafos à afirmativa certa de que o povoamento alagoano se fizera à sombra dessas fábricas de açúcar e, também, das fazendas de gado no S. Francisco, que deram lugar a tantos núcleos populacionais (DUARTE, 1974, p. 25).

Com essa expansão necessitou-se de novas áreas para o cultivo da cana, surgindo Porto Calvo e Penedo como núcleos responsáveis pela própria economia – repousada basicamente no açúcar – e a vida social dessa região. Portanto, quando se fala em economia no estado de Alagoas, não se deve ignorar o papel do açúcar, “é verdade, pois, que a posição do açúcar como principal

sustentáculo da província é decorrente da tradição histórica que ele adquiriu durante a evolução de toda a vida econômica” (TENÓRIO, 1996, p. 76).

O algodão era outro produto que sobressaia na economia alagoana, porém, não com tanta força como a cana de açúcar, mesmo no período de mais alta do algodão, ficando este como a segunda cultura de maior importância, iniciada no ano de 1779.

Além da cana-de-açúcar e do algodão, mas “com a importância pouco significativa no contexto exportador, mas de grande importância na economia interna, estavam o feijão, o milho, o fumo, o arroz, a mandioca e o coco, alguns cambiados com outras províncias” (TENÓRIO, 1996, p. 77). Nos dias atuais, esses produtos agrícolas ainda encontram-se presentes no estado, juntam-se a eles outros, a exemplo do fumo, que de forma direta ou indireta foi responsável pelo vertiginoso crescimento da cidade de Arapiraca (GUEDES, 1999).

O estado de Sergipe é o menor da região Nordeste e do próprio território brasileiro, com uma população de 2.089.819 habitantes, com uma área de 21.918,354 quilômetros quadrados divididos nos seus 75 municípios formando as três Messorregiões e treze Microrregiões de acordo com o censo 2010 do IBGE.

A Emancipação Política de Sergipe também deu-se a partir da assinatura do decreto por D. João VI em 8 de julho de 1820, afirmando emancipar a Capitania de Sergipe Del Rei, dando-lhe um governo independente. Por esta época a economia sergipana estava centrada na cana-de-açúcar assim como Alagoas, de tal forma que no século XIX estava estruturado seu complexo econômico mercantil escravista (SUBRINHO, 1987),

A expansão açucareira a partir do século XVIII, em Sergipe, foi provavelmente viabilizada pelos adiantamentos que as casas comerciais sediadas em Salvador faziam aos senhores de engenho. A proximidade geográfica e a unidade política de Sergipe e Bahia podem ter reforçado este relacionamento econômico (SUBRINHO, 1987, p. 58).

Observa-se que o atual estado de Sergipe era de forma direta ou indireta, área periférica do estado baiano, servindo-o com seus produtos, e estes servido aos interesses externos ao país. Era um período no qual a cultura canavieira se fazia a partir de instrumentos rudimentares, ausente qualquer forma diferenciada de preparação do solo, plantação e colheita da cana.

A atividade algodoeira também fez parte dos tipos de culturas desenvolvidas no estado sergipano, onde “nos limites do agreste com a zona da mata propriamente canavieira, duas outras culturas, o algodão e o café, se introduziram e lutaram pelo espaço já ocupado pelas mais tradicionais” (ALMEIDA, 1984, p. 199). Isso, fez com que comesçassem a surgir as vilas e cidades, de tal forma que Itabaiana (que praticamente nasce com Sergipe e que foi um grande celeiro de criação de gado) tornou-se caminho de passagem ligando Pernambuco e Bahia. Outro ponto importante é a criação de gado, que nos dizeres de Almeida (1984, p. 216) “a criação de gado no agreste e no sertão pôs em movimento esse interior e atraiu a especulação de comerciantes capazes de gerar o desenvolvimento precoce dos seus centros urbanos e algumas de suas aldeias”. Então, a criação de gado surge como uma alternativa para a economia do estado, já que ela residia nos itens açúcar e tecidos de algodão (NASCIMENTO, 1994).

Faz-se necessário ainda, destacar que a mandioca, o coco e a laranja fazem parte diretamente dos produtos cultivados no estado de Sergipe, a exploração de petróleo e gás natural, por sua vez, garante ao referido estado, o posto de destaque a nível nacional.

Alagoas e Sergipe têm suas bases econômicas a partir do cultivo da cana de açúcar, produzindo um número significativo de toneladas por ano, atrelada a cana estava o algodão e a própria criação do gado. Nesse arcabouço, se faz necessário buscar as especificidades relacionadas as cidades a serem investigadas, ambas localizadas na porção agreste de seus estados.

Sendo assim, observa-se que desde o final do século XIX essas cidades já passavam a ter boas relações comerciais com as cidades vizinhas. As feiras livres de Arapiraca e Itabaiana, impulsionadas por suas localizações estratégicas, foram ampliando-se cada vez mais com o passar dos anos e de forma direta ou indireta tornando-se responsáveis pelo desenvolvimento que as mesmas atingiram. Conhecer o papel que as feiras têm para suas cidades torna-se fator de fundamental importância para o entendimento da origem e do desenvolvimento da economia das cidades citadas.

A cidade de Arapiraca localiza-se na Mesorregião do Agreste Alagoano, parte central do estado, distando cerca de 136 quilômetros da capital Maceió, sendo a cidade mais importante do interior alagoano e a segunda do próprio

estado. Atualmente possui uma população de 216.108 habitantes (IBGE - 2011) e uma área de 356,179 quilômetros quadrados.

A cidade arapiraquense pertencia ao município de Limoeiro de Anadia, tendo sua emancipação política no ano de 1924, através da Lei n.º 1.009 sancionada, tornando Arapiraca independente, assinada pelo governador de Alagoas, Fernandes Lima, no dia 30 de maio do mesmo ano, com a festa de posse da emancipação política ocorrendo somente no dia 30 de outubro. Todavia, desde 1848 a partir da chegada de Manoel André as terras iam sendo aos poucos ocupadas por parentes do mesmo, destacando o Coronel Esperidião Rodrigues, seu sobrinho, que chegou nestas terras no ano de 1880, que foi o líder na campanha pela emancipação da cidade. O início desta campanha começa por volta de 1918, 70 anos após a chegada de Manoel André, perpassando por vários momentos e períodos de destaques, tendo nos apontamentos históricos acerca do nascimento de Arapiraca, grande parte de suas informações centradas em depoimentos orais de moradores da mesma (GUEDES, 1999).

A cidade de Itabaiana localiza-se na região central do estado sergipano, sendo a terceira cidade mais importante do interior, constituindo-se no mais importante município da microrregião do agreste de Itabaiana. Sua população está estimada em 87.747 habitantes (IBGE - 2011) e uma área de 336,692 quilômetros quadrados.

O processo de colonização e povoamento do município de Itabaiana dá-se mediante distribuição de imenso número de sesmarias por suas terras, que datam desde 1590, quando se inicia o processo de colonização de Sergipe. Recebeu o nome de “Arraial de Itabaiana” no ano de 1698, quando passa a categoria de vila – Vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana. É elevada à categoria de cidade somente em 28 de agosto de 1888 através da Resolução Provincial n.º 1331.

Ambas, Arapiraca e Itabaiana caracterizam-se hoje como polos regionais de concentração de comércio e de serviços, envolvendo vários municípios tanto do agreste de seus estados como de outros estados vizinhos. Andrade (1970, p. 113) aponta que “um exame de gênese de qualquer polo indicará que o seu surgimento é sempre motivado por uma constelação de fatores dentre os quais se salientam três: disponibilidade de recursos; acessibilidade e favorecimento do momento histórico”.

As economias dessas cidades tiveram crescimento a partir da realização da feira livre, sendo que é dela que muitas pessoas ainda tiram o sustento. Juntamente com o seu povo, a força e a bravura para o trabalho, atrelada a feira livre (que influenciava o surgimento de novos centros comerciais), Arapiraca e Itabaiana podem ver suas economias ganhando impulso. Nota-se que o comércio e toda economia tiveram impulso a partir da feira, o que não pode ser observado em outras cidades onde prevalece o poderio da indústria canavieira. Parafraseando Andrade (1974), pode-se dizer que,

Se compararmos as feiras que se realizam na área dominada pelas grandes usinas da porção oriental do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco e de Alagoas, com as do Agreste destes mesmos Estados, observaremos que onde domina o latifúndio açucareiro elas são inexpressivas e ocupam apenas o centro – rua ou praça – da pequena cidade e são concluídas antes do meio dia, enquanto na região agrestina, policultora, ela toma grandes proporções, ocupando muitas vezes quase toda a área urbana e permanecendo com intensa atividade durante todo o dia (ANDRADE, 1974, p.135).

Diante da importância das feiras, começam a surgir paralelamente a elas, as lojas – no caso de Arapiraca pode-se destacar a primeira sendo estabelecida no ano de 1925 por Zezé Moço e em seguida vieram outros –, casas comerciais e pequenas indústrias. Nesse sentido, as lojas começaram a competir com a feira, onde Braudel (1998, p. 45) afirma que, “a primeira concorrência às feiras (mas a troca tira proveito disso) foi a das lojas”.

Num primeiro momento as lojas surgem de forma harmônica, não interferindo diretamente no desenvolvimento das feiras, porém, com o passar do tempo e o crescimento das mesmas juntamente com a cidade, começaram a refletir nas feiras, e estas, sentiam os efeitos causados pelas lojas no decorrer das décadas. Mas, conseguiam permanecer como atrizes principais da transformação econômica por qual passavam as cidades de Arapiraca e Itabaiana. Era possível perceber um comércio com uma estrutura não moderna para a época, o que caracterizava uma atividade voltada para o comércio local,

Nas pequenas cidades e vilas existem sempre pequenos e médios comerciantes que se estabelecem com casas mais ou menos especializadas e que se dedicam à venda dos produtos mais necessários à população e adquirem os produtos agrícolas e pecuários da região (ANDRADE, 1974, p. 134).

É interessante observar que as feiras não tinham uma organização nos moldes do que se tem hoje, os feirantes arapiraquenses da época utilizavam de árvores no centro urbano desta cidade para amarrarem seus animais e seus meios de transportes, neste caso, pode-se dizer carros puxados por bois. Esses feirantes, que aos poucos começaram a desenvolver a economia de Arapiraca – na época pequeno povoado desmembrado do município de Limoeiro de Anadia – teve como ponto inicial uma Tamarineira, onde açougueiros penduravam a carne para venda e surgia algumas casas ao redor da mesma, conforme relata Guedes, (1999), foi ainda em baixo desta que se originou a famosa *feira de Arapiraca*, no ano de 1884, que por sinal surgiu antes mesmo da emancipação política da cidade.

Então, produtos diversos e muitos destes, cultivados na própria cidade, mas especificamente na zona rural, eram comercializados nas feiras semanais da cidade, podendo destacar o milho e o feijão, bem como o fumo e a mandioca, sendo esta, o produto principal do comércio, justificando o grande número de casas de farinha espalhadas pelo centro. A mandioca mais tarde veio a ser substituída pelo fumo, de tal forma que se alastrou por todo o território arapiraquense e cidades circunvizinhas, elevando-a a “*Capital do Fumo*”.

Assim, “a feira livre foi através do tempo, acompanhando passo a passo o desenvolvimento de Arapiraca, pois cresciam ao mesmo tempo a produção agrícola, a feira e as atividades comerciais” (GUEDES, 1999, p. 285). O impulso que a feira deu a cidade colocou-a numa posição privilegiada economicamente.

Na década de 1940 e 1950, o comércio arapiraquense começa a ganhar uma nova cara, a cultura do fumo que no início da década de 40 era limitada, agora se alastra não somente na cidade como aos seus arredores, contribuindo para o aumento da feira livre e consequentemente do comércio. Em consonância com esse surto fumicultor, houve, um aumento considerável no que se refere a ocupação territorial da feira livre de Arapiraca, se alastrando por várias ruas do centro urbano da cidade. Arapiraca passou então a concentrar a maior feira do estado de Alagoas, “concentração que provoca o desenvolvimento do comércio e de pequenas indústrias de bens de consumo” (ANDRADE, 1970, p. 119).

Arapiraca, através da feira livre não parava de crescer, de maior feira do estado passou a ser considerada no ano de 1985 a maior feira do Nordeste brasileiro, e, que desde 1970 “a feira de Arapiraca já era verdadeiro complexo e



representava o poderio econômico regional juntamente com a produção fumageira e o comércio local” (GUEDES, 1999, p. 286).

Com a expansão e ocupação de várias ruas e vielas, a feira tomou proporções para a qual a cidade não estava preparada, o que ocasionou problemas de utilidade pública, problemas esses que fizeram as autoridades do município tomarem algumas medidas, dentre elas foi o deslocamento da feira para além do perímetro urbano.

No ano de 2004, a histórica feira livre de Arapiraca é transferida, adotando uma nova cara, enfraquecendo-a, porém, continuando a empregar um grande número de pessoas que retiram desta seu sustendo, além de continuar com uma grande importância na economia da cidade. Segundo Guedes (1999, p. 287) sendo “Arapiraca como cidade Polo Regional, a feira livre não é só de Arapiraca, mas de todo o Agreste Alagoano”, essa mudança poderia trazer serias consequências não só para o andamento da feira e para os feirantes como para todo o comércio arapiraquense.

A cidade de Itabaiana constitui-se num importante centro comercial para o agreste sergipano e para todo o estado. Já esteve entre as cidades com maior quantidade de propriedades de gado ainda na época da Província, a expansão da cultura de algodão atingiu suas matas, servia de passagem entre Pernambuco e Bahia, etc. Hoje, Itabaiana é tida como “A capital do caminhão” justamente por ter o maior percentual de caminhão por pessoa do país. Logo,

O município de Itabaiana destaca-se como um importante recorte territorial dentro do estado de Sergipe, pois como organização do espaço, o território responde, em sua primeira instância, a necessidades econômicas, sociais e políticas da sociedade e, por isso, sua produção está sustentada pelas relações sociais que o atravessam (SANTOS, 2009 p. 170).

O que sobressai é a importância da feira livre no seu desenvolvimento econômico. Desde 1888 a feira de sábado já existia, com localização “nomade”, pois devido a fatores políticos ora a feira acontecia na Praça Fausto Cardoso, ora no Lago Santo Antonio, continuando durante um bom tempo sem um local fixo. Porém, no ano de 1928, em Itabaina a feira foi definitivamente mudada para o Largo Santo Antonio, onde continua até hoje, ocorrendo aos sábados com maior intensidade e as quartas em menor proporção. Assim, diz Andrade que,



“Ao lado de pequenos e médios estabelecimentos comerciais, aparecem as feiras como ponto de encontro entre o meio rural e o urbano; essas feiras se realizam em um determinado dia da semana, quase sempre aos sábados ou domingos, e nelas os comerciantes da cidade oferecem produtos industrializados ou artesanais – roupas feitas, utensílios domésticos, calçados, tecidos, utensílios agrícolas, etc. –, ao mesmo tempo em que os agricultores e criadores vendem os produtos de que dispõem – animais vivos, carne, cereais, rapadura, frutas, ervas medicinais, couros e peles, etc. (ANDRADE, 1974, p.135).

Vale salientar que em sua feira pode-se adquirir e comercializa produtos dos mais variados: agrícolas, manufaturados e industrializados, estes últimos entrando no comércio com o passar do tempo. Itabaiana se destaca entre as principais cidades do seu estado, com maior concentração de atividades comerciais, com a presença de estabelecimentos atacadistas, além de varejistas, possibilitando novos tipos de relações de trabalho. Isso contribuiu para que a cidade torna-se Polo Regional, e ao lado de Arapiraca não era mais apenas um povoado ou uma simples cidade, ela agora situa-se num patamar de influência sobre as demais, com grandes fluxos convergindo para ela, ao ponto de atingir um grande número de pessoas se aglomerando por entre as ruas do centro.

Diante disso, nota-se que a vida simples vivenciada pelo povo dessa terra, refletia na própria economia, isso visto por exemplo a partir da figura do ferreiro, do padeiro, do sapateiro, do seu “Zé” dono do armazém (no qual era possível comprar nos dias que não se tinha a feira) e também lojas de tecido. Esse comércio só aumentava de proporção, surgindo com o passar do tempo outras formas de comercialização, produtos advindos de fora e outras feiras espalhadas pela cidade, integrando a economia local que começava a se estruturar.

Por fim, tanto Arapiraca como Itabaiana constituem importantes cidades não só do Agreste como também de todo o estado a qual cada uma faz parte, tornando-se centro dinâmico, prestador de serviços, comportando atividades modernas e conseqüentemente globalizadas. O que pode ser constatado a partir do seu amplo e variado comércio.

## 5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A construção de um referencial teórico-metodológico capaz de responder as inquietações e questionamentos do pesquisador torna-se de fundamental importância para o desenvolvimento do presente projeto de pesquisa, que teve início com a preparação e construção do mesmo e que se estenderá até a sua conclusão.

Entende-se que para o desenvolvimento da mesma não se pode partir apenas das constatações empíricas, logo, se faz necessário o desenvolvimento de um arcabouço teórico sobre os diversos temas que interessa nesta pesquisa – livro, revista, artigo, documento etc. –, capaz de revestir a empiria e, conseqüentemente, ampliar a visão da realidade por parte do pesquisador.

A pesquisa permite um diálogo da Geografia com outras disciplinas, que de forma direta ou indireta proporciona a possibilidade de refletir e utilizar temas abordados por elas. Sendo assim, é de grande importância perceber que o seu desenvolvimento fará uma interligação com outras áreas do conhecimento. Porém, em sua quase totalidade será utilizada uma base teórica de grandes geógrafos, tendo Manuel Correia de Andrade e Mário Lacerda de Melo, inspirado o estudo da região Nordeste, atentando para suas especificidades de acordo com cada sub-região, destacando o Agreste que tem se sobressaído no que se refere as atividades aí desenvolvidas.

Como ponto de partida, buscar-se-á maior aprofundamento da noção de formação socioespacial desenvolvida por Santos (1977). Segundo o mesmo autor a formação social “trata-se de uma estrutura técnico-produtiva expressa geograficamente por uma certa distribuição da atividade de produção [...] ela não pode ser concebida sem referência à noção de espaço”, sendo o conceito de espaço geográfico definido como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, [1996] 2008, p. 63).

Desde as diversas atividades até a localização do homem, está presente as necessidades externas e internas de produção, onde o modo de produção é caracterizado por uma interação entre o novo e o velho, bem como responsáveis pelas especificidades dos lugares, já que de maneira direta ou indireta são seletivos e envolvem também pensamentos políticos e ideológicos. Dessa maneira, compartilha-se da visão de Santos (1977) onde,

O espaço produz a totalidade social, na medida em que essas transformações são determinadas por necessidade sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 1977, p. 91).

Arelado ao conceito de formação socioespacial está a noção de desenvolvimento econômico e regional, polos de crescimento, que se mostram adequados aos objetivos propostos. Ademais, centrar-se-á também nas concepções de urbanização, industrialização e feira livre, a partir das formulações de Andrade (1998, 1979, 1974 e 1970a), Araújo (1984, 1997), Braudel (1998); Cardoso, (1963, 1965); Carvalho (2010), Carvalho e Costa (2012); Corrêa (1969, 1996); Costa ([1929] 1983), Diniz (1991), Guedes (1999), Lima (1965), Mamigonian (1965, 2004, 2009), Perroux (1975, 1978); Rangel (1959, 1981, 2012), Santos ([1979] 2007, [1979] 2008, [1980] 2010), Santos e Silveira (2010), Subrinho (1987), dentre outros a serem incorporados durante o desenrolar da pesquisa, como uma proposta de caminho a ser percorrido na análise do desenvolvimento econômico de duas cidades do interior do agreste nordestino, considerando as suas especificidades.

Portanto, Arapiraca e Itabaiana como cidades tipicamente agrestinas teve um crescimento muito além do esperado décadas atrás, mostrando nos dias atuais uma importância que ultrapassa os limites locais, com uma concentração bastante expressiva de serviços e um comércio com variedade fora do comum – em se tratando de uma cidade no interior do nordeste brasileiro – e também um surgimento de indústria local (pode-se dizer que são indústrias onde os industriais são “capitalistas sem capital”, no sentido de que tinham espírito de iniciativa mais ou menos desenvolvido, mas quase nenhum recurso financeiro” (MAMIGONIAN, 1965, p. 78)) capaz de contribuir de forma bastante significativa para o desenvolvimento econômico dessas cidades, de modo que “o ritmo do desenvolvimento econômico depende, pois, especialmente da rapidez e do modo como se processa a transferência de força de trabalho da economia natural para a economia de mercado” (RANGEL, 2012, p. 184).

Em face ao objeto de estudo, o referencial teórico exposto e buscando alcançar os objetivos propostos, o desenvolvimento da pesquisa obedeceu a um

processo operacional que seguiu até o presente momento algumas etapas e que também continuará sendo desenvolvido na próxima etapa mediante os procedimentos do Plano de Trabalho e do Cronograma de Atividades.

As etapas por quais a pesquisa passou envolveu levantamento e análise da produção bibliográfica sobre o tema de pesquisa, para tanto, as bibliotecas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade/FEA, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/FAU, os acervos do Instituto de Estudos Brasileiros/IEB, a biblioteca central da Universidade Federal de Sergipe/UFS entre outras destacaram-se nesse caminho traçado para alcançar os objetivos pretendidos. Lembrando que mediante a escrita da dissertação e as necessidades que forem surgindo, a inda novamente a essas bibliotecas em busca de outras referências que respondam aos questionamentos que forem surgindo serão imprescindível.

Cabe ainda destacar que já foi feito de forma mais geral duas ida ao campo e que ainda será necessário fazer um trabalho de campo mais detalhado e que seguirá da seguinte forma: visitas as áreas de estudos como forma de relacionar teoria/empíria; entrevistas e aplicação de questionários as pessoas que integram os diversos setores econômicos das cidades pesquisadas; levantamento de dados e informações junto a alguns órgãos oficiais, como Secretaria de Planejamento, Secretaria de Indústria e Comércio, Secretaria de Agricultura, Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL, SEBRAE, dentre outros.

Para fins de análise dos resultados, mediante a gênese e desenvolvimento econômico das cidades aqui apresentadas, serão produzidos mapas, gráficos, tabelas e quadros, mostrando os desdobramentos da pesquisa e que serão apresentados através de artigos e trabalhos a serem publicados e expostos nos diversos eventos de Geografia, bem como em seminários internos com o orientador e todo o grupo de pesquisa. A partir da sistematização dos resultados parciais foi possível obter a produção do referido relatório de qualificação, expondo o andamento do processo investigado como uma primeira etapa nesse caminho, já que terá como ápice de todo o processo, mostrando seus resultados, a produção da própria dissertação a ser defendida como forma de conclusão da pesquisa aqui proposta.

## 6. CRONOGRAMA

ATIVIDADES	2014				2015	
	2º trim	3º trim	4º trim	1º trim	2º trim	
Entrega e Defesa do Relatório de Qualificação	X					
Pesquisa Bibliográfica	X	X	X			
Leituras e Fichamentos	X	X	X			
Participação em Eventos e Publicações	X	X	X			
Relatório Parcial FAPESP	X					
Sanduíche Mestrado		X	X			
Trabalho de Campo				X		
Análise, Processamento e Organização dos Dados Levantados		X	X	X		
Elaboração de Mapas, Gráficos, Quadros e Tabelas a partir das Informações do Trabalho de Campo				X		X
Relatório Final FAPESP						X
Redação da Dissertação		X	X	X		X
Revisão da Dissertação				X		X
Depósito da Dissertação						X

### **PARTE III**

#### **Avanços Realizados na Dissertação**

## **1. PLANO DE REDAÇÃO**

### **CAPÍTULO 1: *GÊNESE E EVOLUÇÃO: OS ALICERCES DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO AGRESTE NORDESTINO***

Este primeiro capítulo faz uma análise da gênese do desenvolvimento econômico da região Nordeste, com ênfase na sub-região Agreste, diferenciando-a das sub-regiões da Mata, Litoral e Sertão. Sendo assim, será destacado a centralidade das cidades de maior destaque dentro dos seus estados e que tornaram-se polos regionais, trazendo à tona as mudanças que vem ocorrendo no Nordeste, principalmente a partir da década de 1950. Parte-se das principais atividades desenvolvidas em cada época e da importância que a feira livre teve e tem para a economia nordestina e principalmente para as cidades agrestinas.

### **CAPÍTULO 2: *ARAPIRACA/AL E ITABAIANA/SE: A PROPÓSITO DA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE DOIS CENTROS REGIONAIS DO AGRESTE NORDESTINO***

No capítulo 2 pretende-se a partir da matriz teórica de Santos (1977) e Sereni (1973), fazer uma análise da formação socioespacial das cidades de Arapiraca e Itabaiana, cidades de grande destaque nos seus estados, atentando para as atividades econômicas de destaque em cada período, como forma de se pensar numa periodização – pensar a partir da proposta de periodização de Santos e Silveira (2010) – para entender a gênese do desenvolvimento econômico das cidades estudadas. Então, a feira livre entra como atriz principal nesse desenvolvimento, servindo de elo entre o comércio, os serviços e o surgimento das indústrias.

### **CAPÍTULO 3: *NOTAS SOBRE O FUNCIONAMENTO ECONÔMICO DAS CIDADES DE ARAPIRACA/AL E ITABAIANA/SE***

O capítulo 3 tem por finalidade fazer um balanço geográfico-econômico da difusão das principais funções desempenhadas pelas cidades de Arapiraca e Itabaiana, analisando o seu funcionamento e o papel desempenhado no que se refere a economia e o seu desenvolvimento. Discutir acerca dos tipos de



investimentos empregados em maquinaria, matéria-prima, transporte, mão de obra etc., bem como sua procedência. Cabe também aqui fazer uma análise do estágio atual das feiras livres – a estrutura, as funções e o funcionamento – relacionando-a com a proposta da teoria dos dois circuitos da economia urbana proposta por Santos ([1979] 2008).

#### **CAPÍTULO 4: A PROPÓSITO DA ORGANIZAÇÃO DO QUADRO ESPACIAL DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS DOS DOIS CENTROS REGIONAIS EM EVIDÊNCIA**

No quarto e último capítulo a discussão volta-se para a organização espacial das atividades econômicas presentes nas duas cidades. Então, parte-se para a análise das características (estrutura, localização etc.) dos estabelecimentos tanto no espaço urbano quanto na zona rural e o surgimento de novos; a distribuição espacial da população, dos serviços, do comércio e das indústrias que aparecem de forma ainda tímida, refletindo sobre a importância desempenhadas pelas cidades ora apresentadas como polos regionais.

## **2. PROPOSTA DE SUMÁRIO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

### **INTRODUÇÃO**

#### **CAPÍTULO 1 – GÊNESE E EVOLUÇÃO: OS ALICERCES DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO AGRESTE NORDESTINO.....00**

- 1.1. O Nordeste e a Heterogeneidade de uma Região.....00
  - 1.1.1. Percorrendo pelas Particularidades de uma Região Ímpar.....00
  - 1.1.2. Entre o Litoral e o Sertão uma Sub-região Chamada Agreste.....00
  - 1.1.3. Centralidade e Dinamismo em Cidades Agrestinas.....00
- 1.2. O Significado da Feira Livre na Gênese do Processo de Desenvolvimento Agrestino.....00
  - 1.2.1. Da Gênese da Feira Livre no Nordeste do Brasil.....00
  - 1.2.2. Feira Livre e Agreste: um “casamento” que deu certo.....00

#### **CAPÍTULO 2 – ARAPIRACA/AL E ITABAIANA/SE: A PROPÓSITO DA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE DOIS CENTROS REGIONAIS DO AGRESTE NORDESTINO.....00**

- 2.1. Apontamentos Históricos para Análise da Gênese do Desenvolvimento Econômico da Capital Agrestina do Fumo.....00
- 2.2. Gênese e Constituição Histórica do Desenvolvimento da Economia da Capital Agrestina do Caminhão.....00
- 2.3. Arapiraca e Itabaiana nas Vias dos Transportes: o papel dos transporte no desenvolvimento econômico.....00
- 2.4. As Origens das Iniciativas Industriais em Arapiraca e Itabaiana.....00

#### **CAPÍTULO 3 – NOTAS SOBRE O FUNCIONAMENTO ECONÔMICO DAS CIDADES DE ARAPIRACA/AL E ITABAIANA/SE.....00**

- 3.1. Estrutura, Função e Funcionamento: as feiras livres no circuito inferior da economia urbana de Arapiraca e Itabaiana na atualidade.....00
- 3.2. Advento e Difusão Geográfica das Funções em Arapiraca e Itabaiana.....00
  - 3.2.1. Consolidação das Atividades Comerciais e seu Funcionamento.....00
  - 3.2.2. Difusão e Funcionamento das Atividades Financeiras.....00
  - 3.2.3. A Propósito das Funções Administrativas.....00
  - 3.2.4. Afirmação das Indústrias em Arapiraca e Itabaiana.....00

## **CAPÍTULO 4 – DA ORGANIZAÇÃO DO QUADRO ESPACIAL DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS DOS DOIS CENTROS REGIONAIS EM EVIDÊNCIA.....00**

- 4.1. Estrutura Populacional e Situação Geográfica dos Dois Centros Regionais em Análise.....00
- 4.2. Estrutura dos Estabelecimentos Comerciais Existentes no Espaço Urbano e Rural das Cidades Pesquisadas.....00
- 4.3. Problemas da Relação Residência–Trabalho: meios de transportes, localização e horários de trabalho.....00
- 4.4. Distribuição e Organização Espacial das Funções e os dos Principais Grupos Industriais das duas Cidades.....00

### **CONCLUSÃO**

### **REFERÊNCIAS**

### **ANEXOS**

### **3. CAPÍTULO 1 – GÊNESE E EVOLUÇÃO: OS ALICERCES DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO AGRESTE NORDESTINO**

#### **1.1. O Nordeste e a Heterogeneidade de uma Região**

##### ***1.1.1. Percorrendo pelas Particularidades de uma Região Ímpar***

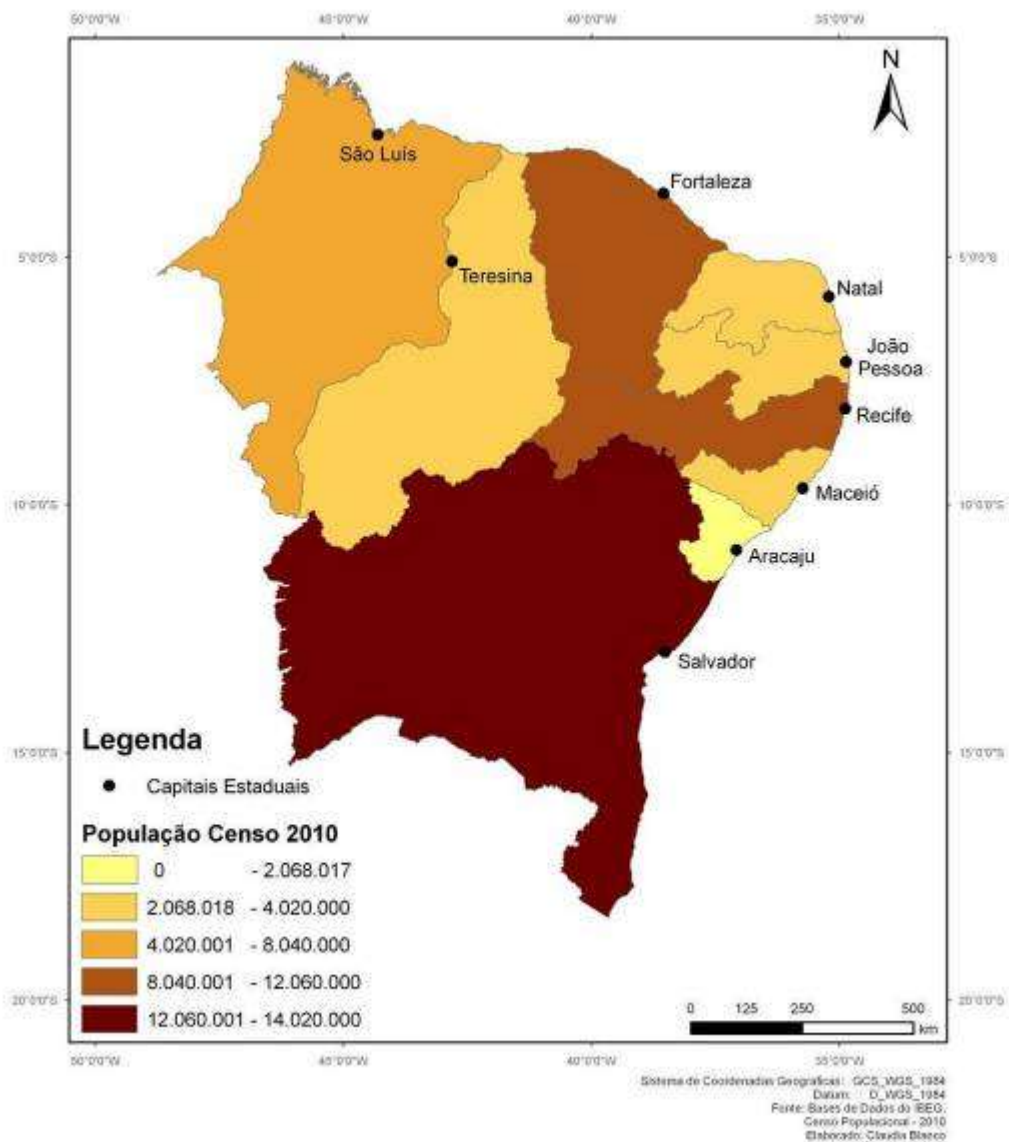
Ao realizar estudos sobre o crescimento ou desenvolvimento econômico, se faz necessário direcionar dentro dos estudos regionais, quais os pontos que favorecem – seja em relação a posição geográfica ou por recursos humanos e/ou naturais – e refletem na evolução das cidades ou áreas mais dinâmicas. Baseando-se na teoria de Perroux (1978, p. 100), “o crescimento não surge em toda a parte ao mesmo tempo; manifesta-se com intensidades variáveis, em pontos ou pólos de crescimento; propaga-se, segundo vias diferentes e com efeitos finais variáveis, no conjunto da economia”. Assim, pode-se constatar um crescimento econômico maior do que o esperado no Nordeste, uma vez que essa região sempre foi tida como periferia do Brasil e que não poderia crescer mais rápido do que outras. Então,

Considerada a região pobre do Brasil, tem sido, desde o século XVIII, a grande fornecedora de migrantes para as outras regiões, a fim de trabalharem na mineração, no surto da borracha, na expansão cafeeira, nas obras de modernização do Rio de Janeiro e de São Paulo, na ocupação do Centro-Oeste e na construção de Brasília (ANDRADE; ANDRADE, 1999, p. 94).

A região Nordeste com mais de 500 anos de existência, é constituída hoje de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE pelos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, possuindo uma população de 53.081.950 habitantes (mapa 2), distribuída pelos seus 1794 municípios, ocupando uma área de 1.554.291,61 quilômetros quadrados (tabela 1 e gráfico 1).

**Mapa 2:** Distribuição Populacional do Nordeste Brasileiro (IBGE - 2010).

**Mapa da População da Região Nordeste (Censo 2010)**



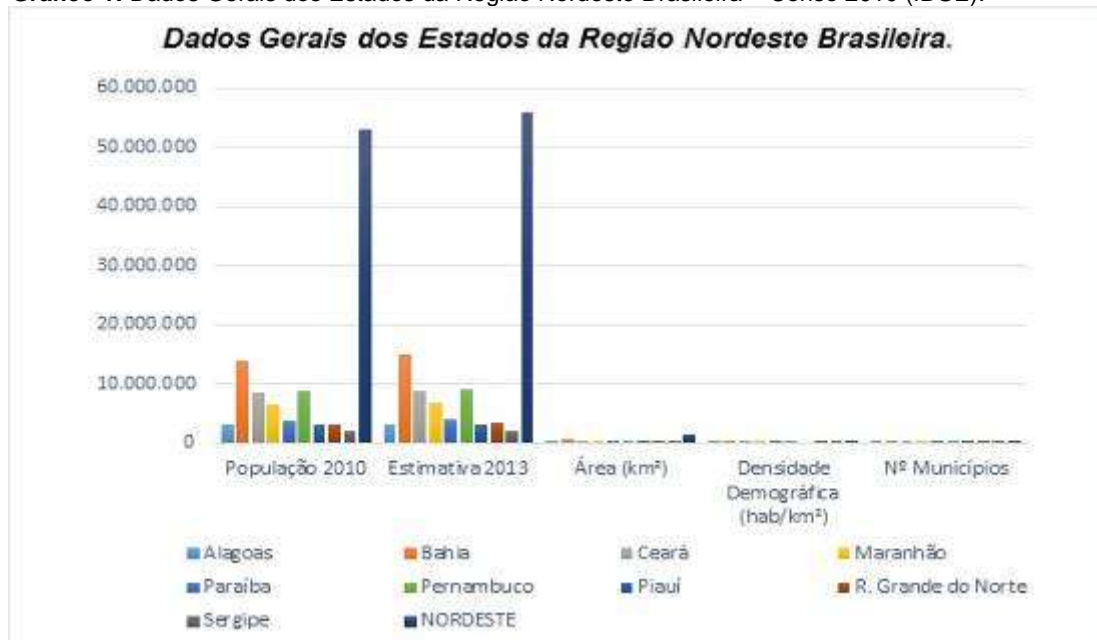
**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo Demográfico 2010. Organização: Paul Clívilan Santos Firmino. Elaboração Cartográfica: Claudia Blanco.

**Tabela 1:** Dados Gerais dos Estados da Região Nordeste Brasileira – Censo 2010 (IBGE).

DADOS GERAIS DOS ESTADOS DA REGIÃO NORDESTE						
Estado	Capital	População 2010	Estimativa 2013	Área (km <sup>2</sup> )	Densidade Demográfica (hab/km <sup>2</sup> )	Nº Municípios
Alagoas	Maceió	3.120.494	3.300.935	27.778,51	112,33	102
Bahia	Salvador	14.016.906	15.044.137	564.733,18	24,82	417
Ceará	Fortaleza	8.452.381	8.778.576	148.920,47	56,76	184
Maranhão	São Luís	6.574.788	6.784.301	331.937,45	19,81	217
Paraíba	João Pessoa	3.766.528	3.914.421	56.459,78	56,7	223
Pernambuco	Recife	8.796.448	9.208.550	98.148,32	89,62	185
Piauí	Teresina	3.118.360	3.184.166	251.577,74	12,4	224
R. Grande do Norte	Natal	3.168.027	3.373.959	52.811,05	59,99	157
Sergipe	Arapiraca	2.068.017	2.195.662	21.915,12	94,36	75
<b>NORDESTE</b>	-	<b>53.081.950</b>	<b>55.794.707</b>	<b>1.554.291,61</b>	<b>34.15186041</b>	<b>1794</b>

**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE/Síntese Geral. Org.: Paul Clívilan S. Firmino.

**Gráfico 1:** Dados Gerais dos Estados da Região Nordeste Brasileira – Censo 2010 (IBGE).



**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE/Síntese Geral. Org.: Paul Clívilan S. Firmino.

De fato o Nordeste é uma das regiões que sempre está na pauta dos governos, nos debates nas universidades, em discussões entre pesquisadores e estudiosos, sendo uma das regiões mais estudadas e discutidas nos últimos decênios, mais precisamente a partir da década de 1950, período tido como anos dourados da Geografia Brasileira. Diga-se de passagem, que também foi uma das que mais sofria com a falta de atenção por parte das autoridades competentes, uma vez que as oligarquias nordestinas tentavam e tentam a todo custo escamotear quaisquer formas de mudanças que não seja em benefício próprio – ou seja, tem que ser mudanças que venham beneficiar o monopólio da cana e

favorecer a concentração de terras nas mãos de um número reduzido. Diante disso, Manuel Diégues Júnior aponta no seu livro *“O Engenho de Açúcar no Nordeste”*, que desde cedo os engenhos,

Se constituiu não só grande centro de vida social como de produção econômica. Sua influência até então se alargara e absorvia também as áreas urbanas; vilas ou povoados eram – e em grande parte do Nordeste ainda se sente este fato, – um prolongamento do engenho. Por sua vez, os senhores de engenho ocupavam as funções públicas de administração ou mantinham nelas prepostos seus. Centros sociais e econômicos eram, além disso, centros políticos (DIÉGUES JR., 2006, p. 19).

Tudo isso leva o Nordeste a ter muitos problemas dessa natureza e que precisam serem resolvidos para mudar essa realidade e fazer crescer como vem acontecendo em algumas áreas específicas nas últimas décadas.

Os problemas encontrados no Nordeste são de certa forma resultados de um momento histórico anterior, das relações que aqui foram estabelecidas desde o século XVI no período colonial até os dias presentes. É mister conduzi-los de forma a transformá-los, é conduzir a um processo de mudança, pois, o desenvolvimento que se aponta na análise, faz parte dessas mudanças e resulta num melhor entendimento do que se passa na atualidade.

Ao analisar a realidade nordestina, encontra-se pelo meio do caminho das longas e “secas” estradas, muitos problemas apresentados há décadas, ou seja, são reivindicações que estão caducas e que não foram resolvidas e, portanto, as soluções de outrora que poderiam resolve-las, talvez já não bastam. As soluções agora são outras e os caminhos a serem trilhados já não são os mesmos. É preciso saber “como se relacionam os homens entre si em suas atividades produtivas, e como se comportam, uns relativamente aos outros e ao conjunto da coletividade, no exercício de suas funções econômicas” (ANDRADE, 1998, p. 17).

Estudos feitos nos últimos anos mostram uma retomada de crescimento no Nordeste (indústria passa de 22,6% e serviço 49,9% (1967) para 29,3% e 58,6% (1989), respectivamente), mesmo que de forma tímida, saindo de uma lentidão no que se refere ao crescimento econômico, para ganhar impulso e dinamizar as várias atividades que aí são desenvolvidas (tabela 2 e 3).



**Tabela 2:** Estabelecimento – IBGE Gr. Setor 1985 – Região Nordeste.

UF	Indústria	Const. Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Total
<b>Alagoas</b>	<b>618</b>	<b>157</b>	<b>2.646</b>	<b>2.186</b>	<b>146</b>	<b>5.753</b>
Bahia	3.151	753	15.590	12.253	546	32.293
Ceará	2.322	468	6.948	5.845	378	15.961
Maranhão	810	271	2.720	2.369	129	6.299
Paraíba	1.092	229	3.071	3.014	105	7.511
Pernambuco	3.181	589	10.384	8.561	505	23.220
Piauí	568	168	2.067	1.862	72	4.737
Rio G. do Norte	856	187	2.697	2.504	109	6.353
<b>Sergipe</b>	<b>503</b>	<b>188</b>	<b>2.098</b>	<b>1.879</b>	<b>78</b>	<b>4.746</b>
<b>Total</b>	<b>13.101</b>	<b>3.010</b>	<b>48.221</b>	<b>40.473</b>	<b>2.068</b>	<b>106.873</b>

Fonte: <http://www.mte.gov.br>. RAIS Estabelecimento Id, ano de 1985. Acesso em 10 de março de 2014 às 16:35h.

**Tabela 3:** Estabelecimento – IBGE Gr. Setor 2012 – Região Nordeste.

UF	Indústria	Const. Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Total
<b>Alagoas</b>	<b>1.965</b>	<b>1.600</b>	<b>14.136</b>	<b>10.327</b>	<b>1.296</b>	<b>29.324</b>
Bahia	12.211	7.607	80.004	57.961	16.284	174.067
Ceará	11.144	5.994	40.830	29.496	1.238	88.702
Maranhão	2.510	2.006	20.896	11.524	2.581	39.517
Paraíba	3.619	3.603	17.396	13.762	1.124	39.504
Pernambuco	10.910	4.501	46.867	36.792	3.243	102.313
Piauí	2.526	1.831	14.115	8.614	835	27.921
Rio G. do Norte	3.855	3.415	19.099	15.072	1.253	42.694
<b>Sergipe</b>	<b>2.223</b>	<b>1.355</b>	<b>10.299</b>	<b>9.289</b>	<b>2.400</b>	<b>25.566</b>
<b>Total</b>	<b>50.963</b>	<b>31.912</b>	<b>263.642</b>	<b>192.837</b>	<b>30.254</b>	<b>569.608</b>

Fonte: <http://www.mte.gov.br>. RAIS Estabelecimento Id, ano de 2012. Acesso em 10 de março de 2014 às 17:07h.

Juntamente com esse crescimento meio que “tímido”, está a forma negativa como muitos encaram a realidade nordestina, dificultando as chances de desenvolvimento da região mais antiga do país. Porém, essa “triste” realidade do povo nordestino, encontra-se também em outras regiões brasileiras – as diversificações regionais têm grande influência nas formas de exploração da terra e, conseqüentemente, no modelamento da paisagem cultural (ANDRADE, 1998, p. 20) –, entretanto, se dá de outra forma, para se deparar com elas basta percorrer pelas periferias e pelas ruas do centro de São Paulo, Rio de Janeiro, pelas grandes cidades brasileiras, no Norte do país, entre outros. São de fato, vários os problemas que afligem esse povo que é “escravizado” pela elite brasileira, pelo próprio Estado e pelas grandes corporações e empresas multinacionais que aqui se instalam. Dessa forma, é possível perceber que são problemas de ordem diversas,

Ora de ordem geográfica – condições climáticas e edáficas, sobretudo –, ora de ordem histórica – respeito a estruturas e tradições arcaicas que necessitam sofrer grande transformação, mas que resistem às modificações sugeridas pelo evoluir dos tempos –, ora de ordem social, ora de ordem técnica, mas sobretudo, de ordem econômica –, baixa produtividade, ausência de planejamento, má distribuição, etc. (ANDRADE, 1998, p. 19).

Diante das mundas que vem atingindo a região é que Araújo (1997, p. 8) vai mostrar que “apesar de vista como *região problema* pela maior parte dos brasileiros, a economia nordestina apresentou entre 1960 e 1990 um excelente desempenho”. Isso é visível mediante um enfraquecimento no setor – primário-exportador – que durante muito tempo era quem impulsionava qualquer tipo de desenvolvimento econômico nessa região. Neste sentido, uma forma encontrada era estimular a industrialização para sair desse “buraco” que estava sendo deixado por aquele setor. Diga-se que foi o começo de uma estruturação econômica mais moderna em subespaços espalhados pela região, que começava a possibilitar um maior dinamismo em suas atividades.

Então, levando-se em consideração o Nordeste como uma sociedade que vem a cada década se transformando, não é possível continuar vivendo num conservadorismo marcado pelas implicações históricas de uma sociedade formada/construída a partir de sistemas de explorações da terra. A partir da década de 1950, como dito anteriormente, o Nordeste começou a receber eventos que surpreenderam àqueles que pouco crédito atribuíam as possibilidades de mudanças nessa região.

O desenvolvimento de áreas de agricultura comercial voltada tanto para o mercado nacional como o de exportação, às regiões de especialização agrícola, nascimento e desenvolvimento de indústrias a partir de capital local, organização de cooperativas<sup>1</sup> etc., têm expressado na dinâmica, o caráter singular do interior nordestino. Essa dinâmica ganharia mais força com algumas medidas que,

A partir dos anos 60, impulsionadas por incentivos fiscais – 34/18-Finor e isenção do imposto sobre a renda, principalmente –, por investimentos de empresas estatais do porte da Petrobrás (na

---

<sup>1</sup> Ao referir-se a organização de cooperativas não é dado ênfase como se fosse uma saída para o desenvolvimento econômico, como aqueles modelos de cooperativas surgidas a partir de 1994 que foi apresentado por Lima (1997, p. 156): “no Nordeste atendem à busca por rebaixamento de custos do trabalho por parte das empresas. Estas induzem a organização dessas cooperativas, que passam a funcionar como subcontratadas”. As cooperativas referidas são aquelas que surgem a partir de um capital local, com uma mão de obra que não seja explorada pelo grande capital e que funcionam como forma de desenvolver uma determinada economia local e que tenha apoio das autoridades competentes para incentivar essas organizações e não deixar que elas sirvam de escada para as grandes empresas capitalistas.

Bahia e Rio Grande do Norte) e da Vale do Rio Doce (no Maranhão), complementados com créditos públicos (do BNDES e BNB, particularmente) e com recursos próprios de importantes empresas locais, nacionais e multinacionais, as atividades urbanas – e dentro delas, as atividades industriais – ganham crescentemente espaço no ambiente econômico do Nordeste e passam a comandar o crescimento da produção na região, rompendo a fraca dinâmica preexistente (ARAÚJO, 1997, p. 8).

É interessante que as mudanças estão acontecendo. Culturas tradicionais arraigadas no Nordeste estavam ora compartilhando o mesmo território, ora estavam cedendo parte dele para outras culturas que não eram típicas dessa região. Ao mesmo tempo que a indústria começa a ocupar um certo espaço (em paralelo com as indústrias que surgem a partir de grupos econômicos não regionais, estão as indústrias que surgem mediante ação de investimentos locais – que serão as mais estudadas na presente pesquisa), as atividades de bens e serviços também destacam-se como atividades dinâmicas. Mas, é preciso lembrar que “uma das características importantes da economia do Nordeste é o *relevante papel desempenhado nos anos recentes pelo setor público*” (ARAÚJO, 1997, p. 12), que tem investido de forma fundamental para fazer crescer tal economia.

O Nordeste começa a sair de um determinado patamar, diminuindo a exportação da mão de obra humana, deixando de “sustentar” outras regiões (diga-se o Sudeste, que nos anos de 1930 teve um surto no processo de industrialização, onde Mamigonian (2009) diz que “a indústria paulista tornou-se o centro dinâmico do Brasil após 1930, paralelamente à continuidade da inserção do país ao centro do sistema mundial capitalista (EUA etc.)), para começar um desenvolvimento voltado ao comércio da própria região.

Essa retomada de crescimento, pode ser observada mediante áreas que têm se destacado, tornando-se dinâmicas e assumindo grande importância no cenário econômico, não só regional como também nacional. É preciso que se reconheça as qualidades e características específicas de cada sub-região nordestina, trazendo à tona o que pode ser aproveitado para que se invista no desenvolvimento econômico do Nordeste.

A mais antiga região brasileira começava a ter seu dinamismo próprio de volta – já que “no século XIX, o Nordeste, antes próspero, cede lugar ao Sudeste que se impõe como região mais rica e mais dinâmica do País” (ANDRADE, 1979, p. 71) –, manifestando-se em todos os estados, em maior ou menor grau,

desmistificando ideias pessimistas de muitos pesquisadores e estudiosos que pouco crédito atribuíam ao crescimento e desenvolvimento econômico desta. Essas ideias negativas a respeito do Nordeste é reflexo de uma estrutura sócio-econômica-política que está impregnada nas raízes da região, afetando grande parte da população e do desenvolvimento econômico da mesma, levando a ser considerada um “verdadeiro *poço sem fundo* em que as tradicionais políticas compensatórias de caráter assistencialista só contribuem para consolidar velhas estruturas sócio-econômicas e políticas perpetuadoras da miséria...” (ARAÚJO, 1997, p. 13).

Entretanto, nos dias presentes essa realidade não se dá de forma generalizada – é preciso lembrar que o Nordeste ainda sofre com graves problemas sejam políticos, econômicos, culturais etc. – e que os novos fatores condicionantes do desenvolvimento econômico revelam um Nordeste rico, diverso e a espera de investimentos voltados para o seu desenvolvimento, visto que tem-se uma heterogeneidade ímpar. É neste caminhar que Lima (1994), apresenta algumas áreas que se destacam e impulsionam o crescimento, ao mesmo tempo em que desmistifica algumas conclusões negativas. São as chamadas “frentes de expansão” ou “pólos dinâmicos”,

O Complexo Petroquímico de Camaçari, as zonas agroindustriais de Petrolina/Juazeiro do submédio São Francisco e dos cerrados do Oeste da Bahia, o pólo têxtil/confecções de Fortaleza e o pólo mineiro-metalúrgico Carajás-São Luis. Além dessas “frentes” sabemos da existência de ocorrências mais recentes de expansão, em dimensões menores, em outras regiões como o Agreste pernambucano (confecções e pecuária), agricultura de grãos do Sul do Piauí e do Maranhão, bem como a fruticultura no Rio Grande do Norte (Vale do Açu) (LIMA, 1994, p. 56).

Pode-se ainda citar “o pólo de fertilizantes de Sergipe, do complexo da Salgema em Alagoas, da produção de Alumínio no Maranhão, dentre outros” (ARAÚJO, 1997, p. 11). Observa-se, que mesmo diante de exemplos dessa natureza, muitos ainda não buscam entender as diversidades existentes por entre suas sub-regiões – únicas e ricas.

Andrade (1998) propôs a divisão do Nordeste em quatro grandes regiões, naturais e geográficas: Meio-Norte, o Sertão, o Agreste e a Mata e Litoral Oriental”. Já Djacir Menezes (1937) utilizando-se da distinção feita por Pompeu Sobrinho, apresenta três áreas etnográficas no Nordeste do Brasil, que são a dos

*vaqueiros*, dominando a caatinga; a dos *engenhos*, dominando o litoral e vales humidos da costa para o ocidente da serra do Mar; a dos *pescadores*, dominando as praias baixas, arenosas, cheias de dunas.

Então a diversidade apresentada nessas sub-regiões é apontada por Andrade (1974) em vários dos seus escritos, bem como por outros autores que se dedicaram a estudar e interpretar de forma séria a realidade do povo nordestino<sup>2</sup>. Assim, mediante a heterogeneidade existente no Nordeste, é preciso encontrar a raiz do problema e buscar as soluções cabíveis de acordo com cada realidade e não tomar o Nordeste como uma região homogênea,

A heterogeneidade crescente vai consolidando dinâmicas particulares no interior dos diversos estados do Nordeste. Em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, por exemplo, o dinamismo das áreas de fruticultura (de Petrolina ou do vale do Açu) contrasta com a passividade com que se assiste à crise das áreas do antigo complexo gado-algodão (embora as duas estejam próximas nos dois estados). O dinamismo do oeste baiano contrasta com a lentidão com que se buscam alternativas ao cacau, na parte oriental-sul do estado. Com a ferrovia Norte-Sul e a hidrovía do São Francisco, e sem a ferrovia Transnordestina (tal como está previsto no *Brasil em Ação*), a porção ocidental dinâmica do Nordeste amplia suas chances de interação privilegiada com o Centro-Oeste e Sudeste. E *isola-se*, crescentemente, o Nordeste oriental (ARAÚJO, 1997, p. 33).

Portanto, é preciso conhecer o Nordeste, analisando-o corretamente e não ficar fazendo interpretações errôneas – é ir além de pesquisas de gabinete. Tem-se que analisar e interpretar cada pedaço do espaço – este “formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, [1996] 2008, p. 63) – a partir dos eventos que fizeram e fazem sua história, atrelada aos acontecimentos mundiais, e, conseqüentemente, compreender todo processo de mudança que gira a serviço do homem; procurar dialogar e trocar ideias com os moradores das sub-regiões ora citadas; conhecer os verdadeiros problemas e quais suas características regionais, entendendo todo o processo de formação. Assim,

---

<sup>2</sup> Autores como Mário L. de Melo; Manuel Correia de Andrade; Maria F. T. C. Cardoso; Armen Mamigonian, Djacir Menezes, Roberto Lobato Corrêa etc., são exemplos que podem ser citados daqueles que desenvolveram trabalhos relacionados com a diversidade encontrada nas sub-regiões nordestinas. Vale lembrar também, que o Grupo Josué de Castro de Estudos e Pesquisas sobre o Território Alagoano – GPJC na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL/Campus Arapiraca, coordenado pelo Professor Dr. Antonio Alfredo Teles de Carvalho, desenvolve pesquisa sobre o uso do território no agreste alagoano desde o ano de 2004.

Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social (SANTOS, 1977, p. 81).

É preciso ressaltar, que entre as conclusões precipitadas a respeito do Nordeste, está o fato de a grande maioria relacionar essa região apenas com o clima e o tipo de vegetação. Nota-se, que muitos associam a realidade apenas com o clima quente e seco, típico do Sertão, e da vegetação de caatinga. Entretanto, à medida que adentra-se na região, observa-se uma mudança que vai além das suas características físicas. Sendo assim, não se pode tomar como única as sub-regiões aí existentes, havendo uma diferenciação econômica, política, social e cultural.

O próximo ponto a ser trabalhando diz respeito a essa heterogeneidade encontrada em cada sub-região, e para tal, autores como Andrade (1970a e b, 1974, 1998), Melo (1980), Cardoso (1965), Lima (1994), Menezes (1937), Mamigonian (2009) Araújo (1997) entre outros, serão de grande relevância para fazer essa análise acerca do Nordeste.

Portanto, analisar a evolução econômica e o problema da mão de obra nordestina é fundamental para entender como se estruturou cada sub-região, observando como se deu as relações capitalistas e seu avanço, bem como perceber de que forma a globalização imposta sobre as transformações vem ocorrendo no Nordeste dos últimos decênios do século XX até o presente.

### **1.1.2. Entre o Litoral e o Sertão uma Sub-região Chamada Agreste**

Cabe aqui uma análise das diferenças existentes entre a sub-região chamada de Agreste das próprias sub-regiões sertaneja e da Mata, sendo aquela uma região de transição entre essas duas, apresentando condições climáticas e solos que são de melhor aproveitamento para a lavoura, o que é perceptível quando se ver uma variedade no que se cultiva – milho, feijão, mandioca –,

enquanto que nas outras prevalece a monocultura, como no cultivo da cana na zona da Mata<sup>3</sup>.

O Agreste ora confunde-se com o Sertão ora com a Mata, ao tempo em que tem a presença dos brejos – são áreas mais úmidas e que são favorecidas por certos fatores climáticos – e áreas com baixas taxas pluviométricas. Desta forma, “o que caracteriza o Agreste é a diversidade de paisagens que ele oferece em curtas distâncias, funcionando quase como uma miniatura do Nordeste, com suas áreas muito secas e muito úmidas” (ANDRADE, 1998, p. 32). Sobressai entre as demais por ser portador de uma dinâmica singular, que possui sua gênese no processo de formação que é refletido, sobretudo, no funcionamento da economia e no papel desempenhado por suas cidades, que na maioria das vezes são cidades localizadas nos países subdesenvolvidos, estando atreladas principalmente a técnicas artesanais, voltando-se também para o comércio e para atividades agrícolas. Neste sentido, de acordo com Sereni *apud* Santos (1977) é possível entender o conceito de Formação Econômica e Social da seguinte maneira,

Expressa a unidade e a totalidade das diversas esferas – econômica, social, política, cultural – da vida de uma sociedade [...] é preciso sempre pôr em relação os dados estruturais com uma produção determinada, o que explica que todo modelo de formação econômica e social é um modelo fundado sobre a totalidade estruturada”. Santos ainda mostra que “não é à “sociedade em geral” que o conceito de F. E. S. se refere, mas a uma sociedade dada como Lênin (1897) fez a respeito do capitalismo na Rússia (SANTOS, 1977, p. 84).

O desenvolvimento econômico no Brasil teve como base a expansão da economia natural, que no século XIX possibilitou o povoamento e ocupação do país, de forma que o desenvolvimento ocorre à medida que a força de trabalho passa da economia natural para de mercado e uma vez que terá uma produção social em substituição a familiar ou mesmo individual. Então, em cada momento histórico se faz necessário atentar para as especificidades encontradas no Nordeste, as quais têm um processo e um ritmo de desenvolvimento econômico diferenciado nas suas sub-regiões. No Brasil o engenho de açúcar foi um centro econômico muito importante (tabela 4), mas,

---

<sup>3</sup> Em relação as diferenças existentes entre as sub-regiões nordestinas ver Mário Lacerda de Melo (1980) e Manuel Correia de Andrade (1998).



Principalmente na região Nordeste brasileiro, foi o primeiro centro econômico de produção, primeiro centro social, de formação da sociedade brasileira, primeiro centro de relações demográficas. Elemento vital à existência do Brasil, o açúcar de engenho foi o primeiro gênero brasileiro sistematicamente produzido para exportação e fonte de riqueza para as nossas populações (DIÉGUES JR., 2006, p. 9).

Assim, no que se refere ao desenvolvimento econômico, Rangel (2012, p. 184) diz que “este depende, pois, especialmente da rapidez e do modo como se processa a transferência de força de trabalho da economia natural para a economia de mercado”. Pode-se dizer que a economia natural é o ponta pé inicial para entender o desenvolvimento, uma vez que tem aí uma produção voltada para o consumo de quem a produz e uma mão de obra empregada em atividades que poderia ser considerada não produtiva. Essa população forma um grupo que se utilizado de outra maneira produziria muito aquém do que produzia anteriormente estando por exemplo cuidando do lar.

Isso levaria a uma transferência de mão de obra, na verdade passaria da economia natural para de mercado, onde o trabalhador rural poderia vender seu produto e conseguir certos bens de que precisaria através do dinheiro obtido com o produto que vendeu, resultando num mercado cheio de produtores autônomos de mercadorias. Outra forma de mudança da economia natural para de mercado apresentada por Rangel (2012, p. 167), é a da “migração para as cidades, onde irá construir e tripular indústrias que substituirão o comércio exterior como fonte de suprimento de bens elaborados”.

À medida em que surgem essas indústrias, tanto no nível local, regional ou nacional, deve-se primeiramente produzir no sentido de abastecer uma população interna, suprir as necessidades nacionais. A tendência é que diminua a necessidade de importar produtos que necessitam, porém, se a produção for destinada ao comércio exterior, ocorre que será necessário importar, “noutros termos, quando a procura externa de nossos produtos aumenta, substituímos produção nacional por produção estrangeira, em nossa cesta de consumo, seja este produto produtivo ou improdutivo” (RANGEL, 2012, 169).

Na economia de mercado as transformações econômicas são de suma importância para o conjunto de condições que as cercam, são os meios e formas utilizadas nos transportes, nos tipos de armazenamento e vendas de produto, fazendo aumentar a quantidade vendida, entre outros. Logo, percebe-se a

importância da construção de vias para transportar cargas, pessoas etc., bem como os próprios transportes e tudo que envolve certo produto, desde sua produção, armazenamento, distribuição e consumo.

Tudo isso acarreta em desenvolvimento de um capitalismo nesse mercado nacional em criação, ao tempo, em que também aumenta o papel do governo, onde suas funções “se tornam mais complexas, uma vez que aumenta a circulação das mercadorias e a população se redistribui, porque em torno dos centros comerciais criam-se aglomerações urbanas” (RANGEL, 2012, p. 171).

Mediante o exposto, a economia de mercado exerce ação sobre a economia natural, esta última emprega um contingente populacional muito grande, porém com baixa produtividade. Se essa população passa para a segunda economia, dará como resultado o desenvolvimento brasileiro, visto que essa formação socioeconômica de mercado a partir de estímulos advindos do exterior fará com que haja aumento de sua produtividade. Assim, é visível na economia natural que,

Só parte da mão de obra aí empregada se ocupa efetivamente com a agricultura; que a outra parte, imensa, elabora bens primários – isto é, faz a mesma coisa que fazem as fábricas e manufaturas urbanas, só que com técnica rudimentar e em condições de produtividade lamentavelmente baixas (RANGEL, 2012, p. 185).

Trilhando por este caminho, o processo de desenvolvimento econômico como fato histórico, precisa ser analisado de maneira atenta, levando em consideração todas as mudanças que ocorrem na sociedade, desde a distribuição de uma dada população, as condições que permeiam o trabalho, a produção e sua técnica, até as formas que são distribuídas as riquezas.

Neste sentido, vê-se que o desenvolvimento econômico está diretamente relacionado com o modo de produzir certas “coisas”, um objeto X produzido pode servir para um determinado fim, porém, o que vai diferenciar, será a maneira como ele foi produzido. Levando-se em consideração que esse objeto X foi produzido artesanalmente por uma pessoa que empregou um técnica que já é utilizada a muitos anos e que não houve mudanças e nem foi necessário um trabalho conjunto, tem-se nesse caso um produto individual, que difere daquele objeto X produzido socialmente, ou seja, aquele que passou por um processo que envolveu inúmeras pessoas.

A produção nesse sentido do produzir socialmente, acarreta a divisão social do trabalho, para que essa se concretize é preciso o acúmulo de capital, que por sua vez dá possibilidade ao homem de utilizar matérias primas e outros recursos de forma a produzir objetos que antes não se tinha, já que cada um estava preso ao seu próprio ofício e as técnicas restritas que tinham. Logo,

A divisão social do trabalho é, portanto condição para o desenvolvimento, porque é condição para que a sociedade em seu conjunto aumente seu poder sobre a natureza, para obrigá-la a fornecer os meios de satisfação das necessidades humanas (RANGEL, 2012, p. 140).

Vale salientar que a divisão social do trabalho tem apoio nos meios de transportes, nas fábricas, entre outros, para poder se concretizar, visto que, para se ter uma maior movimentação seja do que for que envolva o desenvolvimento econômico é preciso do transporte; no que diz respeito a empregar uma mão de obra é preciso pois, das fábricas que possam disponibilizar condições para essa mão de obra. Para Rangel (2012, p.135) “se o desenvolvimento econômico pode, em si mesmo, ser considerado fundamentalmente idêntico, onde quer que se apresente, sua natureza muda segundo sua causa imediata seja esta ou aquela”. Então, cada nova forma de produzir (todas as etapas que passam para aquisição de um objeto X) está atrelada com o processo de desenvolvimento, que levará a uma distinção entre uma economia desenvolvida de outra não desenvolvida.

Ao analisar as sub-regiões nordestinas, percebe-se que na zona da Mata e Sertão está presente ainda uma forte concentração de terras e um trabalho que impede a renovação das formas de produzir e de utilização mais eficazes e menos exploradas da mão de obra existente aí. Cabe destacar, que hoje a economia do Nordeste é muito dinâmica e juntamente com essa dinamicidade, está atrelada a dinamicidade dos agrestes dos seus estados, sendo possível ver um desenvolvimento econômico apoiado nas mudanças por qual a sociedade vem passando, onde os diversos setores da economia são mais diversificados. Segundo Melo (1980, p. 38) “cada Agreste estadual constitui verticalmente parcela de uma grande unidade territorial definida como região agrária nordestina, mas horizontalmente figura como segmento territorial possuidor de funções muito relevantes dentro do Estado a que pertence”.

Para o entendimento do seu processo de formação, parte-se da análise das particularidades que as permeiam, não se atendo apenas a noção de região

natural e sim, destacar o papel desempenhado pelo homem na organização do espaço, os tipos de técnicas utilizadas – o desenvolvimento da técnica está estritamente relacionado com o modo pelo qual os homens se organizam para produzir e se apropriar do produto obtido, isto é, como o distribuem entre si (RANGEL, 2012, p. 137) – e as funções desempenhadas por cidades que são consideradas polos regionais. No caso nordestino os polos dinâmicos se deparam com algumas dificuldades para se expandirem, apesar de mostrarem avanços concretos e transformações de destaque sobre a estrutura de produção<sup>4</sup>.

Diante do que Perroux (1978) apresenta, um polo surge mediante uma indústria X, denominada de motriz – cabe frisar que os efeitos apresentados por uma indústria não são permanentes, o que leva a uma renovação constante, evitando assim, espantar outras que poderiam surgir e continuar dinamizando o polo surgido mediante aquela primeira, evitando que sua função seja enfraquecida em virtude do aparecimento de outro polo –, esta, sendo a responsável pela propagação do crescimento, dando como resposta benefícios as suas regiões. Dessa forma, observa-se que

Dinamiza a vida regional provocando a atração de outras indústrias, criando aglomeração de população que estimulará o desenvolvimento das atividades agrícolas e pecuárias nas áreas fornecedoras de alimentos e de matérias-primas e desenvolve a formação de atividades terciárias proporcionais às necessidades da população que a cerca, que se instala em sua área de influência (ANDRADE, 1970a, p. 61).

O processo de formação do Agreste está atrelado num primeiro momento com os criadores de gado da época da colonização, passando posteriormente a prevalecer uma atividade agrícola sobrepondo-se a existência pecuarista, de forma que,

A indústria que, durante séculos, conseguiu prosperar nas caatingas nordestinas, – diz Sobrinho – suplantando quaisquer outras, foi a criação de gados bovinos, equinos, caprinos, ovinos, por isso que se correlaciona intimamente com a natureza da terra, com os caminhos e com a cultura do povo coevo (MENEZES, 1937, p. 61).

Pode-se dizer, que foi uma sub-região povoada muito tarde se relacionada as outras, mesmo possuindo um tipo climático favorável não somente a atividade

---

<sup>4</sup> A respeito de cidades consideradas polos regionais no Agreste nordestino, serão abordadas no próximo tópico da dissertação.

pecuarista como a diversas outras. Essa ocupação ocorre aos poucos, dá-se primeiramente na parte baixa da Borborema, uma vez que encontra-se quase toda nesse Planalto, para posteriormente continuar a ocupação. Levando-se em consideração o povoamento do Nordeste, logo, percebe-se um dos motivos do povoamento tardio de algumas sub-regiões,

Como o processo de ocupação partiu, ao mesmo tempo, do leste para o oeste e do norte para o sul, em função da posição litorânea, observa-se que a ocupação do Nordeste concentrou-se, inicialmente, no litoral e daí avançou para o sertão, deixando sub-ocupados, até a primeira metade do século XX, as áreas ocidentais da Bahia e meridionais do Maranhão e do Piauí (ANDRADE; ANDRADE, 1999, p. 93).

Relatos históricos comprovam que esse processo de ocupação do Agreste se torna mais forte durante a ocupação holandesa, quando travam duras lutas contra índios e negros, tornando-a economicamente conquistada e de suma importância para um intenso desenvolvimento do comércio. Essa ocupação, além de possibilitar a abertura e a conquista do Agreste rumando à parte ainda não ocupada do Sertão, quase que acabou com o povo indígena, estes tiveram que recolherem-se em locais onde o branco dificilmente tinha acesso e não muito propício a criação do gado.

O espaço agrestino, possui particularidades que possibilita aos seus habitantes desenvolverem práticas econômicas mais diversificadas que os de outras sub-regiões. O agrestino tem a noção mais aguçada para o comércio (o ato de compra e venda) do que propriamente o sertanejo, ou mesmo o habitante da zona da Mata ou Litoral. Assim, o desenvolvimento de agricultura comercial que surge em paralelo as já existentes zonas da cana de açúcar e o algodão no sertão alagoano é um bom exemplo dessa dinamicidade. Mamigonian (2009, p. 60) aponta que “na verdade começa a se acelerar no Nordeste a mudança da agricultura familiar de subsistência, de baixa produtividade, para uma agricultura especializada, inserida no mercado e sujeita a melhores técnicas crescentes”.

Nos dias atuais, vê-se que o Agreste está cada dia mais em evidência, destaca-se o grande número de pequenos comerciantes que se alastram e tomam conta de toda a zona urbana de suas cidades, estendendo-se até a própria zona rural, onde nasceram e desenvolveram grandes empresários e comerciantes da região, de maneira tal, que “partindo de negócios muito modestos, esses comerciantes vitoriaram-se graças ao espírito de iniciativa

comum a todos eles” (MAMIGONIAN, 1965, p. 72). Sendo assim, é possível notar uma produção voltada principalmente ao abastecimento do mercado interno, do que propriamente direcionada a exportação.

Tem-se no Agreste uma diversificação das atividades do comércio e da prestação de serviços, que dão rumo a toda evolução socioeconômica das cidades dessa sub-região. Um fato que chama atenção é a grande quantidade de empresários que surgem – na maioria das vezes são pequenos produtores, comerciantes, feirantes ou como Santos ([1978] 2009, p. 66) diz que “até mesmo os vendedores ambulantes são muito eficientes no que diz respeito à atividade comercial”. Vê-se, que com toda a noção de comercialização, começam a investir num determinado tipo de comércio e aos poucos vão crescendo, de forma tal, que de pequenos, tornam-se grandes empresários, como é o caso de muitos espalhados pelo Agreste nordestino.

Apesar da localização privilegiada, o Agreste sofre com a falta de água, sendo um dos problemas presentes tanto no Sertão, como no Agreste e na própria zona da Mata, porém, é preciso lembrar que em proporções diferenciadas. A seca que atinge o Agreste não é nada se comparada com a do Sertão, sendo muito forte nessa sub-região, a ponto de matar vegetação e animais, fazendo com que, muitos que aí habitam, sejam obrigados a escolherem entre a triste realidade de mudarem para onde a seca não seja tão forte – de modo que “ao deslocar-se do habitat nativo, sofrem modificação os diversos processos fisiológicos, variando seu coeficiente de imunidade a certas doenças, sua capacidade de esforço, sua energia mental” (MENEZES, 1937, p. 45) – ou fiquem e sofram com as consequências da seca. É preciso também lembrar que as secas periódicas que assolam o Nordeste, também se dão de forma diferenciada nos seus estados,

Daí ser o Sertão alagoano, de modo geral, bem mais úmido do que o Sertão Pernambucano, paraibano, norte-riograndense, cearense ou baiano, e ser Alagoas, por dispor de menor área semi-árida e oferecer, em geral, melhores condições à agricultura do que as semi-áridas dos outros Estados nordestinos, cognominado vulgarmente de “o filé do Nordeste (ANDRADE, 1998, p. 33).

Diante das fortes secas que assolavam os sertões e em menor proporção partes do Agreste, fizeram com que os habitantes deslocassem para áreas onde não sofreriam tanto, diga-se nos brejos úmidos. Juntamente com esses habitantes, somavam-se a população aí residente e os índios que tinham sido

expulsos de outras áreas em determinado momento da história. Foram povoando a área, concentrando grupos que davam surgimento a pequenas vilas e desenvolvimento de diversas atividades, que desdobram-se posteriormente em negócios rentáveis.

No que se refere a agricultura, destaca-se o cultivo de milho, feijão, mandioca e o próprio algodão, que foi de suma importância para a economia do Agreste e Sertão, entre os séculos XVIII e XIX, tornando-se um atividade agrícola de grande destaque para o Nordeste, graças a fatores diversos, como o crescimento populacional, o surgimento da máquina à vapor e tantos outros, “por isso, podemos dizer que desde 1750 até 1940 o algodão foi um dos principais produtos nordestinos e o único que enfrentou a cana-de-açúcar com algum êxito, na disputa às terras e aos braços” (ANDRADE, 1998, p. 143).

Neste caminhar, a mão de obra empregada na cultura algodoeira não era predominantemente escrava, muitos fazendeiros chegavam a pagar altos salários, substituindo cada vez mais o trabalho escravo, de forma que,

Na area das caatingas, a situação do escravo era muito diversa das zonas de lavoura. Facilmente se compreende. O serviço de pastoreio exigia muito menos pessoas. Os tratos cultivados de terra eram escassos. Na varzea jaguaribana, em faixas ferteis das serras, adensava-se mais a população entregue aos trabalhos agricolas. Para esses pontos afluê o braço negro (MENEZES, 1937, p. 142).

Sendo assim, o Agreste começa a demonstrar uma forma de empregar a mão de obra diferente da empregada na Mata no cultivo da cana de açúcar, já que esta, também necessitava de cuidados durante o ano todo, diferentemente do cultivo do algodão. Ao analisar os efeitos do algodão para a população em relação ao da cana de açúcar, é possível notar que o mesmo é uma cultura mais acessível à população como um todo, do que propriamente a cana. Deve-se em parte, ao fato de não necessitar de todo o preparo e cuidado que a cana precisa; é uma cultura que pode ser cultivada com outras, por exemplo com um tipo de alimento voltado ao consumo próprio e um outro para o comércio; e qualquer um poderia cultivá-lo.

De acordo com Andrade (1998, p. 144), o algodão contribuiu “desde os primeiros tempos para o desenvolvimento da vida urbana, ao contrário do que ocorria com a cana-de-açúcar. Ainda hoje as cidades localizadas no Agreste são maiores e têm mais movimento comercial que as da região da Mata”. Sua força



estava atrelada mais precisamente as áreas localizadas no interior – Agreste e Sertão – onde as condições eram melhores do que na própria sub-região da Mata.

Ainda em relação aos tipos de culturas que se sobressaíam no Agreste, é possível destacar o café. Esse produto, passou a ser cultivado em fins do século XVIII, ganhando grande impulso em meados do século XIX e início do século XX, desenvolvendo-se de tal forma que se alastrava por várias áreas, tendo consequência naquilo que Andrade (1998, p. 148) relata: “parou engenhocas, expulsou para as terras arenosas e mais pobres as pequenas tradicionais lavouras de mandioca, milho e fumo, destruiu as matas existentes e enriqueceu grandes proprietários”. Contudo, é preciso deixar claro que mesmo com essas culturas de grande destaque em determinados períodos, o Agreste não deixou de ser uma sub-região onde ainda se cultivava lavouras de subsistência como por exemplo, o milho, o feijão, e a própria mandioca.

Diante disso, o espaço agrestino recebeu ciclos econômicos diversos em vários momentos num curto período de tempo e utilização de suas terras. Certas culturas deixavam rastros de miséria a grande parte da população por onde passavam, ao tempo em que enriqueciam grandes e médios proprietários. Andrade (1998, p. 149) ao se referir as lavouras cultivadas no Agreste, vai mostrar que “a cana-de-açúcar, o café e, modernamente, a agave foram lavouras feitas no estilo de grandes culturas que imperialisticamente afastavam para as áreas de solos pobres os outros produtos”.

Neste caminhar, tem-se uma sub-região bem diversificada e propícia a desenvolver uma gama de atividades, graças a sabedoria do seu povo, que aproveita tudo a sua volta. Porém, para que esse mesmo povo possa elevar seu nível de vida, é preciso ter maiores investimentos, seja em técnicas mais modernas no campo em conjunto com a mão de obra humana, seja em espaço na área urbana para terem uma melhor forma de comercialização. É necessário que o poder público invista e os direcionem da forma mais adequada, tenham mais facilidade de acesso a crédito bancário, entre outros.

As cidades localizadas no Agreste têm suas particularidades, alcançando um desenvolvimento maior do que outras, devido em partes a sua localização, sobressaem claro as cidades de Campina Grande – PB, como “capital econômica, não só da Paraíba, mas de uma área mais extensa, que ultrapassa, de muito, os

limites estaduais” (CARDOSO, 1963, p. 11) e que foi ganhando cada vez mais espaço, com importância do ponto de vista comercial e de serviço, bem como despontando industrialmente; Caruaru – PE, com um centro comercial com grandes funções e de destaque no interior pernambucano, destacando sua feira livre, com influência não apenas local; já na Bahia, a cidade de Feira de Santana ganha destaque como centro dinâmico nessa região. Isso mostra que “as cidades nordestinas estão em grande crescimento; sobretudo as grandes cidades, aquelas que à função administrativa juntam outras funções: portuária, comercial, industrial, cultural, etc.” (ANDRADE, 1974, p. 45).

Neste sentido, falar da importância da cidade de Arapiraca/AL – que já se destacava antes mesmo de sua emancipação política (30 de outubro de 1924) graças a feira livre (foto 1 e 2), ganhando maior visibilidade a partir da década de 1940 com a cultura do fumo, sendo “um grande centro e por que não dizer o maior centro fumicultor do Nordeste entre as décadas de 1940 até 1970” (GUEDES, 1999), além é claro de outras atividades agrícolas – e Itabaiana/SE – que aponta como um centro importantíssimo na produção de frutas, destacando a laranja, que “é cultura largamente produzida em Sergipe e na Bahia, estados com tradição na produção dessa fruta nobre, consumida em larga escala nas cidades da região” (ANDRADE; ANDRADE, 1999, p. 98), destacando também a grandiosidade da feira livre, com influência nacional (foto 3 e 4); o papel desempenhado pelos caminhoneiros da região; e o cultivo da batata doce, atividade agrícola de maior destaque –, se faz necessário para entender a dinâmica que ocorre no interior do nordeste brasileiro. No caso de Alagoas e Sergipe, Andrade (1974) apresenta a dinâmica presente nesses dois estados da seguinte forma,

Em Alagoas, ao lado da tradicional e histórica cidade de Penedo, podemos salientar centros modernos e dinâmicos como Palmeira dos Índios, em região produtora de algodão, e Arapiraca, em área produtora de fumo. Em Sergipe, ao lado da cidade são-franciscana de Propriá, salienta-se a velha cidade de Estância (ANDRADE, 1974, p. 50)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Acrescente-se também a capital agrestina do caminhão (Itabaiana) e a cidade Lagarto, também agrestina, com destaque na produção de laranja.

**Foto 1:** Vista Parcial da Antiga Feira Livre de Arapiraca s/d.



**Fonte:** [www.cma.al.gov.br](http://www.cma.al.gov.br)

**Foto 2:** Vista Parcial da Feira Livre de Arapiraca – 2013.



**Fonte:** Paul Clívilan S. Firmino/arquivo particular do autor (Janeiro de 2013).



**Foto 3:** Itabaiana/SE – Largo da Feira (Largo Santo Antônio) na década de 1930.



**Fonte:** Álbum de Itabaiana: nas lentes de Miguel Teixeira da Cunha, João Teixeira Lobo e Percílio da Costa Andrade. Organização e texto de Vladimir Souza Carvalho e Robério Barreto Santos.

**Foto 4:** Vista Parcial da Feira Livre de Itabaiana – 2013.



**Fonte:** Paul Clívilan S. Firmino/arquivo particular do autor (Dezembro de 2013).

Ao analisar as atividades econômicas dessas duas cidades, da sub-região do Agreste e, conseqüentemente, do Nordeste como um todo, é perceptível o aumento do papel desempenhado pela indústria em suas economias, apesar da atividade agrícola ainda ser de grande importância no desenvolvimento econômico da região (tabela 4). Esse aumento da industrialização no Nordeste tem-se intensificado nos fins da década de 1960, tomando proporções que muitos não acreditavam para uma região tida como “problema”.

**Tabela 4:** CAGED Empregados/Janeiro de 2014 – Região Nordeste.

UF	Indústria	Const. Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária...	Total
<b>Alagoas</b>	<b>8.118</b>	<b>4.095</b>	<b>5.765</b>	<b>6.016</b>	<b>513</b>	<b>24.507</b>
<b>Bahia</b>	14.145	24.789	30.056	53.999	11.005	133.994
<b>Ceará</b>	16.922	12.779	21.785	33.352	2.295	87.133
<b>Maranhão</b>	2.733	8.852	9.700	9.370	3.573	34.228
<b>Paraíba</b>	4.385	7.024	6.877	9.205	836	28.327
<b>Pernambuco</b>	16.666	18.781	22.579	39.979	3.442	101.447
<b>Piauí</b>	1.706	5.526	4.480	5.367	1.230	18.309
<b>Rio G. do Norte</b>	5.761	7.347	8.440	11.886	1.679	35.113
<b>Sergipe</b>	<b>2.819</b>	<b>3.738</b>	<b>4.584</b>	<b>7.578</b>	<b>967</b>	<b>19.686</b>
<b>Total</b>	<b>73.255</b>	<b>92.931</b>	<b>114.266</b>	<b>176.752</b>	<b>25.540</b>	<b>482.744</b>

**Fonte:** <http://www.mte.gov.br>. CAGED Estatístico Id, ano de 2012. Acesso em 12 de março de 2014 às 15:59h. MTE/SPPE/DES/CGET - CAGED LEI 4.923/65.

Com uma mão de obra em sua maioria familiar, o conhecimento de determinadas técnicas, o uso de algumas máquinas, os poucos capitais investidos, as matérias primas existentes e a força de vontade para o trabalho, desenvolveram-se pequenos estabelecimentos em várias cidades espalhados por todo o Nordeste, com especialidades muitas vezes distintas umas das outras. Mamigonian (1965, p. 77) mostra que “estes negócios começam sempre muito modestamente, sendo que os empresários são, no início, a única força de trabalho, pois que juntam apenas o suficiente para começar”. Eram portanto, os produtos fabricados a partir do couro, do fio de algodão, a palha de diversos vegetais, o barro, entre outros.

Neste momento prevalecia mais atividades artesanais do que propriamente atividade industrial, o que se tinha era um desenvolvimento industrial não planejado e ligado quase que predominantemente as atividades artesanais. Então, pode-se dizer que as atividades industriais no Nordeste se deu mediante duas fases de desenvolvimento,

A primeira procedeu-se espontaneamente, sem planejamento e feita sobretudo por grupos econômicos locais, que utilizavam os capitais de que dispunham ou conseguiam mobilizar. Estava ligada, principalmente, à produção agrícola regional e resultava muitas vezes do crescimento e transformação de uma atividade artesanal. A segunda resultou de uma política de planejamento organizada e dirigida pela SUDENE, visando a transferir para o Nordeste capitais de grupos econômicos nacionais e estrangeiros instalados sobretudo no Sudeste do país (ANDRADE, 1974, p. 118).

Nas últimas décadas do século XIX com o mercado brasileiro de algodão ganhando destaque, resultando no surgimento de fábricas, principalmente próximas aos portos, mostra o nascimento da indústria têxtil na região. Essa proximidade dos portos é uma localização que data desde a colonização, graças é claro a uma economia de exportação, desenvolvendo atividade comercial, que se fazia diretamente com o mercado europeu, isso mostra, que os portos direta ou indiretamente eram os centros ou polos regionais de maior dinamicidade, atraindo um grande contingente de pessoas em função do sistema econômico na época – voltado para o mercado externo num primeiro momento.

Sendo assim, em relação a ocupação regional e o sistema econômico, Menezes (1937, p. 160) mostra que “desde longa data os centros povoados do nordeste entraram em contacto, por intermedio de Recife e S. Luis do Maranhão com centros ultramarinos, principalmente quanto aos produtos valiosos nos mercados europeus, - o assucar e o algodão”. Logo, faziam com que os principais centros urbanos fossem ligados com outros centros de grande destaque no interior, tornando-se cada vez mais importante e ganhando destaque como polos regionais de seus estados. Porém, nas áreas mais distantes dos portos e dos grandes centros haviam dificuldades para escoarem suas produções,

Nestes municípios mais distantes, encontramos unidades produtoras voltadas inteiramente para o autoconsumo, vivendo à margem da atividade comercial, e unidades em que a maior porção da produção destina-se ao autoconsumo, mas que comercializa os excedentes da produção agrícola, vendendo-as a comerciantes que os adquirem na própria localidade ou nas feiras realizadas nas vilas e povoações mais próximas (ANDRADE, 1974, p. 133).

Ao lado da indústria têxtil nascente, surge também o beneficiamento de óleos vegetais, com particular destaque para o próprio algodão, do qual eram retirados os caroços para esse beneficiamento. A cidade de Campina Grande –

PB, era um dos centros que possuíam o maior número de estabelecimento na produção de óleos, além é claro de se destacar no que se refere a indústria de couro. Ao seu lado sobressaem também, Caruaru – PE, Alagoinhas – BA etc.,

A indústria de couros e peles é tradicional no Nordeste; os principais curtumes localizam-se nas cidades que exerciam ou exercem função polarizadora em áreas dedicadas à pecuária, como Parnaíba, no Piauí, Campina Grande, na Paraíba, Caruaru, em Pernambuco, e Alagoinhas, na Bahia. Da mesma forma que a indústria de confecções, inicialmente mera atividade artesanal e hoje indústria de grande importância, como uma decorrência do desenvolvimento da indústria têxtil, a indústria de calçados, que tem grande importância na região, desenvolveu-se em consequência da existência de inúmeros curtumes (ANDRADE, 1974, p. 120).

Com o passar dos tempos, a maioria dos centros urbanos, principalmente aqueles que queriam atrair indústrias, foram mudando e criando condições para que diversas indústrias dos mais variados ramos se instalassem em suas cidades e, conseqüentemente, favorecendo o seu desenvolvimento industrial, graças as várias facilidades que o Nordeste tinha e tem a oferecer, desde a matéria prima, mão de obra, transporte e tantas outras condições favoráveis ao desenvolvimento de certas indústrias.

Em paralelo com o aumento do papel desempenhado pela indústria, está a importância do comércio no desenvolvimento econômico das cidades agrestinas. Esse comércio é mais forte na zona urbana e principalmente nas cidades mais polarizadas. Isso mostra, que a atividade comercial de importância local é fundamental no entendimento da dinâmica regional, de forma tal que “nas pequenas cidades e vilas existem sempre pequenos e médios comerciantes que se estabelecem com casas mais ou menos especializadas e que se dedicam à venda dos produtos mais necessários à população e adquirem os produtos agrícolas e pecuários da região” (ANDRADE, 1974, p. 134).

Diante dessa realidade, o panorama atual contradiz as ideias equivocadas de décadas atrás, de modo que, “os agrestinos têm demonstrado que o imobilismo social que paralisou o Nordeste é uma imagem falsa diante da multiplicação das iniciativas empresariais regionais” (MAMIGONIAN, 2009). Nota-se que em sua maioria o desenvolvimento econômico do Nordeste, em particular do Agreste, está atrelado a pessoas que por conta própria criam seus pequenos negócios, desdobrando-se com o passar do tempo em empresas, fábricas e



indústrias locais, “assim, seu dinamismo econômico está estreitamente ligado ao dinamismo da população” (SANTOS, [1980] 2010, p. 139).

Portanto, analisar o grau de influência que esses comerciantes têm na economia de suas cidades, chama bastante atenção, pois, muitos destes tornam-se os grandes comerciantes e industriais da própria região, transformando a realidade não só da cidade polo, como também de quase toda área que para ela converge.

### **1.1.3 Centralidade e Dinamismo em Cidades Agrestinas**

Ao abordar a questão da centralidade e dinamismo de algumas das cidades agrestinas na região Nordeste, é preciso levar em consideração as características que as tornam centrais frente as outras. A centralidade de fato vai ser caracterizada por um conjunto de funções centrais, indo além da posição geograficamente favorecida. Essa centralidade resulta direta ou indiretamente da organização que gira em torno de um determinado núcleo, que posteriormente transforma-se no centro de uma região específica.

Dentro dos estudos sobre lugares centrais, destaca-se o de Walter Chistaller (*Central Places in Southern Germany*) de 1933, onde “o objetivo principal da teoria dos lugares centrais é explicar a organização espacial das povoações e das áreas de influência, em particular a sua localização relativa e dimensão” (BRADFORD; KENT, 1987, p. 18) e que foi “nas décadas de 1960 e 1970, incorporada à “nova geografia”” (CORRÊA, 1996, p. 50).

Uma cidade X pode ser considerada um lugar central mediante o papel de fornecedora de bens e serviços a todo o espaço ao seu redor. Neste sentido, “alguns lugares centrais oferecem muitas funções. São os chamados *centros de ordem superior*. Outros fornecendo menor número de funções, são *centros de ordem inferior*” (BRADFORD; KENT, 1987, p. 19). Então, pode-se dizer que essas ordens são diferenciadas mediante a área de mercado, população, emprego e das funções que elas dispõem.

Levando-se em consideração a ordem inferior e superior dos centros, encontra-se serviços simples nas cidades pequenas, como alimentação por exemplo, servindo claro a uma população menor; enquanto que serviços e bens como ensino superior e determinado tipo de comércio é encontrado em cidades

grandes com uma vasta área de abrangência. Portanto, pessoas de centros com ordem inferior deslocam-se para centros de ordem superior em busca de bens e serviços ausentes em seus centros. Assim,

A concentração da classe dominante, constituída fundamentalmente, por exemplo, por uma oligarquia fundiária e comerciante, na cidade capital de um Estado, como no Nordeste do Brasil, a que se associa um determinado contingente de classe média e um vasto contingente populacional pobre, leva a uma extrema concentração da oferta de bens e serviços de luxo sofisticados nessa cidade (CORRÊA, 1996, p. 56-57).

Mediante o exposto, tem-se uma cidade servindo a uma área de abrangência determinada, vista como um fator de desenvolvimento atraindo funções diversas, que reflete na organização do espaço. Assim, a oferta de bens e serviços em sua maioria estão localizados centralmente, tendo certas atividades e sua população constituindo uma região complementar, ou seja, localizadas em seu entorno, pois, todo lugar central tem sua região complementar.

Percorrendo por este caminho, nem sempre um determinado centro polarizado vai gerar desenvolvimento na sua região, porém cria “fluxos da região para o polo e refluxos do polo para a região” (ANDRADE, 1970b, p. 112), vale destacar que toda e qualquer mudança não se dá de forma igualitária nas cidades, regiões ou mesmo países. Andrade (1970b, p. 113) mostra que a gênese “de qualquer polo indicará que o seu surgimento é sempre motivado por uma constelação de fatores dentre os quais se salientam três: disponibilidade de recursos; acessibilidade e favorecimento do momento histórico”. Logo, a gênese do desenvolvimento econômico não só de Arapiraca/AL e Itabaiana/SE, como de praticamente todo o agreste nordestino, está atrelada a esses fatores, tendo na feira livre um primeiro passo para o seu desenvolvimento.

O Nordeste possui várias zonas geo-econômicas, dentre elas o Agreste, que possui cidades com uma diversificação maior que outras (tabela 5), levando ao desenvolvimento de culturas diversificadas nos vários estados nordestinos e em paralelo favorecendo o desenvolvimento de certos centros urbanos.

**Tabela 5:** Estabelecimento – IBGE Gr. Setor 2012 – Microrregiões do Agreste.

Município	Indústria	Const. Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Total
<b>Arapiraca - AL</b>	236	84	1.899	774	78	3.071
<b>C. Grande - PB</b>	857	449	2.910	2.323	62	6.601
<b>Caruaru - PE</b>	1.283	272	3.332	1.900	90	6.877
<b>F. de Santana - BA</b>	1.280	473	5.906	3.407	326	11.392
<b>Itabaiana - SE</b>	197	72	756	399	118	1.542
<b>Total</b>	<b>3.853</b>	<b>1.350</b>	<b>14.803</b>	<b>8.803</b>	<b>674</b>	<b>29.483</b>

Fonte: <http://www.mte.gov.br>. RAIS Estabelecimento MES., ano de 2012. Acesso em 12 de março de 2014 às 17:41h.

É nessa sub-região que encontra-se algumas das cidades mais importantes e dinâmicas do sistema urbano do interior dos seus estados e do próprio Nordeste (tabela 6): Campina Grande – PB com um zona polarizada em seu entorno, Caruaru e Garanhuns – PE com forte influência, Alagoinhas Vitória da Conquista e Feira de Santana – BA esta última como principal centro no Agreste, em “Alagoas com a polarizada por Palmeira dos Índios. Arapiraca em Alagoas polariza um importante centro fumicultor, enquanto em Sergipe, Itabaiana é importante centro da área policultora de cereais e frutas” (ANDRADE 1974, p. 31).

**Tabela 6:** Estabelecimento – IBGE Gr. Setor 2012 – Cidades Agrestinas.

Mesorregião	Indústria	Const. Civil	Comércio	Serviços	Agrop.	Total
<b>Agreste Alagoano</b>	337	144	2.865	1.198	200	4.744
<b>Agreste Paraibano</b>	1.301	652	5.200	3.341	443	10.937
<b>Agreste Pernambucano</b>	3.601	636	10.803	5.278	876	21.194
<b>Agreste Potiguar</b>	197	83	1.271	462	149	2.162
<b>Agreste Sergipano</b>	569	215	2.220	1.129	604	4.737
<b>Total</b>	<b>6.005</b>	<b>1.730</b>	<b>22.359</b>	<b>11.408</b>	<b>2.272</b>	<b>43.774</b>

Fonte: <http://www.mte.gov.br>. RAIS Estabelecimento CID., ano de 2012. Acesso em 12 de março de 2014 às 17:29h.

O mesmo autor ainda acrescenta que essas zonas tem uma individualidade que as caracterizam, onde trás o exemplo da “área de fumicultora de Lagarto, em Sergipe, com características que a distingue de Arapiraca; são áreas que merecem estudos detalhados a fim de orientar a sua vocação geo-econômica”.

Essas cidades citadas são algumas das principais que formam essa sub-região ímpar, onde predomina uma atividade agrícola, destacando a cultura de fumo, mandioca e legumes, existência de áreas de agricultura de subsistência e comercial, bem como áreas onde dedicam-se a pecuária e a policultura. Assim,

Nas zonas mais favoráveis e onde a densidade demográfica é mais elevada domina a agricultura. Naquelas em que o manto de decomposição das rochas é pouco espesso e a agricultura não pode desenvolver-se, domina a pecuária e é mais baixa a densidade demográfica. Interessante é que, na porção semi-árida, as áreas de solos arenosos constituem verdadeiros condensadores de população e são intensamente ocupadas pela agricultura de fruteiras, como ocorre em Surubim e Vertentes (Pernambuco), de mandioca, como ocorre em Lajedo e em Jurema (Pernambuco), de fumo, como ocorre em Arapiraca (Alagoas) e em Lagarto (Sergipe), e de mandioca e legumes, como ocorre em Itabaiana (Sergipe) (ANDRADE, 1998, p. 35).

Juntam-se a essas cidades, outras que durante muito tempo ficaram meio que apagadas nos estudos de muitos pesquisadores, sendo muitas vezes apenas citadas ou comparadas com outras, por considerarem talvez de pouca importância. São cidades que tiveram vários eventos de destaque, marcando períodos diferentes, colocando-as em evidência como polo dentro dos seus estados e regiões. Muitas dessas cidades serviam apenas de passagem entre a Mata e o Sertão, era o caminho de penetração, uma espécie de lugar para descanso. Elas tornaram-se cidades com grande destaque, com uma concentração populacional expressiva. Assim, percebe-se que,

As concentrações de homens de capitais fixos e fixados, a rigidez das instalações e das estruturas que acompanharam o desenvolvimento do pólo fazem também sentir todas as suas consequências quando começa o seu declínio; de centro de prosperidade e progresso, o pólo transforma-se em centro de estagnação (PERROUX, 1978, p. 108).

Cabe aqui fazer uma referência às cidades que tiveram e ainda têm uma centralidade e um dinamismo de cunho bastante expressivo no Agreste nordestino e na Região como um todo. Diga-se a Cidade de Caruaru – PE e Campina Grande – PB, além é claro da própria cidade de Itabaiana – SE e Arapiraca – AL que fazem parte integralmente da pesquisa em foco.

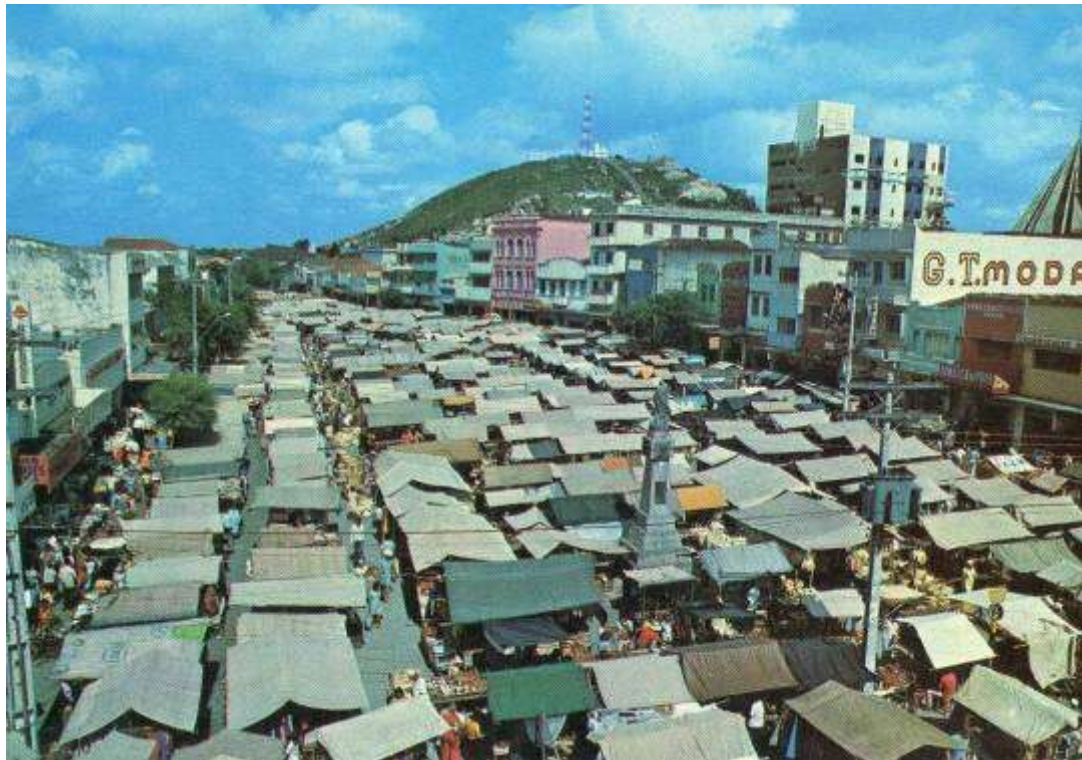
No Agreste pernambucano está localizada a cidade de Caruaru, numa posição que liga a capital Recife ao Sertão pernambucano, passando pela cidade de Arcoverde que assume posição de destaque no interior, fazendo também ligação com outros centros importantes – Campina Grande ao Norte e Arapiraca ao Sul – graças as estradas que permitiram maior ligação entre eles. Neste sentido, é que Cardoso (1965) mostra que em meados da década de 1960

Alguns municípios alagoanos, justamente aqueles que abrigam os centros comerciais mais importante do estado como Arapiraca, Palmeira do Índios, Santana do Ipanema, principalmente no primeiro, as relações com Caruaru são frequentes e muitos moradores se valem até do seu próprio varejo (CARDOSO, 1965, p. 65).

Caruaru é de fato a capital agrestina, com uma área de influência que vai além das suas fronteiras, tendo o seu desenvolvimento apoiado sobretudo no que diz respeito ao setor terciário. Sendo assim, “a esta sua função de centro comercial e de serviços, Caruaru deve sua projeção numa área bem extensa do estado, como, também, a forte atração que exerce nas populações agrestinas e sertanejas” (CARDOSO, 1965, p. 52), graças a sua função de centro polarizador.

O povoado que surgiu numa fazenda de criação, dando origem a Caruaru, tinha nos brejos o responsável pelo seu abastecimento, assemelhando-se a outras cidades pernambucanas e nordestinas, chamando atenção também para a importância da feira no seu desenvolvimento econômico e na sua formação (foto 5). Cardoso (1965, p. 57) mostra que “foi graças à instalação de uma feira, para a qual eram levados os produtos obtidos nos brejos próximos e na própria caatinga circundante, que se desabrochou o povoado que transformar-se-ia mais tarde na cidade de Caruaru”. Sua tradicional feira livre tinha e ainda tem uma área de atuação bastante expressiva. Esta feira tem um raio de abrangência muito grande, o que é visível no seu centro, quando este é tomado por uma multidão que se desloca de lugares diversos, seja para comprar, vender ou simplesmente conhecer a famosa feira de Caruaru.

**Foto 5:** Feira de Caruaru – PE.



**Fonte:** <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/em-pernambuco-a-feira-de-caruaru> Acessado em 12 de Março de 2014 às 20h25min.

Então, com o aumento e a variedade do comércio de Caruaru e, conseqüentemente dos seus serviços, começou a atrair uma gama de pessoas que usufruía e usufrui dessas atividades, com destaque maior para as atividades comerciais, que apresenta uma diversificação enorme. O Polo de Confecções do Agreste (foto 6), composto por Caruaru, Toritama, Santa Cruz do Capibaribe e outros 10 municípios da região é um dos maiores do Brasil, estimando-se uma movimentação de cerca de R\$ 2 bilhões por ano. Esse polo é o principal responsável por várias atividades que faz da cidade de Caruaru ter relações e influências com mais de 50 municípios vizinhos.



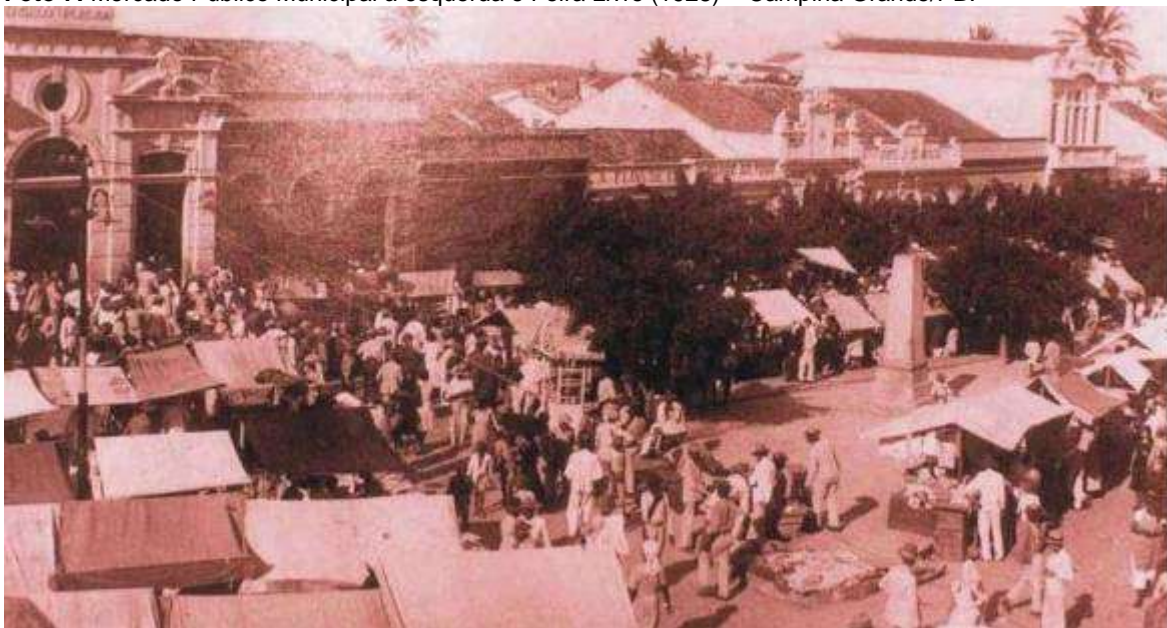
**Foto 6:** Polo de Confeções do Agreste – Caruaru/PE.



**Fonte:** <http://testetoritamainforma.blogspot.com.br/2012/12/comerciantes-do-polo-de-confeccoes.html>.  
Acessado em 12 de Março de 2014 às 20h42min.

No estado da Paraíba a cidade de Campina Grande ganha destaque dentro de sua região, por apresentar uma dinâmica ímpar e atuando sobre uma grande área do estado, principalmente rumando ao interior e Sertão, de forma a desempenhar papel de suma importância na vida regional. Num primeiro momento, ganha destaque com o comércio voltado para a farinha de mandioca e o surgimento de uma feira típica das cidades nordestinas (foto 7).

**Foto 7:** Mercado Público Municipal à esquerda e Feira Livre (1928) – Campina Grande/PB.



**Fonte:** <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/05/feira-central-o-coracao-de-campina.html#.UyEB2vldVic>  
Acessado em 12 de Março de 2014 às 22h16min.



A cidade de Campina Grande tinha facilidade no que se referia a ligar o litoral ao sertão, facilidade esta que se refletiu na sua atuação e no seu desempenho no setor econômico, com especial atenção para o comércio, tornando-se lugar de troca de produtos advindos tanto do litoral como do sertão. Depois do Recife/PE, era ela quem sobressaía dentro da região em se tratando da atividade comercial,

Essa liderança econômica vê-se reforçada por ser, ainda, um foco de intensa vida cultural e um procurado centro médico-hospitalar. Congregando sedes de importantes órgãos governamentais e entidades de classe, Campina Grande assumiu, também, certa função administrativa, embora não seja a capital do estado de cuja vida econômica é o principal foco (CARDOSO, 1963, p. 4).

Levando-se em consideração que a cidade é cortada por algumas rodovias, situando-se numa posição que a coloca em contato com alguns outros estados, não é de se estranhar o desenvolvimento do comércio voltado para ramos específicos – como o de veículos – e o início de função industrial graças a circulação rodoviária. Assim, com a crescente construção de rodovias e o melhoramento de outras, percebia-se um crescimento no que se referia a sua economia.

Neste caminhar, o comércio de atacado era outro ponto de destaque, mostrando um grande potencial em relação a função distribuidora apresentada pela cidade. Percebe-se o quão importante foi e ainda é a atividade comercial desta, não somente para seus moradores como também para uma extensão bem significativa da região Nordeste.

Ao considerar Campina Grande como capital regional, a afirmação torna-se verídica devido a presença de características que a distingui de outras que não exercem as mesmas funções desempenhadas por ela. Sendo assim, é possível encontrar bairros com características de cidades já estruturadas, funções diversas bem definidas e uma formidável atividade voltada para o comércio, de maneira tal, que é tida como “capital econômica, não só da Paraíba, mas de uma área mais extensa, que ultrapassa, de muito, os limites estaduais” (CARDOSO, 1963, p. 11).

Neste sentido, Campina Grande como capital regional e com forte polarização, tinha certa influência no interior de Pernambuco e Alagoas como também na própria capital do seu estado, convergindo para ela um número cada vez maior de pessoas. Desta forma, Cardoso (1963, p. 17) mostra que “além da

população residente nas zonas próximas, extensa área volta-se para Campina Grande para se valer de seu comércio, de seus bancos, como de seus hospitais, colégios, faculdades e tãda a série de manifestações da vida citadina”. Tudo isso é reflexo de uma maior variedade encontrada em seu comércio e também por apresentar preços mais acessíveis.

No que se refere a cidade de Arapiraca e Itabaiana, estas serão apresentadas mais detalhadamente no decorrer da presente dissertação. Porém, faz-se necessário mostrar a importância que elas apresentam como centro econômico dinâmico que são, de forma que seu crescimento é visto sobre a região ao seu redor, onde o desenvolvimento regional vai estar conectado com o seu polo. Assim, Itabaiana e Arapiraca apresentam-se como um dos principais centros dentro dos seus respectivos Estados. Logo, Andrade (1970a) direciona no sentido de levar em consideração que desenvolvimento “é a combinação de mudanças sociais e mentais de uma população que a tornam apta a fazer crescer, cumulativamente e de forma durável seu produto real, global”. No que se refere ao crescimento, este, “existe apenas quando há um aumento do produto global e, conseqüentemente, da renda *per capita*”. Portanto, deve-se “chamar de desenvolvimento, quando ao lado do crescimento do produto provocam também modificações de estruturas que favorecem à população da região para êle polarizada”.

Neste sentido, “o fluxo de pessoas originadas de municípios circunvizinhos, assim como de outras localidades nos dias de feira principalmente (quartas-feiras e sábados), é uma amostra da centralidade de Itabaiana sobre a região” (CARVALHO, 2012, p. 138). Arapiraca tem nas segundas-feiras seu dia de maior dinamismo, atraindo um contingente populacional muito grande graças a sua feira livre e o seu comércio bem diversificado, sem falar da grande variedade de bens e serviços encontrados nessa centralidade no coração de Alagoas.

São várias as cidades agrestinas que têm uma centralidade e um dinamismo impressionante, com funções centrais de suma importância para as cidades. Com a expansão e a crescente demanda por bens e serviços, como consequência do aumento populacional, aumento no nível de renda e outros, é de fato um norte para o entendimento do desenvolvimento dessas cidades e o conseqüente dinamismo apresentado pela forte centralidade urbana.

## 1.2. O Significado da Feira Livre na Gênese do Processo de Desenvolvimento Agrestino

### 1.2.1. Da Gênese da Feira Livre no Nordeste do Brasil

Nos anos de 1500, com o “descobrimento” do Brasil e o consequente povoamento destas terras, começou a se estruturar uma economia num primeiro momento de exportação, que servia de base para suprir as necessidades do mercado exterior com os produtos advindos das terras brasileiras, com especial destaque para região Nordeste, com o cultivo da cana de açúcar,

O açúcar era o principal produto de exportação do Brasil. Sucedia, e isto é importante no processo histórico da economia brasileira, que o açúcar estava, na época, na sua fase áurea de valorização. Era o produto que contribuía para assegurar a formação do capitalismo português (DIÉGUES JR. p. 16).

A região Nordeste é a região de povoamento mais antiga do País, ocupada a partir do século XVI pelos colonizadores portugueses e foi a mais dinâmica economicamente por cerca de dois séculos, tendo como base econômica o engenho, que também é responsável pela constituição de núcleo social de extrema importância na colônia. Segundo Diégues Jr. (2006, p. 15) “a COLONIZAÇÃO do Brasil iniciou-se com a construção de engenhos; o crescimento numérico destes refletia o desenvolvimento econômico da então colônia portuguesa”. A partir de seus escritos é possível ver o número de engenhos que pontilhavam o Brasil neste primeiro século de colonização/povoação (tabela 7),

**Tabela 7:** Distribuição Territorial dos Engenhos de Açúcar no Primeiro Século de Colonização/povoação.

	1545	1570	1584	1585	Fins do Séc. XVI
<i>Local</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Quantidade</i>
<i>Bahia</i>	1 engenho	18 engenhos	40 engenhos	46 engenhos	50 engenhos
<i>Espírito Santo</i>	6 engenhos	1 engenho	4 ou 5 engenhos	6 engenhos	-
<i>Igarapé</i>	Constituindo-se	-	-	-	-
<i>Ilhéus</i>	-	8 engenhos	Alguns	6 engenhos	-
<i>Itamaracá</i>	-	1 engenho	-	-	18 ou 20 engenhos
<i>Paraíba do Sul</i>	Constituindo-se	-	-	-	Cerca de 20 engenhos
<i>Pernambuco</i>	2 engenhos	23 engenhos	60 engenhos ou mais	66 engenhos	100 engenhos
<i>Porto Seguro</i>	2 engenhos	-	2 ou 3 engenhos	-	-
<i>Rio de Janeiro</i>	-	-	-	-	40 engenhos
<i>Santo Amaro</i>	1 engenho	-	-	-	-
<i>São Vicente</i>	2 engenhos	4 engenhos	-	4 engenhos	-
<b>TOTAL</b>	<b>14 ENGENHOS</b>	<b>55 ENGENHOS</b>	<b>108 ENGENHOS</b>	<b>128 ENGENHOS</b>	<b>230 ENGENHOS</b>

**Fonte:** DIÉGUES JR., Manuel. O Engenho de Açúcar no Nordeste. Maceió: EDUFAL, 2006, 92p. : il. Org.: Paul Clívilan S. Firmino.

O século XIX foi marcado por transformações na economia voltada para o açúcar. Começa a decadência dos engenhos de açúcar e o surgimento da usina no período de grande destaque marcado pelo processo de industrialização. Mas, o Nordeste ainda no século XVIII demonstrava perda de dinamicidade para o Sudeste do País.

O Nordeste é uma região geográfica, que foi desenvolvendo-se em função de Portugal, que certamente foi responsável por impulsionar o desenvolvimento do capitalismo comercial. Atribui-se a esse desenvolvimento “o descobrimento e a organização do território brasileiro, em geral, e do Nordeste em particular” (ANDRADE, 1979, p. 13).

Os portugueses mantinham relações comerciais as maiores possíveis, tirando delas, todo tipo de proveito em benefício próprio. Observa-se que o mercado capitalista proveniente da Europa – segundo Karl Polany (1944, p. 81) “o breve florescimento das famosas feiras da Europa constitui um outro exemplo de um tipo definido de mercado produzido pelo comércio de longa distância” –, tendo como sua representante maior a Coroa, vendiam nos mercados europeus os produtos que saíam das colônias, de forma que os meios de intermediações comerciais eram externos a sociedade e a própria economia das colônias.

De acordo com Rangel (1981, p. 10) estrutura-se com o passar dos tempos o “polo externo” da dualidade básica da economia brasileira”, nascendo no Brasil o processo de comercialização, mas subordinado ao mercado externo, tendo o capitalismo industrial nascente o comando desse mercado. Em relação a esse processo de comercialização entre a Colônia e a Metrópole e, conseqüentemente, o desenvolvimento das trocas, é que Menezes (1937, p. 92) vai dizer que “determinara uma produção de valores de troca em escala que aumentava com a técnica. Já não são mais somente as feiras onde se cambiavam os produtos do oriente com os do ocidente[...]”.

Pode-se dizer então, que a feira livre no Brasil tem-se início com a expansão colonial europeia a partir da chegada dos portugueses nessas terras, que traziam consigo as experiências do comércio e que as poucos iam impondo na colônia uma nova forma de comercializar. Não é possível afirmar que eram feiras propriamente ditas e sim formas de trocas, “foram estes modelos de mercados que foram trazidos para o Brasil no rastro do processo de colonização portuguesa no início do século XVI” (DANTAS, 2007, 60), remetendo assim, no

processo de formação sócio espacial da região Nordeste. Claro que antes dos portugueses, já existia no Brasil uma forma de troca entre os índios de tribos diversas, porém, não será tratado aqui com afinco. Nesta perspectiva, pode-se dizer que,

Desse contacto, que perdurou por três décadas, os portugueses obtiveram conhecimentos ligados aos produtos que poderiam ser destinados à exportação, identificaram as dificuldades a serem superadas no processo de apropriação e colheram dados iniciais sobre a psicologia e a organização econômico-social do nativo e a maior ou menor facilidade de relacionamento com ele (ANDRADE, 1979, p. 16).

Neste sentido, os portugueses foram aos poucos introduzindo uma atividade comercial que já era desenvolvida na metrópole. Passando assim, a exportar as matérias primas existentes, como o pau-brasil num primeiro momento. Em seguida vários outros produtos que eram considerados de maior valor também foram objetos de interesses dos portugueses.

Partindo dessa premissa, pode-se dizer que a economia das cidades nordestinas tem sua gênese baseada num mercado onde se tinha uma troca imediata, com uma comercialização e negócio feitos instantaneamente, caracterizando assim, as chamadas feiras livres. Não obstante, vê-se que a origem desse mercado no Mundo, data de tempos atrás e que no Brasil é de fato uma herança herdada do colonizador português.

Foram surgindo feiras primeiramente em alguns lugares específicos na região Nordeste para em seguida começar a expansão delas por outros lugares. A primeira feira de que se tem notícia é a que “estava localizada em Capoeira no norte do Recôncavo Baiano”, por volta do século XVI e XVII, como está relatado no trabalho de Dantas (2007) sobre a feira de Macaíba – RN citando Mott (1975). Ainda no mesmo trabalho é possível ter notícias da existência de outras feiras em séculos posteriores, com um comércio voltado quase que diretamente para o gado e a farinha<sup>6</sup>.

Nos fins do século XVI a atividade pecuária como base da economia de algumas sub-regiões, começou a adentrar para o interior nordestino, fazendo surgir a partir do gado alguns feiras e povoados – “a Feira de Gado surgiu em

---

<sup>6</sup> “Outras feiras de que se têm notícia nesse período são as da freguesia da Mata de São João, da Vila de Nazareth, de Feira de Santana e da Vila do Conde na capitania da Bahia; de Goiana e Itabaianinha, na capitania de Pernambuco; e em muitas vilas e cidades de Sergipe” (DANTAS, 2007).

função de uma atividade – a pecuária – amplamente favorecida pelas condições naturais favoráveis (PAZERA JR., 2003, p. 37) – que posteriormente tornaram-se cidades de destaque não só para suas regiões como também para seus estados.

A cidade de Itabaiana/PB é exemplo típico de área situada nos caminhos por onde o gado penetrava para o interior. No caso da cidade de Feira de Santana na Bahia e a de Itabaiana em Sergipe, por exemplo, surgiram também a partir da feira, mais precisamente com a feira de gado, que tinham nessas cidades pontos de parada ao deslocarem o gado de uma cidade a outra,

Feira de Santana, situada em uma zona de transição entre a área úmida e a semi-árida, desenvolveu-se em torno de uma feira de gado, tornando-se rapidamente um dos principais núcleos urbanos do Estado. Graças a posição geográfica favorável e a um certo dinamismo de suas lideranças econômicas, desenvolveu, ao lado da atividade comercial, a implantação de estruturas de serviços, posteriormente, a instalação de indústrias de beneficiamento e produtos primários oriundos de sua área de influência (ANDRADE, 1979, p. 86).

As fábricas de açúcar também foram responsáveis pelo povoamento de certas cidades, de tal forma que ao analisar o povoamento de Alagoas tem-se nos relatos históricos a afirmativa de que os engenhos foram de grande destaque no que se trata do povoamento destas terras. Segundo Duarte (1974),

Desde cedo, os engenhos começaram a pontilhar o território alagoano, o antigo “Sul” da Capitania de Pernambuco, o que tem levado os historiadores à afirmativa certa de que o povoamento alagoano se fizera à sombra dessas fábricas de açúcar e, também, das fazendas de gado no S. Francisco, que deram lugar a tantos núcleos populacionais (DUARTE, 1974, p. 25).

Nota-se, que as feiras de certa forma são assim responsáveis pelo surgimento de algumas povoações, atrelada a elas está a criação do gado, que torna-se importante para a economia e desenvolvimento de suas cidades. Neste sentido, Almeida (1984, p. 216) mostra que “a criação de gado no agreste e no sertão pôs em movimento esse interior e atraiu a especulação de comerciantes capazes de gerar o desenvolvimento precoce dos seus centros urbanos e algumas de suas aldeias”.

Observa-se que o gado foi elemento fundamental para a criação de um determinado comércio e o surgimento de cidades e suas feiras, principalmente no Agreste e Sertão nordestino. As feiras como têm-se hoje é reflexo direto ou indireto das pequenas vilas que surgiam nos caminhos abertos pelo gado e que

tinham condições propícias para fixá-las e mantê-las, de modo a se expandir e ganhar cada vez mais espaço, impulsionando as povoações que iam surgindo. Segundo Dantas (2007),

À medida que a pecuária foi responsável pela fixação da população nas áreas do Agreste e do Sertão nordestino, criou as condições para o abastecimento dos primeiros núcleos de povoamento e, conseqüentemente, para o estabelecimento das relações comerciais, inicialmente, voltadas para a comercialização do gado e, posteriormente, para a evolução para as atuais feiras (DANTAS, 2007, p. 74).

Com o passar dos tempos, além do comércio de gado foram surgindo comerciantes que colocavam sua produção para serem comercializadas, em seguida começa a atrair várias pessoas que prestavam serviços diversos, refletindo no crescimento das cidades. Juntamente com esse crescimento, os transportes foram evoluindo e o comércio criando seu espaço e se fixando nas cidades, tendo como consequência um aumento em relação às trocas e, conseqüentemente, as feiras num primeiro momento passaram a ter maior destaque para o comércio local e posteriormente, atingindo um raio de abrangência maior. Foram aos poucos atraindo comerciantes de diversas partes para certas cidades e estas foram construindo um comércio que ia se fortalecendo à medida que aumentavam as trocas e as formas de comercialização, bem como aumentando o contingente populacional.

As feiras foram ganhando proporções não somente graças à sua localização, como também as melhorias que surgiam mediante as necessidades das cidades, já que estas começavam a se expandir. Logo, a evolução dos transportes e sua melhoria, bem como abertura de várias estradas ligando o litoral ao interior dos estados passando pelo Agreste, foram fundamentais no processo de integrar e interiorizar suas economias, fazendo com que o comércio e a cidade tornassem mais dinâmicos.



**Fotos 8 e 9:** Duplicação da AL-220 em Arapiraca/AL.



**Fonte:** Paul Clívilan S. Firmino/arquivo particular do autor. Julho de 2013.

Isto posto, vê-se que os transportes têm uma função ímpar na realização das feiras, desde os mais simples e rústicos, como a “carroça de burro” até os mais modernos, seja o caminhão, o ônibus ou mesmo as motos, estas, tendo um papel de destaque nas cidades de Itabaiana/SE e Arapiraca/AL com o papel desempenhado pelo moto-táxi.

**Fotos 10 e 11:** Caminhão e Carroça de Burro na Feira; Ponto de Moto-taxi no Centro de Itabaiana/SE.



**Fonte:** Paul Clívilan S. Firmino/arquivo particular do autor. Dezembro e Fevereiro de 2013 respectivamente.

**Foto 12:** Ponto de Moto-taxi no Centro de Arapiraca/AL.



**Fonte:** Paul Clívilan S. Firmino/arquivo particular do autor. Julho de 2013.

Portanto, a feira como “herança” da feira de gado, é de certa forma o último estágio de um determinado processo produtivo. Há que considerar também a produção e a distribuição em qualquer forma de comercialização, mesmo nas mais modernas. Porém, não havendo uma transformação geral, a feira ainda continua tendo um papel de destaque na economia e na dinâmica das cidades onde são realizadas. As feiras inseridas nos novos processos econômicos reagem e se adaptam as mudanças que vem ocorrendo, coexistindo com formas comerciais as mais modernas.

### ***1.2.2. Feira Livre e Agreste: um “casamento” que deu certo***

Estudar a importância da feira livre nas cidades nordestinas, com destaque para as do Agreste, remete a entender os mais variados aspectos presentes nas mesmas, desde sua gênese e evolução, até sua organização e funcionamento dentro do sistema econômico. Para tanto, é preciso trazer à tona as contribuições que serviram de base para a formação das feiras atuais, levando em consideração que estas surgiram há muito tempo.

Indo nessa linha de pensamento, Andrade (1974, p. 135) mostra que “têm as feiras, sobretudo no Agreste e no Sertão, onde domina uma atividade policultora, grande influência na economia local”, muitas ainda extrapolam as fronteiras municipais, ganhando importância inter-regional. Como por exemplo

Itabaiana/SE, onde converge para ela produção de várias áreas e dela são destinadas para outras áreas de grande concentração, como para Arapiraca/AL (fotos 13 e 14).

**Fotos 13 e 14:** Produção de Cebola e Repolho Chegando no Mercado Público de Itabaiana/SE.



**Fonte:** Paul Clívilan S. Firmino/arquivo particular do autor. Fevereiro e Dezembro de 2013 respectivamente.

Assim, mesmo passado séculos elas ainda vêm sobrevivendo dividindo espaço com outros grandes mercados espalhados no território brasileiro. Braudel (1998) aponta que,

Se este mercado elementar, igual a si próprio, se mantém através dos séculos é certamente porque, em sua simplicidade robusta, é imbatível, dado o frescor dos gêneros perecíveis que fornece, trazidos diretamente das hortas e dos campos das cercanias (BRAUDEL, 1998, p. 15).

A região Nordeste com sua heterogeneidade, possui na feira livre um espaço muito rico no que se refere a comercialização e consumo dos mais variados tipos de produtos, tendo num primeiro momento o artesanato como um elemento de destaque, para posteriormente adentra outros tipos de produtos e integrar esse processo de comercialização (fotos 15, 16, 17 e 18), mostrando a importância delas na sua economia, assumindo papel de destaque no comércio, promovendo circulação dos mais variados produtos. Para Pazera Jr. (2003, p. 27), “no Nordeste, no entanto, ela deixa de ser um fato rotineiro para assumir um papel de destaque sendo, às vezes, difícil distinguir até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira”.



**Fotos 15 e 16:** Comercialização de Aparelhos Eletrônicos e Artesanato na Feira Livre de Arapiraca/AL.



**Fonte:** Paul Clívilan S. Firmino/arquivo particular do autor. Janeiro de 2013.

**Fotos 17 e 18:** Comercialização de Artesanatos e Feira dos Calçados na Feira Livre de Itabaiana/SE.



**Fonte:** Paul Clívilan S. Firmino/arquivo particular do autor. Fevereiro de 2013.

Diante disso, a feira como uma forma de comércio presente em quase todas as cidades nordestinas, umas de forma mais intensa do que outras, transforma toda a cidade no dia em que esta é realizada, modificando a dinâmica da mesma através de diversas atividades, sejam elas sociais, culturais ou econômicas. Compartilhando da visão de Mott *apud* Dantas (2007) a feira,

É vista primordialmente como um lugar ou sítio geográfico – na praça de mercado – com atribuições sociais, econômicas, culturais, políticas onde certo número de compradores e vendedores se reúnem com a finalidade de trocar ou vender e comprar bens e mercadorias (DANTAS, 2007, p. 26).

Em suas extensões, as feiras passaram a assumir uma importância cada vez mais expressiva como atividade econômica nas cidades localizadas nos agrestes dos estados da região Nordeste. Fazer estudos mais detalhados sobre

as diversas feiras livres espalhadas pelas cidades nordestinas na atualidade, é ao mesmo tempo, saber o grau de importância destas, bem como, o raio atingido pelas feiras dentro e fora dos seus estados. Neste sentido, cabe diferenciar as feiras realizadas cotidianamente na sub-região agrestina, com as realizadas por exemplo na zona da Mata ou no Sertão.

Pode-se dizer que no Nordeste existe dois tipos de feiras de acordo com a zona onde estão localizadas. Pazera Jr. (2003) ao fazer um estudo sobre a Feira de Itabaiana/PB, faz uma distinção entre as “Feiras de Zona de Transição” das “Feiras de Zonas Típicas”. Cada uma dessas feiras possui particularidades que a diferenciam das demais, diversidade esta que é encontrada nas feiras espalhadas pelo Nordeste brasileiro.

As feiras de zona de transição, são aquelas encontradas numa faixa de transição – zona da Mata-Sertão; Brejo-Agreste. Andrade (1974) também caracteriza essas feiras como sendo as mais diversificadas e as mais importantes dentre as sub-regiões no Nordeste. As feiras desta zona se destacam por apresentarem uma gama variada de produtos, ao tempo em que “há o domínio da pequena e média propriedade, o que propicia condições para que um número maior de agricultores participem da feira” (PAZERA JR., 2003, p. 27). Já no que se refere as feiras de zonas típicas – aquelas presentes em áreas bem definidas, como a zona da Mata – é possível encontrar feiras de tamanho e área de abrangência menores e com menos grandiosidade.

Isso mostra que em Campina Grande – PB, “a Feira Central ou Feira Grande como popularmente é conhecida, em Campina Grande configura-se como uma das permanências, mesmo que não possua a mesma representatividade de tempos anteriores” (CARDOSO, 2010, p. 11). Caruaru – PE e Feira de Santana – BA, são cidades que também são bastantes dinâmicas e que têm atrelada a essa dinamicidade o papel desempenhado pelas grandes feiras realizadas por entre suas ruas.

Juntam-se a essas cidades outras que também são de suma importância na economia de seus estados, Arapiraca – AL, Itabaiana – SE, Macaíba – RN, Itabaiana/PB, entre outras, que teve de forma direta ou indireta sua gênese na feira livre, originária da atividade pecuária e posteriormente do processo de comercialização de bens e demais produtos surgidos dessa atividade.

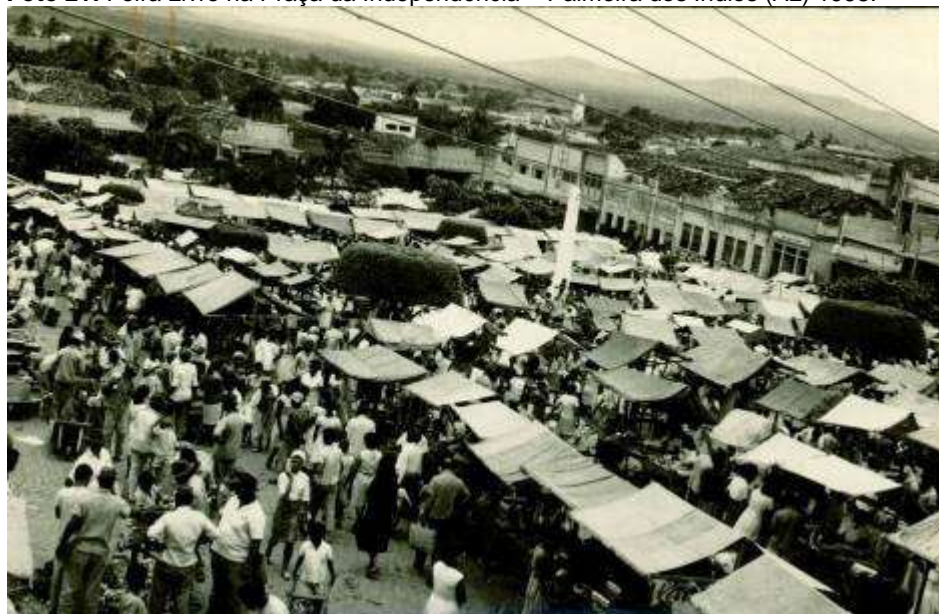
A cidade de Arapiraca/AL, que teve também seu desenvolvimento voltado para a cultura fumageira – que refletia na sua feira livre – é um exemplo típico de cidade localizada nessa zona de transição. Certamente, foi através da cultura fumageira nas proximidades da cidade e, conseqüentemente, da sua feira livre – esta, contribuiu e muito como fator econômico no seu desenvolvimento – que Arapiraca viu aumentar sua área de influência e, portanto, tendo um maior crescimento, que juntamente com a diversificação que atingia seu comércio e a atração de certos serviços para o seu centro urbano, colocou-a numa posição de destaque, ultrapassando cidades que eram mais importantes no Agreste como por exemplo a cidade de Palmeira dos Índios/AL (fotos 19, 20 e 21).

**Fotos 19 e 20:** Comercialização de Fumo na Feira Livre de Arapiraca/AL e Plantação de Fumo s/d.



**Fonte:** Paul Clívilan S. Firmino/arquivo particular do autor – Janeiro de 2013 e <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.htm> - Acessado em Novembro de 2013, respectivamente.

**Foto 21:** Feira Livre na Praça da Independência – Palmeira dos Índios (AL) 1968.



**Fonte:** <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.htm> - Acessado em Novembro de 2013.



A cidade de Itabaiana/SE, inserida também nesse contexto, tem na feira livre a gênese do seu desenvolvimento econômico. A feira dessa cidade alcança proporções enormes e uma vida intensa durante o dia todo – desde a montagem das bancas e distribuição dos produtos durante a madrugada até o fim do dia com o desmontar da feira e limpeza das ruas –, ocupando grande parte da área central da cidade. Logo, percebe-se que elas “reconstituem-se nos locais habituais de nossas cidades, com suas desordens, sua afluência, seus pregões, seus odores violentos e o frescor de seus gêneros” (BRAUDEL, 1998, p. 14).

É importante frisar que a feira tomou proporções de modo a movimentar todos os setores de suas cidades. O movimento começa na madrugada, onde já se observar a prestação de serviços que são atraídos pelo movimento frenético da feira. Os serviços de alimentação, é sem dúvida uma das mais importantes atividades para aqueles que vão a feira, pois, tem aí não só o café da manhã e almoço, como também um “tira gosto” e uma dose de cachaça para deixar o feirante mais esperto e animar o comprador. Outros serviços menores também são oferecidos nas feiras e nas suas proximidades: o barbeiro e cabelereiro; consertos de relógios, painéis de pressão, fogões, rádios e TVs; e hoje em dia tem-se a presença muito forte das operadoras de telefone e cartões de créditos (fotos 22 e 23).

**Fotos 22 e 23:** Serviço de Alimentação – Itabaiana/SE e Serviço de “carrego” das compras – Arapiraca/AL.



**Fonte:** Paul Clívilan S. Firmino/arquivo particular do autor – Fevereiro de 2013 e Janeiro de 2014 respectivamente.

Portanto, as feiras livres tidas como manifestações da atividade comercial, atraem pessoas tanto da zona urbana e rural como de cidades vizinhas, sejam para comprar, vender ou utilizar de algum tipo de serviço prestado na feira ou



mesmo na cidade onde ela se realiza. Logo, aquele que amanhece e passa o dia todo de feira, utiliza-se do restaurante, do cabelereiro, do barbeiro, do banco, entre outros.

Nota-se que na maioria dos países subdesenvolvidos as feiras tiveram e ainda têm grande importância, visto que manifestam-se como atividade comercial – um espetáculo cotidiano – refletindo nos atuais serviços urbanos, mobilizando e impulsionando a dinâmica da economia, do comércio e do crescimento das cidades agrestinas, influenciando outras cidades circunvizinhas. Assim, convergindo para elas produtos dos mais variados, visitantes, vendedores, compradores de diversos bairros e cidades circunvizinhas (não importando a condição financeira) e artistas populares, tornando um espaço vivido por todos, é o mão na mão, olho no olho, é o negócio feito instantaneamente.

As cidades nordestinas, principalmente da sub-região do Agreste, têm além da feira livre, uma importante função do ponto de vista comercial, industrial (mesmo que ainda de forma tímida) e prestação de serviço. No que se refere aos serviços, Rochefort (1964, p. 122) destaca que “o estudo da distribuição de cada serviço contribui para a compreensão das atividades produtivas e da organização da vida regional. Constitui, pois, um aspecto indispensável e quase uma conclusão de todo estudo regional”.

Neste sentido, certas cidades vão ter maior centralidade, onde os consumidores são atraídos não somente pela feira, como também pelos vários serviços e bens oferecidos. No entanto, é no dia da feira que a cidade terá uma maior movimentação. Então, percebe-se que o papel desempenhado por ela vai além do simples ato de comprar e vender, existe entre a feira e o comércio ao seu redor uma relação de complementariedade, onde a dinâmica econômica das cidades localizadas em certas zonas, como na sub-região do Agreste e do Sertão, é influenciada pelo papel exercido pelas feiras.

Trilhando por este caminho, percebe-se que a região Nordeste, tem nas feiras livres um componente fundamental que é responsável de forma direta ou indiretamente pela centralidade de algumas cidades. Autores como Corrêa (1997) chama atenção para o estudo das localidades centrais a partir das feiras livres. A realização dessas feiras, na maioria das vezes de oito em oito dias, possibilita o comerciante a deslocar-se de cidade em cidade com suas mercadorias, tendo aí uma maior mobilidade. Em cada cidade dessas vai ser possível encontrar uma

maior ou menor centralidade, quanto maior a centralidade, maior rendimento e o resultado esperado pelo comerciante, que busca comercializar seus produtos da melhor forma, beneficiando o vendedor e o comprador. Nesta perspectiva,

Um dos elementos que conferem grande importância para as feiras nordestinas é que em qualquer núcleo – seja urbano ou rural – em que se realize, elas exercem uma centralidade, mesmo que periódica, ou seja, em função dos tipos de atividades que se desenvolvem no espaço da feira, ela atrai para si uma população para consumir e vender, bem como para desenvolver atividades voltadas para a prestação de serviços (DANTAS, 2007, p. 33).

Na cidade de Itabaiana – SE, a feira livre é realizada todas às quartas-feiras e todos os sábados, tendo na feira de sábado seu maior movimento, atingindo todo o esplendor de uma típica feira livre do Agreste nordestino. Encontra-se todo tipo de produto, do mais moderno ao mais tradicional, da zona rural e urbana das próprias cidades, como de outras cidades e estados, espalhados por várias ruas do centro, expostos nas centenas de barracas, nas carroças de mão, num caixote de madeira ou mesmo colocados sobre lonas e plásticos no chão (fotos 24 e 25).

**Fotos 24 e 25:** Produtos Expostos: Caixas, Balaios, Caixotes de Madeiras e Carroça de Mão – Itabaiana/SE.



**Fonte:** Paul Clívilan S. Firmino/arquivo particular do autor – Fevereiro de 2013.

A abundância de mercadorias comercializadas nas feiras é impressionante, convergem, principalmente para as cidades agrestinas, um número de mercadorias muito maior do que nas cidades da Mata e Sertão. É o queijo e a manteiga produzida no Sertão, os ovos e a galinha de capoeira criada solta no quintal do sertanejo, as frutas típicas, as verduras e hortaliças cultivadas na própria região, o artesanato e tantos outros produtos típicos, além é claro dos

produtos industrializados e outros que não eram encontrados nas feiras livres (26, 27, 28 e 29).

**Fotos 26 e 27:** Comercialização de Galinha de Capoeira, Produtos Derivados do Leite e Carne do Sol – Arapiraca/AL.



**Fonte:** Paul Clívilan S. Firmino/arquivo particular do autor – Janeiro de 2013.

**Fotos 28 e 29:** Artesanato Local, Frutas e Verduras Comercializadas na Feira Livre de Itabaiana/SE



**Fonte:** Paul Clívilan S. Firmino/arquivo particular do autor – Fevereiro de 2013.

No que se refere a cidade de Caruaru, Cardoso (1967, p. 113) mostra que, “fenômeno sócio-econômico de importância capital na vida nordestina, a feira atinge o seu clímax naquele centro, primeiro colocado na hierarquia urbana do



agreste pernambucano”. Em relação a feira de Caruaru Cardoso (1967) aponta que,

Sendo Caruaru um centro regional do Agreste, canaliza para a sua feira as atenções e o interesse de ampla área circunvizinha. Aos brejos, sem dúvida, cabe o papel mais importante. Dêles chegam os produtos destinados não só ao abastecimento da cidade de Caruaru, como também de outras localidades próximas que ali se abastecem (CARDOSO, 1967, p. 113).

Neste contexto, as feiras realizadas normalmente em dias e localidades fixos, torna-se um espetáculo a céu aberto, ocupando um espaço determinado, onde se encontra uma heterogeneidade de pessoas. Aí, pratica-se estratégias de comercialização únicas, que não é possível encontrar numa grande rede de supermercado por exemplo. Na feira livre o negócio é feito na hora, o preço pré-estabelecido pode ser mudado mediante a “pechincha<sup>7</sup>” entre feirante e freguês; a forma de pagamento muitas vezes pode ser parcelada ou a crédito<sup>8</sup>, ou seja, a confiança que o feirante tem para com o cliente, sendo este uma pessoa conhecida a bastante tempo; pode-se dizer que não existe competitividade entre os feirantes e sim uma competição, onde um ajuda o outro da melhor forma possível.

À medida que as feiras crescem, a tendência é crescerem também as cidades e, conseqüentemente, atrair novos investimentos além da feira. O aumento cada vez mais acelerado das trocas e do processo de comercialização, fazem surgir mercados muitas vezes especializados, lojas etc., fazendo movimentar toda uma vida de relações. Esse aumento em conjunto entre feira, mercado e loja, de forma direta ou indireta obriga as autoridades competentes a tomarem decisões que na maioria das vezes vão afetar os feirantes, beneficiando outros atores nesse processo.

No caso de Arapiraca/AL, a tradicional feira livre ocupava cerca de 25 ruas no centro da cidade todas às segundas-feiras no dia de sua realização, com tendência a se expandir, porém, vendo essa expansão e outros transtornos que a feira estava causando no centro, as autoridades competentes decidiram no ano

---

<sup>7</sup> A pechincha, quer dizer, a discussão que se estabelece entre o comprador e o vendedor sobre o preço de uma mercadoria, é um dos aspectos mais característicos da formação dos preços no circuito inferior [...] a pechincha só é possível no plano de uma atividade econômica de pequena escala. (SANTOS, [1979] 2008, p. 250).

<sup>8</sup> “O crédito aqui é de outra natureza, com uma larga porcentagem de crédito pessoal direto, indispensável para o trabalho das pessoas sem possibilidades de acumular” (SANTOS, [1979] 2008, p. 44).

de 2004 fazer o seu deslocamento, havendo uma diminuição no seu tamanho e na sua área de abrangência. Em relação a Itabaiana/SE, “em 1938, a feira passou a ser realizada definitivamente no Largo Santo Antônio” (CARVALHO; COSTA, 2012, p. 20), pois devido a questões políticas ela era realizada ora na praça Fausto Cardoso ora no Largo Santo Antônio, não tendo assim um lugar definitivo.

Sendo assim, comparando-se com o que apresenta Braudel (1998, p. 22), pode-se perceber que,

Incapazes de caber nos antigos espaços que lhes eram reservados, transbordam para as ruas vizinhas, que se tornam cada uma delas uma espécie de mercado especializado: peixe, legumes, criação, etc. [...]. As autoridades constroem então, para desimpedir as ruas, grandes edifícios ao redor de amplos pátios. São, portanto, mercados confinados, mas a céu aberto, alguns especializados, principalmente de atacado, outros mais diversificados (BRAUDEL, 1998, p. 22).

Nos dias atuais, com toda mudança e evolução técnica, científica e informacional, nesse período<sup>9</sup> denominado por Santos ([1996] 2008) de meio técnico-científico e informacional, ainda observa-se a presença do “tradicional”, seja na compra ou troca feita diretamente, ou mesmo como ponto de encontro. Este evento ainda encontra-se a todo vapor<sup>10</sup>, mesmo com todo o processo do atual período, no qual tem-se um aumento significativo pelos melhores pedaços do território com uma competitividade bastante voraz, que é característica predominante da chamada globalização, que “acaba por destroçar as antigas solidariedades, frequentemente horizontais, e por impor uma solidariedade vertical” (SANTOS, 2008). O geógrafo Milton Santos neste mesmo livro, diferencia de forma bastante clara os termos verticalidades (podem ser definidas, num território, como um conjunto de pontos formando um espaço de fluxos) e horizontalidades (são zonas de contiguidades que formam extensões contínuas. Espaço banal em oposição ao espaço econômico), ficando evidente que,

Os tempos locais e regionais são cada vez mais substituídos pelos tempos nacionais ou globais, já que mesmo as famílias e os indivíduos passam a contrair dívidas, comprar produtos financeiros, o que alteram o ritmo de reprodução cotidiana de suas vidas. As ações individuais e coletivas, portanto, perdem cada vez

---

<sup>9</sup> O período presente diferencia-se dos anteriores devido à forte interação entre a ciência, a técnica e a informação, produzindo um mundo cada vez mais artificial (SANTOS, [1996] 2008).

<sup>10</sup> “Com efeito, se a vida econômica se acelera, à feira, relógio velho, não acompanha a nova aceleração; mas, se essa vida se desacelera, à feira recupera sua razão de ser” (BRAUDEL 1998, p.76).

mais seu caráter orgânico com os lugares nos quais efetivamente se dão (CONTEL, 2009, p. 131).

Diante dessa realidade, o papel desempenhado por elas dentro do circuito inferior da economia urbana (proposto por Milton Santos, [1979] 2008) é de grande importância como atividade econômica<sup>11</sup> para as suas cidades, visto que não se exige alta qualificação do trabalhador, não é um trabalho permanente, encontra-se trabalho de forma ágil. Portanto, trazer à tona as especificidades de cada feira de acordo com sua localização, torna-se fundamento relevante na dinâmica de cada região e no entendimento das atividades comerciais que as envolvem.

Neste caminhar, é importante estar ciente da realidade econômica de cada um dos estados nordestinos, para entender e mensurar o grau de importância das feiras livres na economia das cidades de cada sub-região. Em se tratando da cidade de Arapiraca, principal cidade agrestina do estado de Alagoas, é preciso fazer uma análise mediante a realidade da economia alagoana. Segundo Carvalho (2010, p. 11), “a economia do estado possui um reduzido parque industrial, uma agricultura com alguns setores dinâmicos e uma rede de comércio e serviços baseada na economia informal, pouco desenvolvida, e, por isso, incapaz de gerar mais empregos”.

Percebe-se, que a economia alagoana ainda hoje sofre com a presença de uma forte concentração da renda, diferença salarial, descaso por parte do setor público etc., ao tempo em que a população vive o “sonho do consumo” graças as facilidades de acesso aos novos objetos técnicos, e, conseqüentemente, dos novos serviços, com especial destaque para os serviços financeiros. Diante dessa realidade, é possível ter um dinamismo econômico muito relacionado com o de sua população. No que se refere a esse dinamismo, a mão de obra é o fator principal e se dá de forma bastante diversificada, envolvendo homens, mulheres, idosos e crianças, tanto no processo de produção como no de comercialização, seja nas feiras livres ou em outros trabalhos que fazem parte do circuito inferior da economia urbana.

Essa diversificação leva a refletir nas análises feitas por Rangel (1990, p. 103), para quem “todo esforço para obter capital se traduz, afinal, em absorção de

---

<sup>11</sup> “Toda atividade econômica (seja um produto material ou um serviço) precisa ser financiada em todos os estágios de sua produção” (DICKEN, 2010, p. 408).

mão-de-obra, porque é pela aplicação do fator trabalho que se cria o fator capital”. Portanto, se exige cada vez mais um aumento da produção e do capital, resultando na substituição de mão de obra humana (os feirantes por exemplo), por uma mão de obra mecanizada e mais organizada (cita-se os supermercados e as indústrias)<sup>12</sup>. De acordo com Santos e Silveira (2010)

Os supermercados são, hoje, elos fundamentais nas cadeias de distribuição e produção, pois participam das diversas instâncias, criando marcas, agindo como oligopsônios em algumas produções, modificando os calendários de pagamentos e comandando assim uma importante parcela do comércio varejista (SANTOS; SILVEIRA, 2010, p. 150).

A feira livre, mesmo sendo tradicionalmente importante para suas cidades e regiões, com o passar dos tempos sofre transformações em sua dinâmica, que é reflexo das imposições daqueles que comandam o espaço da comercialização. Porém, não ocorre de forma brusca, pois, há entre os diversos atores que dela participam, uma adaptação as tais imposições, permanecendo de forma mais geral o essencial da feira: a dinamicidade de suas cidades e regiões, as relações existentes entre as pessoas que a fazem, bem como as relações entre o meio urbano e o rural.

Deste modo, a feira compete cada dia mais com um “rival” que aproveita de suas características, apoderando-se delas para usa-las de acordo com os interesses capitalistas. Assim, produtos encontrados nas feiras são também disponíveis nas grandes redes de supermercados e atacados, que integram o circuito superior da economia urbana. No entanto, a feira apresenta uma variedade e frescor dos mesmos produtos, bem como uma forma única de negociar com seus clientes, que não é possível de encontrar no referido circuito. Daí a feira reagir as mudanças e imposições que são impostas, visto que elas estão enraizadas na cultura e na economia do povo nordestino, de tal forma que “é um fenômeno tão importante na vida econômica e social do Nordeste que, dificilmente, um estudo regional deixa de mencioná-la ou de fazer algum inquérito na feira” (PAZERA JR., 2003, p. 18).

As mudanças que vem ocorrendo nas atividades comerciais nas últimas décadas, fazem com que haja uma adaptação dessa forma tradicional de

---

<sup>12</sup> Ainda de acordo com os mesmo autores outras modalidades de distribuição são às feiras livres, as feiras confinadas, os mercados, os sacolões, os varejões e os comboios.



comercialização com os novos e cada vez mais modernos sistemas de compra e venda, podendo citar os supermercados, shopping center, hipermercados, atacados, entre outros, que se instalam no território com uma competitividade sem tamanho, impondo de forma bastante perversa suas normas e regras. Neste sentido, Dantas (2007, p. 23) aponta que o “estudo do comércio e, conseqüentemente de suas formas, nos possibilita enxergar as verdadeiras mudanças da sociedade, a evolução dos valores e as modificações na estrutura urbana”.

Entender o movimento das feiras, desde a circulação de produtos, pessoas, mercadorias e transportes, torna-se fundamento importante no entendimento do território, sendo este “o fundamento do trabalho, o lugar da resistência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 1999, p. 8).

Por entre as ruas onde acontecem as feiras, está presente um fervilhado de pessoas diversas, cada uma com características próprias, construindo seu próprio “mundo”, vivendo cada pedaço da feira de forma intensa, debruçando-se no dizer de Braudel, “a feira é o ruído, o alarido, a música, a alegria popular, o mundo de pernas para o ar, a desordem, por vezes o tumulto” (1998, p. 67).

Assim, as feiras chegam a dividir seus espaços com um número cada vez maior de grandes empresas, firmas e instituições, cada uma com seus próprios objetivos. Compartilhando da ideia de Santos ([1996] 2008, p. 283), poderia dizer que se torna um lugar vivido por todos, chamando-o de “espaço banal, espaço de todas as pessoas, de todas as empresas e de todas as instituições, capaz de ser descrito como um sistema de objetos animado por um sistema de ações”, torna-se, portanto, fundamento relevante na dinâmica de cada região e no entendimento das atividades comerciais que as envolvem.

A feira nos dias de hoje, também tem a função de empregar um número muito grande de pessoas que não tem outra opção, encontrando nela uma forma de sobrevivência. Porém, muitos encontram nela um espaço para mostrar certas habilidades direcionadas ao comércio e assim tirar o máximo de proveito e conhecimento para se estabelecerem como pequeno comerciante e, posteriormente se destacar como um grande comerciante local, como é o caso de muitos exemplos espalhados pelo Nordeste brasileiro.

Por fim, cabe lembrar que o conhecimento das feiras que impulsionaram o crescimento de determinadas cidades tornando-as centros regionais, é de grande relevância, para que se possa analisar as mudanças, evoluções, transformações e a própria economia das cidades de Arapiraca e Itabaiana, bem como de outras do Agreste do Nordeste brasileiro.

#### **4. ESBOÇO PARA O TÓPICO 2.2. DO CAPÍTULO 2 – ARAPIRACA/AL E ITABAIANA/SE: A PROPÓSITO DA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE DOIS CENTROS REGIONAIS DO AGRESTE NORDESTINO**

O estado sergipano, o menor do Brasil, possui uma população de 2.195.662 habitantes (estimativa 2013 segundo IBGE) distribuídos numa área de 21.915,116 quilômetros quadrados e uma densidade demográfica de 94,36 hab/km². O mesmo faz divisa com Alagoas ao Norte, Bahia ao Sul e ao Oeste, fazendo divisa ao Leste com o Oceano Atlântico. Segundo Diniz e França (1991) o estado situa-se

Na fachada atlântica do Nordeste meridional, Sergipe apresenta características que o diferenciam dos demais Estados nordestinos. A existência de uma rede urbana primaz, a exiguidade do território e sua forma facilitam uma melhor administração do espaço, fato aliado por uma pequena população e baixa incidência de secas (DINIZ, 1991, p. 02).

Nos anos de 1950 Sergipe apresentava-se dividido em cinco zonas fisiográficas: Litoral, Central, Baixo São Francisco, Sertão do São Francisco e Oeste. A Zona Fisiográfica do Oeste, hoje microrregião de Itabaiana, correspondia a uma área de 8.958 km quadrado e abrangia 11 municípios: Campo de Brito, Frei Paulo, Itabaiana, Itabaianinha, Lagarto, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora das Dores, Riachão do Dantas, Ribeirópolis, Simão Dias e Tobias Barreto. Dentro desta zona destacava-se o município de Itabaiana, que já sobressaía em relação aos demais, apresentava uma diversificação bastante grande no que se referia a lavoura e também já exportava para diversas cidades e para estados vizinhos.

Não menos importante estavam as Zonas Fisiográficas do Litoral com 15 municípios, Central com 9 municípios, Baixo São Francisco com 3 municípios e o Sertão do São Francisco com 4 municípios. Em cada uma dessas zonas uma cidade ganhava destaque por sua importância e influência sobre as outras. Na Zona do Litoral, Aracaju<sup>13</sup> – hoje pertencente a microrregião de Aracaju e que por sua vez pertence a mesorregião do Leste Sergipano – ganhava destaque por ser um centro comercial e que dava vida a outras áreas econômicas, apesar de possuir diversas fábricas de tecidos.

---

<sup>13</sup> Segundo Corrêa (1965, p. 47), “a própria origem da cidade liga-se à necessidade de ter-se um porto marítimo para escoar a produção regional, como ocorreu com Recife e Maceió. Outra característica de Aracaju que é repetida em outras cidades nordestinas se relaciona ao fato de um porto usurpar a posição de uma antiga cidade outrora mais importante, fato ocorrido entre Recife e Olinda e entre Maceió e Marechal Deodoro”.

A capital sergipana teve um passado sem grandes destaques se comparada com outras capitais nordestinas, ao tempo em que também não teve grande projeção regional. Corrêa (1965) aponta que,

A particularidade de Aracaju é, no entanto, o seu tardio desenvolvimento como porto e cidade. Estando localizada numa região que não foi muito favorecida pela economia açucareira do período colonial, a cidade só surgiu após a segunda metade do século passado, quando aquela parte do litoral nordestino foi valorizada devido à maior demanda externa de açúcar (CORRÊA, 1965, p. 47).

Em relação a Zona Central, destacava-se o município de Capela, tendo na Zona do Baixo São Francisco e do Sertão do São Francisco sobressaindo respectivamente os municípios de Propriá e Aquidabã.

**Tabela 8:** Divisão em Zonas Fisiográficas do Estado de Sergipe em 1950.

<b>Zonas</b>	<b>Municípios</b>	<b>Área</b>	<b>Municípios</b>	<b>População</b>	<b>Produção</b>
Litoral	15	5.898	Aracaju, Arauá, Buquim, Cotinguiba, Cristinápolis, Estância, Indiaroba, Itaporanga da Ajuda, Japaratuba, Japoatã, Parapitinga, Salgado, St <sup>a</sup> Luzia do Itanhi, St <sup>o</sup> . Amaro das Brotas e S. Cristóvão.	220.787 habitantes	Zona do coco – 93% do valor da safra. 24% da produção agrícola.
Central	9	1.683	Capela, Carmópolis, Divina Pastora, Laranjeiras, Maruim, Muribeca, Riachuelo, Rosário do Catete e Siriri.	77.712 habitantes	Zona da cana – 77% do valor da safra. 21% da produção agrícola
Baixo S. Francisco	3	651	Darcilena (Atual Cedro de São João), Neópolis e Propriá	39.257 habitantes	Zona do arroz – 49% do valor da colheita. 6% da produção agrícola.
Sertão S. Francisco	4	4.837	Aquidabã, Canhola, Gararu e Porto da Folha.	49.810 habitantes	3% da produção agrícola.
Oeste	11	8.958	C. de Brito, Frei Paulo, Itabaiana, Itabaianinha, Lagarto, Nossa Sr <sup>a</sup> . da Glória, Nossa Sr <sup>a</sup> . das Dores, Riachão do Dantas, Ribeirópolis, Simão Dias e Tobias Barreto.	256.795 habitantes	Zona da mandioca – 83% do valor da safra. 46% do valor da produção agrícola
<b>Estado</b>	<b>42</b>	<b>22.027</b>		<b>644.361 habitantes</b>	<b>100% produção agrícola.</b>

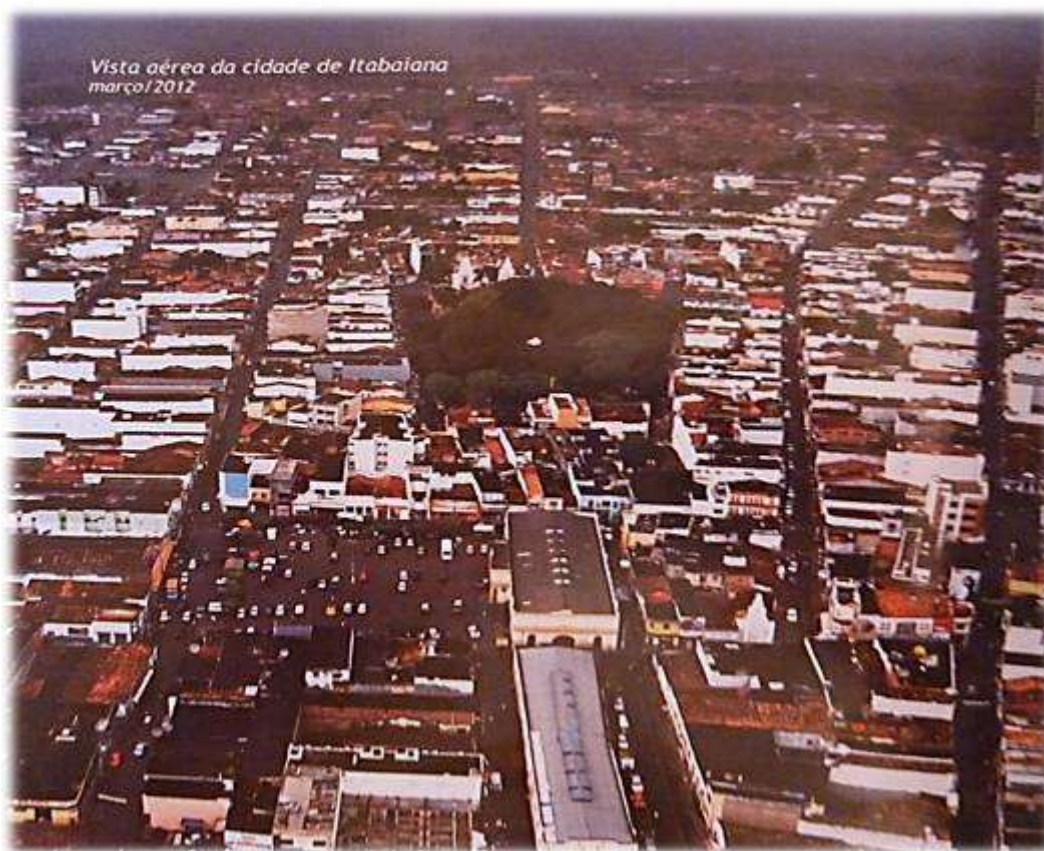
Fonte: SAMPAIO, Marcos Guedes Vaz. *Estudos de Desenvolvimento Regional*: Sergipe. Rio de Janeiro: CAPES, 1959. Org. Paul Clívilan Santos Firmino.

Nos dias atuais o estado de Sergipe apresenta-se dividido em três mesorregiões – Mesorregião do Leste Sergipano, Mesorregião do Agreste

Sergipano e Mesorregião do Sertão Sergipano –, das quais destaca-se a Mesorregião do Agreste Sergipano, composta por dezoito municípios formando as quatro microrregiões: Agreste de Itabaiana, Agreste de Lagarto, Agreste de Nossa Senhora das Dores e a de Tobias Barreto. Dentre as quatro microrregiões destacaremos a do Agreste de Itabaiana que conta com sete municípios – Itabaiana, Areia Branca, Campo do Brito, São Domingos, Malhador, Moita Bonita e Mancambira – dando ênfase ao município de Itabaiana.

O município de Itabaiana<sup>14</sup> (foto 30) localizado na microrregião do agreste sergipano (mapa 3) possui uma área de unidade territorial de 336,693 km<sup>2</sup> e uma população estimada no ano de 2013 de 91.873 habitantes, distando cerca de 56 km da capital Aracaju através da BR-235 de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Itabaiana limita-se com vários outros municípios: Ribeirópolis, Campo de Brito, Itaporanga d'Ajuda, Frei Paulo, Macambira, Areia Branca, Malhador e Moita Bonita.

**Foto 30:** Vista Aérea da Cidade de Itabaiana/SE.

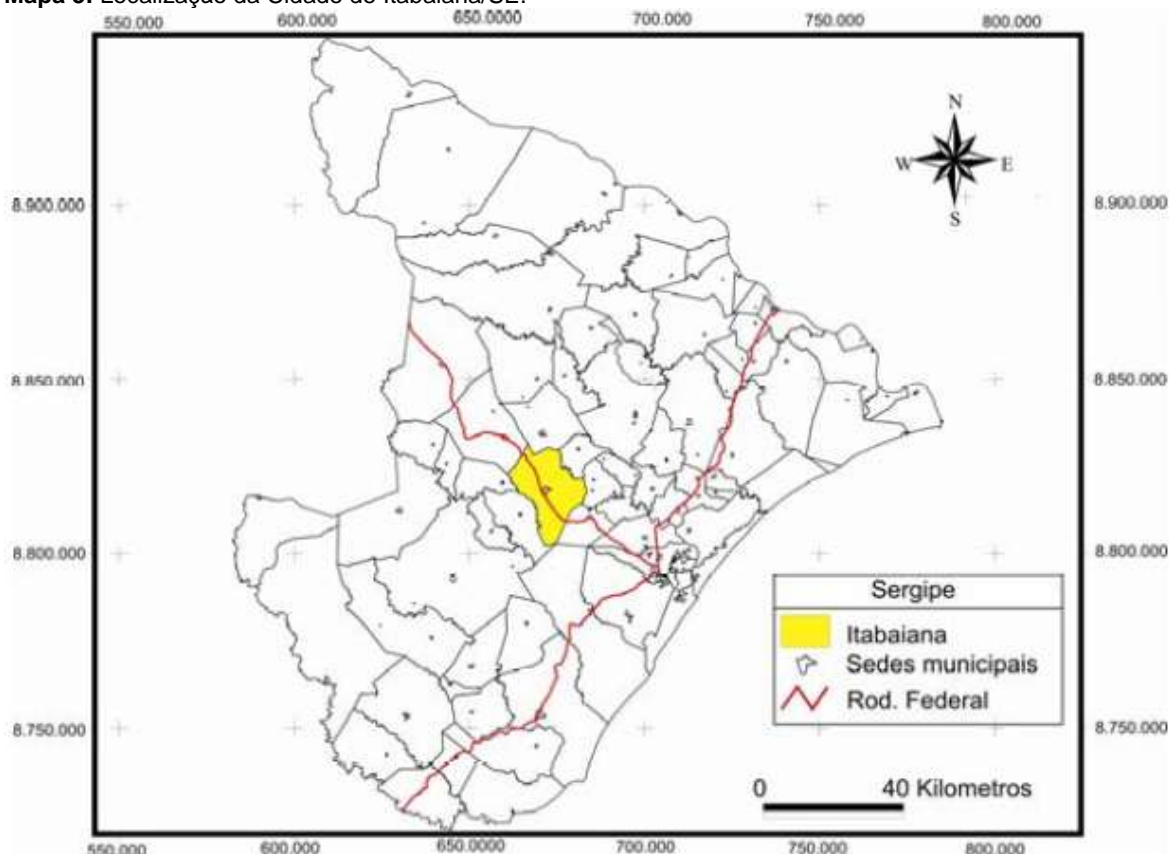


**Fonte:** Guia do Comércio – Perfil. Itabaiana: serviços, comunicação, aspectos culturais, atrativos turísticos e telefones comerciais. 8ª edição, 2012-2013.

<sup>14</sup> "O vocábulo Itabaiana tem origem na expressão indígena It'aba'u'one que quer dizer, "serra morada dos homens de onde vem as águas"" (BISPO, 2013, p. 57).



**Mapa 3:** Localização da Cidade de Itabaiana/SE.



**Fonte:** Carvalho, D. M. de; Costa, J. E. da. A questão da centralidade urbana em Itabaiana/SE: uma abordagem preliminar. Base Cartográfica SEPALNTEC (2004). Org. Diana Mendonça de Carvalho, 2009.

Os relatos históricos a respeito da origem da cidade de Itabaiana datam do século XVI, mais precisamente a partir de 1º de janeiro de 1590, que também referem-se a conquista e nascimento do estado de Sergipe, à época chamado Sergipe d'El-Rei. Sergipe foi então dividido em porções, tendo a parte central destinada a Ayres da Rocha Peixoto, onde está cravada a cidade itabaianense. Daí em diante a área referida foi sendo dividida em várias sesmarias no decorrer dos anos. Então, as sesmarias foram distribuídas entre os colonos para que de fato a conquista das terras sergipanas fosse efetivada.

Das sesmarias distribuídas, a que se refere as terras de Itabaiana teve como proprietário primeiro o já citado Ayres da Rocha Peixoto, que a recebeu em forma de prêmio por ter participado junto com Cristóvão de Barros no momento da conquista efetiva de Sergipe, dando a região o nome de “Caatinga de Ayres da Rocha”, permanecendo até meados do século XVII. Neste mesmo século é elevada à categoria de distrito, para em seguida torna vila (1665). É a partir de

então que começa de fato o povoamento das terras que futuramente levaria o nome de Itabaiana. Assim,

Fruto da colonização é que, no século XVII, surge o primeiro aglomerado humano em Itabaiana, formador do arraial de Santo Antônio, numa região fértil, vizinha aos rios Lomba e Jacarecica, sementes principais do êxito que tiveram os colonos na conquista empreendida para colonizar e povoar as terras de Itabaiana. A região do arraial de Santo Antônio oferecia condições maiores ao colono, haja vista o terreno ser mais propício para a criação do gado e plantio (I Enc. Cult. De Itabaiana, s/d, p. 11).

Adentrando-se no século XVIII e findando-se a colonização, passa Itabaiana a ser denominada de Igreja Velha, ao tempo em que são desbravadas novas terras e, conseqüentemente, o povoamento aumenta ocupando novos territórios, portanto, este século marca o aumento populacional e a consolidação da cidade como vila, para chegar no século XIX a condição de cidade (28 de agosto de 1888).

**Tabela 9:** Relação dos Colonos de Itabaiana – Século XVI a XVIII.

<b>SÉCULO XVI</b>			
Ayres da Rocha Peixoto	1590	Manuel da Fonseca	1600
<b>SÉCULO XVII</b>			
Companhia dos Padre de Jesus	1601	Pero de Novaes Sampaio	1602
Gaspar Pontes	1601	Duarte Muniz Barreto	1602
Francisco da Silveira	1601	Jorge Barreto	1602
João Guergo	1601	Felipe da Costa	1603
Manoel Tomé de Andrade	1601	Melchior Velho	1603
Francisco Borges	1601	Desembargador Cristovão de Burgos, Pedro Garcia Pimentel, Capitão Manuel do Couto Dessa, Jeronimo da Costa Raborda e Antônio Rodrigues	1669
Gonçalo Francisco	1601		
<b>SÉCULO XVIII</b>			
Capitão Francisco de Almeida Cabral	1726	Antônio José da Costa	1778
Capitão Manuel Nunes Coelho	1731	Francisco Curvello de Barros	1779
Capitão Antônio Martins Fontes	1732	Francisco Pereira de Jesus	1793
Antônio Tavares de Meneses	1735	José Maria da Silva	1793
Sargento Mor José Correia de Araújo	1748	Capitão João Barbosa de Madureira	1800
Tenente João Paes de Azevedo	1765		

**FONTE:** I Encontro Cultural de Itabaiana, s/d. Fonte bibliográfica sobre a história de Itabaiana. Org. Paul Clívilan Santos Firmino.

Depois da conquista de Sergipe e a distribuição das sesmarias por toda a região, a criação de gado começa entre os anos de 1599 e 1600. Então, num primeiro momento a vida econômica da cidade de Itabaiana é marcada por este tipo de atividade. Itabaiana era um enorme “curral de gado”, tanto que o primeiro ciclo econômico do estado sergipano foi justamente o Ciclo do Gado, tendo na



cidade de Itabaiana uma área de destaque para criação, destacando-se por “ser uma área circundada por serras, portanto de fácil controle da criação; e estar a meio caminho entre os canaviais pernambucanos e a capital colonial, Salvador” (BISPO, 2013, p. 67). Segundo estudos feitos sobre o interior do Nordeste, o geógrafo Roberto Lobato Corrêa (1965) mostra que,

Em oposição aos centros locais e elementares da região de Itabaiana, esta é sem dúvida, o grande centro de serviços desta parte de Sergipe. Sua posição na porta de entrada do interior mais seco, porém com uma produção diversificada, o fato de estar localizada num eixo de penetração para o interior, tornam-na um lugar de passagem obrigatória. A estes fatores junta-se a antiguidade da cidade de Itabaiana, centro de um município de onde saíram outros que estão na sua órbita de influência (CORRÊA, 1965, p. 58).

A criação de gado foi a primeira atividade comercial da cidade itabaianense, sendo bastante forte neste tipo de criação até 1665, quando é praticamente extinta essa atividade devido a expulsão dos curraleiros<sup>15</sup> (arrendatários), deixando de ser o principal centro. Os referido curraleiros foram os responsáveis pela construção da Igreja Velha entre 1619-1637, que hoje encontra-se somente as ruínas e que por sinal tornou-se marco histórico da cidade,

Estas ruínas representam o que há de mais antigo sobre o primeiro ciclo econômico brasileiro conhecido como Ciclo do Gado. A ermida foi levantada pelos vaqueiros entre 1620 e 1637, e foi registrada em mapa holandês de 1642. Serviu como igreja até mesmo depois de construída a Matriz de Santo Antônio e Almas onde hoje se encontra, 1763. Depois caiu em desuso, hoje só restando as ruínas. Nenhum prédio do início do ciclo do gado sobreviveu, exceto ela (BISPO, 2013, p. 42).

Num segundo momento a busca pela mina de prata (1665-1700) que existia nas serras de Itabaiana e que já era falada em vários lugares; a plantação da cana de açúcar e o cultivo do algodão, marcam uma nova fase na vida econômica da cidade.

No que se refere a prata, esta, de fato tornou-se mais uma lenda e Itabaiana não contribuiu pela busca da mesma. Já em relação a plantação da cana, dá-se intensamente a partir da segunda metade do século XVIII, tendo

---

<sup>15</sup> “O curraleiro era um vaqueiro meeiro, trabalhava sozinho, no máximo com ajuda da família para repartir o lucro. Sem remuneração fixa, portanto, e ainda a obrigação de obter lucro e principalmente dar lucro ao seu senhor. Vivia de trabalhar criando gado pra dividir o lucro com o dono legal da terra que, às vezes sequer sabia onde ela estava, pois nunca tinha vindo aqui” (BISPO, 2013, p. 67).

nesse período o começo do desenvolvimento da indústria canavieira em Sergipe. Com a fase canavieira entre os anos de 1750 e 1874 e a expansão da indústria açucareira, Itabaiana torna-se um grande centro produtor, principalmente na parte baixa que corresponde a região de Areia Branca. A partir daí começa a perder parte de seu território para outros municípios: Riachuelo, Laranjeiras e Itaporanga. A cidade depois desse desmembramento ficou restrita a parte interior da serra, ao mesmo tempo em que termina sua fase de produção de açúcar.

O algodão também fez parte das atividades econômicas desenvolvidas em Itabaiana, chegando a ser grande centro de produção, hoje é a cidade de Frei Paulo que se destaca e domina essa produção. No início essa atividade era muito lucrativa e de boa comercialização devido aos altos preços, chegando a custar cerca de 5 ou 6 vezes mais que o açúcar, porém, já não dando tanto resultado desde a década de 1930 começou a declinar, sendo o ano de 1970 considerado como de última safra.

Da emancipação política (28 de agosto de 1888) até meados dos anos de 1960 vários eventos de destaque colocaram Itabaiana cada vez mais em evidência, de forma a ocupar lugar de destaque não somente no interior sergipano como no estado como um todo.

Em relação a atividade agrícola, no ano de 1945 uma nova estação – Fazenda Grande – possibilita o cultivo de atividades além do algodão. A batata doce por exemplo ganha destaque por ser produzida e exportada até para o sul do país e mesmo para a Argentina, dando a Itabaiana o título de maior produtor de batata doce do estado ou quem sabe do Nordeste. Para Sampaio (1959),

Nas áreas de Itabaiana e de Lagarto, de lavoura diversificada, o Fomento Agrícola vem conseguindo êxito no sentido de que os pequenos agricultores façam mais uso de adubos. Nestas áreas do oeste o estêrco de curral está sendo abandonado enquanto são empregados em maior escala a torta de cacau, rica em potássio e fósforo, e a torta de mamona, rica em nitrogênio. A torta de cacau é mais empregada em Itabaiana, onde se acha bem desenvolvida a horticultura, e a torta de mamona é mais utilizada em Lagarto, onde domina a cultura do fumo (SAMPAIO, 1959, p. 54).

No ano de 1953 a BR-235 chega em Itabaiana possibilitando o ligamento direto entre ela e a capital Aracaju, comunicava-se com a BR-110 que sai de Alagoinhas até o Ceará com o objetivo de ligar Paulo Afonso a Recife, Salvador, Maceió e Aracaju, as principais capitais mais próximas. Em entrevista com o

historiador J. de A. Bispo em dezembro de 2013, o mesmo coloca que a cidade de

Itabaiana chegou ao ponto de em 1966 ganhar o título de celeiro de Sergipe e município modelo no país em função da distribuição de renda que existia, graças a pequena propriedade e esse mercado esplendoroso que existiu graças a criação da BR (BISPO, 2013).

Assim, essas estradas de rodagens que estavam atravessando Itabaiana possibilitou o surgimento de duas figuras muito importantes para a economia da cidade: o pequeno produtor e o caminhoneiro. O caminhoneiro tem um papel de grande importância, começando em meados da década de 1950 – quando já transportava cargas e cargas de produtos para o sudeste e sul do país e voltava com produtos industrializados – estendendo-se pelas décadas seguintes. Hoje o papel do caminhoneiro é considerado um dos mais importantes para o município sergipano,

Em 1956, já existia grande número de caminhões, fazendo viagens para os grandes centros do Estado e para o Sul do país, especialmente para o Estado de São Paulo. Foi aproximadamente nessa época que se deu início à expansão do comércio. Isso porque essas viagens proporcionaram acesso a uma variedade de mercadorias (I Enc. Cult. De Itabaiana, s/d, p. 25).

As primeiras observações feitas na cidade de Itabaiana sobre o processo de industrialização mostram que as primeiras indústrias surgiram quase sete décadas depois de sua emancipação: Fábrica de Vinagre Reunidos Fontes (Vinagre - 1950), Fábrica Nossa Senhora da Conceição (Carroceria para caminhões – 1957) e Nova Aurora (Concreto – 1960). No início elas eram muito modestas, com uma mão de obra em sua maioria familiar, técnicas mais artesanais, matérias primas advindas de povoados e cidades próximas e uma produção voltada para o consumo da própria cidade e redondezas. Para efeito de análise pode-se refletir mediante a observação de Mamigonian (1965, p. 73) quando aponta que “a quase totalidade das iniciativas dão nascimento, no início, a pequenos estabelecimentos, mesmo se, na origem, o negócio não é exclusivamente familiar”.

A atividade industrial na cidade de Itabaiana, encontra-se em processo de implantação e consolidação. Nos dias atuais essa atividade vem aos poucos ganhando espaço, ela surge na cidade por volta da década de 1950, tendo sua

gênese relacionada fortemente com a fábrica de carrocerias para caminhão – Bispo, (2013, p. 36) “mostra que a produção de carrocerias para caminhões é tão antiga quanto a existência dos caminhões com carrocerias em madeira” –, diga-se que a pioneira no ramo foi a “Fábrica Nossa Senhora da Conceição”.

Nota-se que o papel desempenhado pelo transporte, mais precisamente o caminhão – Itabaiana é a cidade sergipana que mais tem caminhão, inclusive proporcionalmente está entre as dez mais do Brasil –, foi o responsável por impulsionar o surgimento de indústrias e vários tipos de serviços, a maioria relacionado com o transporte: oficinas, pintura, motor, parte automotiva, fabricação de peças etc.

Em meados de 1960 a “Nova Aurora” dar o ar da graça, relacionada diretamente com o ramo de concreto, fábrica de artefatos de cimento. Nessa mesma década, surge a indústria ceramista com a produção de tijolos e telhas, com uma concentração bastante forte na zona rural abrangendo cerca de 25 olarias, ganhando papel de destaque como centro ceramista do Agreste Sergipano, de tal forma que considera-se ter um faturamento maior que o de carrocerias. Portanto,

Além do setor ceramista, o ramo industrial em Itabaiana ainda conta várias indústrias de carrocerias para caminhões – uma tradição na cidade – pequenas movelarias, indústrias de artefatos de cimento, mormararias, confecções, vários estabelecimentos no setor calçadista, e o tipo mais abrangente depois das cerâmicas: o da indústria alimentícia de pequeno porte (BISPO, 2013, p. 36).

Fora os casos aqui já apontados, cabe fazer referência a algumas empresas e/ou indústrias que sobressaíram e que foram responsáveis por impulsionar o desenvolvimento econômico da cidade: CERÂMICA MANDEME LTADA – 1997, esta pertence a Antônio Fernando (62 anos) e surgiu a partir de uma sociedade entre três irmãos, tendo aprendido a arte ceramista quando trabalhava com o tio (Higino da Cerâmica Higino). Contava com um contingente de 20 funcionários no início; CARROCERIA SÃO CARLOS – 1982, o proprietário José Carlos dos Santos, filho de José Alves dos Santos, conhecido popularmente como Zé de Dona (85 anos), este foi um dos pioneiros no ramo de carrocerias com a Carroceria São José. Começou em Areia Branca, tendo um maquinário mais simples. Na época de seu surgimento contava com cerca de 10 funcionários; FERREIRA CONSTRUÇÕES E SERVIÇOS – 2000, surge através da iniciativa de

Carlos Ferreira da Silva (65 anos) quando do início a mesma contava com apenas seis funcionários, Foi feito empréstimos a amigos para poder começar. No decorrer dos anos foram adquirido um maquinário melhor, como as empilhadeiras, já que no início o carregamento era feito à mão ou na talha (espécie de empilhadeira), e foi João da Fábrica (dono da Nova Aurora) quem ensinou Carlos Ferreira da Silva a arte de trabalhar nesse ramo; FÁBRICA DE VINAGRE REUNIDOS FONTES – 1950, esta teve seu surgimento no quintal da casa do próprio dono; FAMÍLIA PEIXOTO – é uma família tipicamente itabaianense, pessoas que se dedicaram ao comércio (supermercados). Eles começam a partir dos anos de 1980 e no ano de 1983 surge o primeiro mercadinho.

Além do setor secundário, o setor terciário tem ganhado destaque dentro desse desenvolvimento. A cidade de Itabaiana apresenta uma grande diversificação em sua economia, com um setor terciário que surpreende e que representa uma parcela significativa no que se refere ao desenvolvimento econômico da cidade. Juntos, o comércio e os serviços são responsáveis por cerca de 70% da economia da cidade, mostrando seu potencial e a grandiosidade do comércio, considerado o maior do interior de Sergipe. Logo, “Itabaiana é, dentro do contexto sócio-econômico do Estado, uma área de destaque. Esta situação é produto da capacidade comercial que este sempre obteve, desde sua formação” (SANTOS, 2009, p. 167). Para a comerciante e proprietária da loja Joalheria A Novidade em Itabaiana, Maria Iramí de Almeida de 69 anos, *“o povo de Itabaiana, o povo agrestino, é muito trabalhador, inteligente e já nasce com o “tino” (dom) do comércio”*.

O mercado de hortifrutigranjeiros (centro de distribuição para vários municípios e estados) e a feira livre (que espraia-se por mais ou menos 20 mil metros quadrados) ganham destaque ao se tratar de comércio nessa cidade. Nos anos de 1986 a inauguração de duas barragens que beneficiava o sistema de irrigação, foram essenciais para uma produção em escala cada vez maior de hortifrutigranjeiros, refletindo na grandiosidade que é hoje a atividade na cidade, onde segundo Bispo (2013) “o município é forte produtor de hortaliças, graças à irrigação, destacando-se os perímetros irrigados dos projetos Jacarecica I e

Ribeira, e o Açude da Macela, o pioneiro” (BISPO, 2013, p. 34). Em relação a estes projetos,

Itabaiana tem diversificado sua produção, como também tem sediado espaços de armazenamento, e o estado tem obtido auto-suficiência na maior parte dos produtos olerícolas consumidos, uma vez que, estas deram possibilidades de implantação de sistemas de irrigação, a difusão de insumos modernos e pacotes tecnológicos (SANTOS, 2009, p. 168).

A maior parte dessa produção é destinada a comercialização na própria cidade, junta-se uma produção que vem de todo o baixo São Francisco e outros estados. Essa comercialização é feita em grosso principalmente na quinta-feira, nas proximidades da área onde é realizada a feira-livre e do mercadão e daí são distribuídas para Maceió, Recife, Salvador, Aracaju e outras cidades de Sergipe e de outros estados. Assim,

Hoje nós somos um grande centro distribuidor, de qualquer forma isso se dá graças ao sistema local, que é primariamente o responsável por agregar tudo isso, além obviamente que o pessoal ganhou muito dinheiro com isso, o empresariado que trabalha no setor não ficou no mercado itabaianense, tem Itabaiana como centro de convergência e daqui difunde para o mercado brasileiro, especialmente as quatro capitais mais próximas e em caso de produtos típicos, específicos no caso da batatinha vai até a Argentina e o Chile (BISPO, em entrevista concedida em 17 de dezembro de 2013).

Mediante o exposto, nota-se que a partir da década de 1960 com a exportação dos produtos locais apoiados no ramo dos transportes, o comércio começou a se fortalecer e se estruturar ganhando novos rumos. Assim, observa-se que Itabaiana tem a característica de ter muita gente comerciante – *“Cidade de gente milionária. Povo muito sabido, inteligente, cai um pingo d’água e o povo dá nó e vende”* (CATARINO CARDOSO, entrevista concedida em 16 de dezembro de 2013) – e para que essa força do comércio se expandisse foi essencial o papel desempenhado pela estrada, dando impulso ao seu comércio, de forma tal que quem entra, entra com toda força e dificilmente sai.

## 5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. **Sergipe: fundamentos de uma economia dependente**. Petrópolis: Vozes, 1984.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Espaço, Polarização e Desenvolvimento: teoria dos pólos de desenvolvimento e a realidade nordestina**. 2ª ed. Editô Brasiliense, 1970a.

\_\_\_\_\_. **Nordeste, Espaço e Tempo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes Limitada, 1970b.

\_\_\_\_\_. **Geografia Econômica do Nordeste: o espaço e a economia nordestina** 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1974.

\_\_\_\_\_. **O Processo de Ocupação do Espaço Regional do Nordeste**. 2ª ed. Recife, SUDENE-Coord.Planej.Regional, 1979.

\_\_\_\_\_. **O Nordeste e a Questão Regional**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. **A Terra e o Homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

ANDRADE, Manuel Correia de, ANDRADE, Sandra Maria Correia de. **A Federação Brasileira: uma análise geopolítica e geo-social**. São Paulo: Contexto, 1999.

ARAÚJO, T. B. de. **Herança de Diferenciação e Futuro de Fragmentação**. In: Dossiê Nordeste I. Estudos Avançados 11 (29), 1997.

BRADFORD, M. G.; KENT, W. A. **Geografia Humana: Teoria e suas aplicações**. Lisboa: Gradiva, 1987.

BRAUDEL. F. **Civilização Material, Economia e Capitalismo Séculos XV-XVIII**. Tradução: Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CARDOSO. C. A. de A. **A Feira de Campina Grande: onde se encontra o moderno e o tradicional**. In. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010.

CARDOSO, Maria Francisca Thereza C. **Campina Grande e sua função como Capital Regional**. In. Revista Brasileira de Geografia, 1963, VOL. 5 n. 4.

\_\_\_\_\_. **Caruaru: A Cidade e sua área de influência**. In. Revista Brasileira de Geografia, 1965, VOL. 27 n. 4.

\_\_\_\_\_. **Feira de Caruaru**. In. Revista Brasileira de Geografia, 1967, VOL. 29 n. 1.

CARVALHO, Cícero Pérciles de. **Economia Popular: uma via de modernização para Alagoas. Maceió**. 4ª ed. rev. e ampl. – Maceió: EDUFAL, 2010.



CARVALHO, D. M. de; COSTA, J. E. da. **A Geografia (Des)Conhecida de Itabaiana/SE**. São Cristovão: Editora UFS, 2012, 304 p. : il).

CONTEL, F. B. **Espaço Geográfico, Sistema Bancário e a Hipercapitalidade do Crédito no Brasil**. Caderno CRH, Salvador, v. 22, n. 55, p. 119-134, Jan/Abr. 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. Repensando a teoria dos lugares centrais. In: SANTOS, Milton (coord.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. Interações Espaciais. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DANTAS, G. P. G. **Feira Livre de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960/2006)**. Natal, RN, 2007. 202 f.

DICKEN, Peter. **Mudança Global: mapeando as novas fronteiras da economia mundial**. Bookman, 5ª edição, 2010.

DIÉGUES JR., Manuel. **O Engenho de Açúcar no Nordeste**. Maceió: EDUFAL, 2006, 92p. : il. (Coleção Nordestina).

DUARTE, Abelardo. **As Alagoas na Guerra da Independência**. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1974.

GUEDES, Zezito. **Arapiraca Através do Tempo**. Maceió: Mastergraphy, 1999.

LIMA, J. C. **Negócios da China: a nova industrialização do Nordeste**. Revista Novos Estudos/CEBRAP, São Paulo, nº 49, novembro, 1997, p. 141-158.

LIMA, P. **Economia do Nordeste: tendências recentes das áreas dinâmicas**. Revista Análise Econômica, Ano 12, mar/set 1994, p. 55-73.

MAMIGONIAN, Armen. **Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau**. In: Revista Brasileira de Geografia, 1965, VOL. 27 n. 3.

\_\_\_\_\_. O Nordeste e o Sudeste na Divisão Regional do Brasil. In: **Geografia Econômica – Anais de Geografia Econômica e Social**. Grupo de Pesquisa/CNPq Formação Sócio-Espacial: Mundo, Brasil e Regiões. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Impressão no Departamento de Geociências, abril de 2009.

MELO, Mário L. de. **Os agrestes: estudo dos espaços nordestino do sistema gado-policultura de uso de recursos**. Recife, SUDENE: Estudos Regionais 4, Coord. Planej. Regional, 1980.

MENEZES, D. **O Outro Nordeste: formação social do Nordeste**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1937.

PAZERA JR. E. **A Feira de Itabaiana – PB: permanência e mudanças.** São Paulo - SP, 2003, 201 f.

PERROUX, F. O Conceito de Pólo de Desenvolvimento. In: **Urbanização e Regionalização: relações com o desenvolvimento econômico.** Rio de Janeiro/IBGE, 1978, p. 97-110.

POLANYI, Karl [1944]. **A grande transformação: As origens da nossa época.** Rio de Janeiro, Campus, 1980.

RANGEL, Ignácio. A História da Dualidade Brasileira. **Revista de Economia Política.** São Paulo, v. 1, n. 4, p. 5-34, out./dez. 1981.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Desenvolvimento Econômico Brasileiro.** Bial, 2ª ed. 1990.

\_\_\_\_\_. **Obras reunidas/Ignácio Rangel.** – Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento. 2012. 2v. (1.508p.)

ROCHEFORT, Michel. Distribuição dos Serviços Comerciais no Estado de Pernambuco. **AGB – Anais**, Vol. XIII (1959-60). São Paulo, 1964.

SANTOS, M. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia: AGB**, São Paulo, n. 54, p. 81-99, jun. 1977.

\_\_\_\_\_. **O dinheiro e o território.** GEOgraphia – Ano. 1- Nº 1 – 1999.

\_\_\_\_\_. **Pobreza urbana.** 3. ed. São Paulo: EDUSP, [1978] 2009.

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países desenvolvidos.** 2º ed., 1. reimpr. – São Paulo: EDUSP, [1979] 2008.

\_\_\_\_\_. **A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos.** 3. ed. São Paulo: EDUSP, [1980] 2010.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4ª ed., 4. reimpr. São Paulo: EDUSP, [1996] 2008.

\_\_\_\_\_. **Por uma Outra Globalização – do pensamento único a consciência universal.** 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.